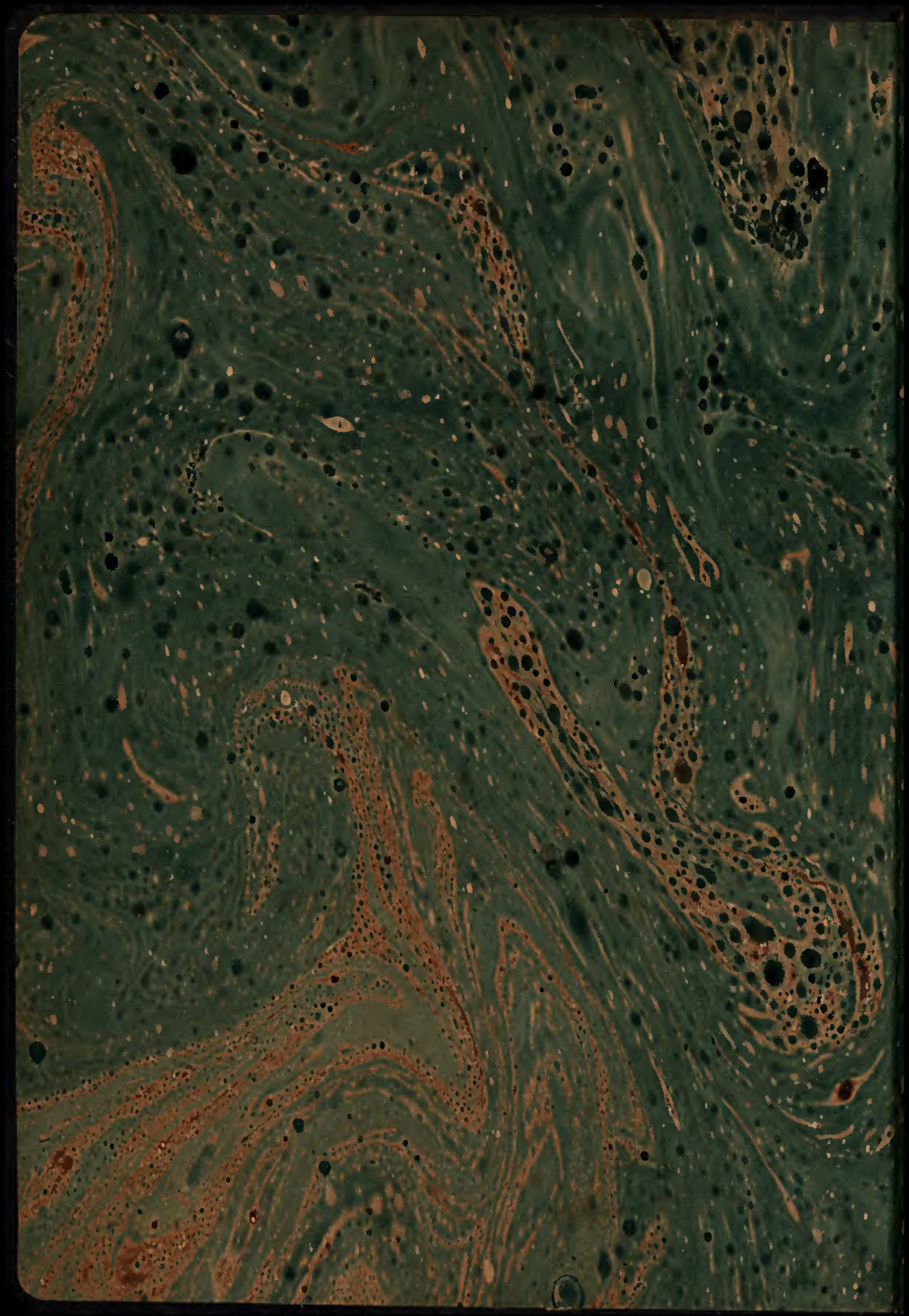
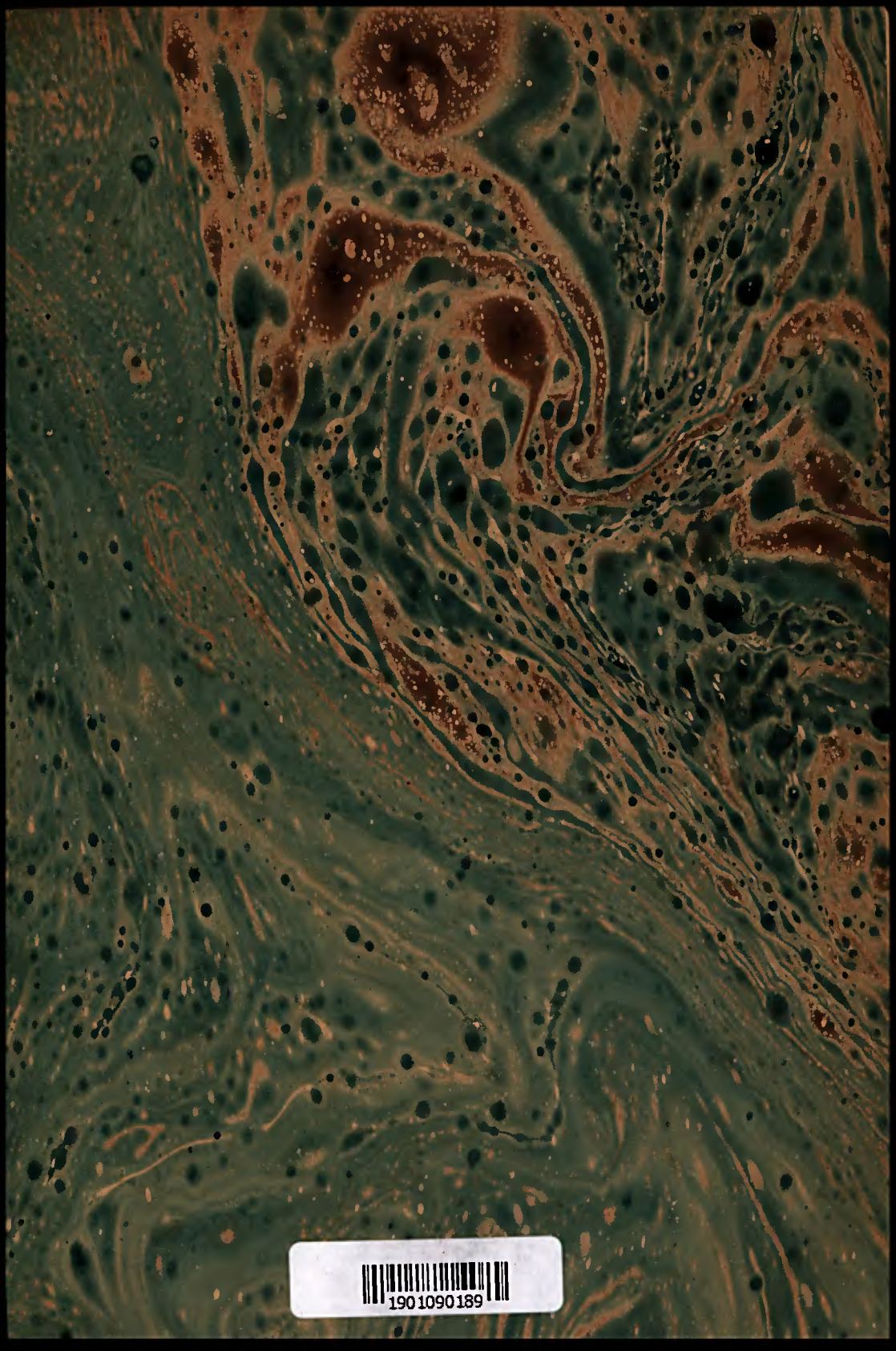



1901090189

LAUDELINO FREIRE

Gallicismos

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto
90.183/12

Acervo
Prof. Dr. Ermínio Rodrigues

RIO DE JANEIRO
S. A. LITHO-TYPOGRAPHIA FLUMINENSE
24 - RUA DA QUITANDA - 24

1921

07/05/2012
DOAÇÃO
PROF. ERMÍNIO

" A Revista inclue ainda o Vocabulario de gallicismos, commentados proficientemente pelo professor Laudelino Freire, que destarte compõe o mais completo trabalho que possuimos na materia. "

JOÃO RIBEIRO.

"Imparcial"— 19 Janeiro — 1920.

... Todos os idiomas vivos permutam uns com os outros. Seria de-satino recusar esses subsidios, tão inestimaveis quão imprescindiveis, que se mutuam as linguas, emquanto não fossilizadas. Condemnar, pois, em absoluto os estranjeirismos fóra não ter senso commum. Não são os gallicismos em si mesmos o que se repelle, mas a superfluidade evidente, ou a crueza indigesta, nos gallicismos. Podemos importar de França, o *que não tivermos*, e necessitarmos, comtanto que o façamos respeitando as leis da morphologia na historia natural da genese e transformação das palavras... Mas, para lhes dar legitimidade, não basta de per si só o nome refulgente dos autores, que os adoptam. Consultaram o genio da lingua? Obedeceram ás exigencias da lingua? Observaram os moldes da lingua? Bemvindas sejam, nesse caso, as innovações. Não o fizeram? O bom siso, a sciencia, a arte no-los mandam repellir.— RUY BARBOSA, *Replica* § 470.

O escrever e falar com abundancia, variedade de dicção, propriedade, acertada collocação e devido numero, é um apuro que se não pode exigir de toda a gente: a uma, porque nem todos nasceram para tudo; e a outra, porque os estudos deste genero consomem demasiado tempo para quem tem outras coisas mais rendosas, mais avultadas, ou mais de sua indole e a seu gosto para fazer. Mas entre a perfeição esmerada e a incuria ignobil; entre o classicismo e o barbarismo há um meio termo que todos devem forcejar por attingir. Não é ainda virtude, mas é já isenção de vicio. Ora, é para aquelles de nossos leitores, que estiverem para baixo desse meio termo, e desejarem discretamente alcançá-lo ou transcênde-lo, que nós ideámos ir apresentando aos poucochinhos, nesta folha, não um curso de lingua portugnesa, deduzido, raciocinado, completo, senão só algumas observações ligeiras e fortuitas sobre alguns dos erros mais frequentes que por ahi grassam no falar e no escrever. Parece-nos que, aproveitando a alguem, ainda que pouco seja, já não será de todo mal empregado este pequeno trabalho... — A. CASTILHO, *Arch. Pitt.* v. 2, p. 298.

Antes que se me diga, dizê-lo hei que cultivei omissamente essa deploravel indifferença, não buscando expungir da minha linguagem o travo do gallicismo escusado e inutil. — L. F.

Aos que se não entregam á investigação das difficuldades idiomaticas — uns por avessos, descuidosos, indifferentes e desamorados da boa linguagem, e outros porque lhes falte tempo, ou lhes não permittam circumstancias o cuidarem nella — não será inutil o terem á mão certo numero de gallicismos defesos, que não devem de ser incorporados á lingua, para que não venham enxertá-la de vocabulos impuros, que lhe deslustrem o brilho e lhe pervertam a indole.

Dei-me por isso ao trabalho dessa compilação, na qual tenho em mira alphabetar os gallicismos, que certamente não usará toda linguagem que pretenda revestir-se de propriedade, correcção e limpo aspeito. Já de muito vae subindo o numero delles, para gaudio dos galliciparlas; e com elles medrando vae a indifferença dos que meneiam a penna, embebendo-a da tinta espuria e alheia, de alheio emprestimo, como se á nossa opção se não offerecessem recursos opimos e quasi inexhauriveis de um vocabulario tal, que

o não excede outro de romanicas linguas. E' bem de ver que me não dirijo aos doutos, de cujo numero, aliás tirante certa parte, a maior ha mister de muita lição nos segredos da linguagem. Quero ser util áquelles a quem, a falta de lazer e occupações teem servido de justa causa do desamor do bem dizer. E' innegavel que se não tem em grande preço entre nós o valimento da lingua. Havemo-nos culpavelmente no descuido della, e escrevemos, por assim dizer, acintemente á vernaculidade, á pureza e á intelligencia do idioma. Os nossos escriptores, precisamente os que formam a nata da intellectualidade, em regra desadoram a boa expressão e claudicam lamentavelmente.

Do seculo passado para cá assiste-se em Portugal ao desmoronamento da lingua, affirma LEITE DE VASCONCELLOS. Nenhuma leitura dos livros classicos, desconhecimento cada vez maior do latim, influencia da literatura francesa e falta de sentimento patriotico — taes são as causas desse desmoronamento. E não são outras, entre nós, as da impureza e notoria incorrecção da linguagem, ás quaes seria licito juntar o jornalismo, que é alvião quotidiano, a destruir-lhe a vernaculidade. Ao jornalismo accrescenta RUY BARBOSA a vida parlamentar e a administração, que «teem sido em toda parte, (quanto mais entre nós!) os mais poderosos corruptores da lingua e do bom gosto.»

Se aos homens que discursam e elaboram leis, não fôra dado pedir grammatica e senso linguistico na codificação dellas; se na administração, desde o primeiro ao ultimo de seus representantes, não é possivel evitar que o escalracho do estilo official damnifique a linguagem, o mesmo não se poderá dizer do jornalismo, de cujos directores, homens, no geral de espirito e intelligencia, será licito esperar vigilancia e desvelo, porque a linguagem de fôrma se nos apresente á casa em mais limpo aspecto, na sua graphia e na sua syntaxe, na sua intelligencia e nos seus dizeres. Fariam officio de lança de Achilles, como diria CASTILHO ANTONIO: feriram, curem.

Prestariamos ás letras serviço efficacissimo, cujos resultados viriam unir-se aos esforços dos que resistem á introducção de palavras e frases alheias no idioma, lhe propugnam a pureza e lhe preservam a independencia. E «essa resistencia exprime a força conservadora das linguas, tão essencial á existencia dellas, quanto o são as suas tendencias de expansão e progresso. Os puristas de que zomba a leviandade ociosa e gárrula, constituem, á disposição

daquella força, um elemento de solidez e durabilidade. Só os frivolos, ou os ignorantes, lhes não reconhecerão «...o relevante serviço que prestam, combatendo as importações injustificaveis ou pedantescas.» (RUY BARBOSA).

No que concerne particularmente ao emprego dos gallicismos, luzirão sem duvida tambem os ensinamentos — imprescindiveis aos estudiosos — do cardeal patriarca D. Fr. Francisco de S. LUIZ, no seu *Glossario* das palavras e frases da lingua francesa; do padre Juan MIR, no seu *Prontuario de Hispanismo y Barbarismo*; de RUY Barbosa, na *Réplica* ás defesas da redacção do Codigo Civil, além dos de Silva TULLIO, Neves PEREIRA, Francisco José FREIRE, Leite de VASCONCELLOS, Heraclito GRAÇA, CASTRO Lopes, Candido LAGO, CARNEIRO Ribeiro, João RIBEIRO, EPIPHANIO Dias, OTHONIEL Motta, Guilherme BELLEGARDE, J. NORBERTO, Gonçalves VIANNA, Miguel de TORO, Enrique OLIVER, e outros. Esta pleiade de paladinos da bôa linguagem combate a rigor, qual mais, o facil uso dos estranjeirismos.

Os idiomas mutuam-se; mas é mister que se tenha criterio seguro no emprego dos vocabulos e frases provenientes de estranhas linguas. RUY, mestre insigne no escrever castiço e elegante, escriptor hoje sem par no meneio da lingua, na segurança da sua vernaculidade, no rigor da sua pureza e na expressão encantadora da sua opulencia, escreve: — «Aquelles que educaram a faculdade da palavra na lição de escriptores estranjeiros, que se afizeram a pensar num genero de aravia cosmopolita, feita a esmo de quantos residuos o contacto de idiomas peregrinos lhes foram imbutindo na mente, que habituaram o ouvido a essa lingua bastarda, a esse dialecto promiscuo, a esse falar incongruente e discolo, perdendo o senso da vernaculidade, o tino da sua belleza, a intelligencia da sua harmonia, acabam por suppôr seriamente mais clara essa miscellanea amorpha, emburilhada e rude, esse português mestiço de entre lobo e cão, no pitoresco dizer dos nossos maiores, que o genuino fraseado patrio, onde até as singularidades, os modismos, as anomalias são traços de luz, gradações de idéas, claroescuros de perspectiva na imagem verbal do pensamento.» (p. 504). Além de gallicismos, escreve o cardeal SARAIVA, ha certo pensar francês, o qual, ainda mais que os vocabulos e frases individualmente consideradas, altera a forma original do idioma, e lhe dá um colorido estranjeiro e alheio da sua natureza (p. VIII).

Veem de molde estas palavras do grande Antonio CASTILHO: — «O péssimo de todos os gallicismos, o mais frequente, o que já vae tanto de foz em fóra, que nem nos arriscamos a futurar se haverá diligencias que lhe tenham mão, é o gallicismo de contrucção e contextura de periodo. Uma differença caracteristica dos periodos, francês e português, é esta: que o francês se adstringe, quasi sem excepção, á chamada ordem grammatical, collocando primeiro o sujeito, depois o verbo, por ultimo o complemento, quer este seja attributivo, quer objectivo; isto é, ou designe predicado, ou paciente, segundo a natureza neutra ou transitiva do mesmo verbo. O português, quanto mais genuino, tanto mais propende para pôr primeiro o verbo, e depois o seu agente; e se constantemente o não faz, é porque algumas vezes lho embarga a suprema lei da clareza, outras a da harmonia. Assim, quando o francês diz: *le roi était á cette époque à Versailles*; o português traduz: *estava el-rei naquelle tempo em Versalhes.*»

Além do gallicismo vocabular e fraseologico, convirá dar attenção a outras especies delles, que os não terá em boa conta a linguagem asseada Taes o orthographico, o prosodico, e de genero, o de numero e o de accepção. Por isso, sem que nos possam acoimar de exigentes, contemplámos — *craneo*, em vez de cranio, *massiço* em vez de maciço; *chlorureto* em vez de chloreto, *massagem* em vez de maçagem, sem contar os numerosos vocabulos erroneamente escriptos, com a desinencia *isar*, á francesa, em logar de *izar*, como se vê em *civilisar*, *realisar*, *mobilisar*, etc., graphias estas que são gallicismos orthographicos.

Occorrem-nos entre os prosodicos — *syndrôma*, em logar de syndroma ou syndromo; *isocróno*, em logar de isócrono; *zoophyto*, em logar de zoóphyto; *resedá*, em logar de reseda, etc.

Como os franceses masculinizam as palavras — *facies* (le facies», diabetes (diabéte»; *colera* (le choléra), *tibia* (le tibia), etc., chamamos-lhe nós gallicizando, — *o tibia*, *o colera*, *o facies*, *o diabetes*, etc.

Contrariamente ás regras vernaculas do plural dos nomes, escrevemos e dizemos á francesa, *alcools*, *ethers*, etc., quando ellas nos determinam as formas *alcooes*, *etheres*, etc.

Finalmente, temos o gallicismo de accepção na palavra *abordar*, além de outras, quando usada com a significação de tratar

um assumpto, uma questão, visto que ella só é português legitimo no sentido nautico.

Não se pode prescindir da autoridade de MARIO Barreto, em assumptos attinentes ao escrever correcto. Saem-lhe da penna estes conselhos, em estilo em que a elegancia se casa com a clareza; — «Nota-se com magua a sempre crescente decadencia dos estudos de nossa lingua. De día para dia a boa linguagem se corrompe e vae perdendo com a facilidade e a falta de escrupulo na introducção de vocabulos e modos peregrinos. A raiz do mal está em que vaidosamente cremos saber a nossa lingua, e não a estudamos, ou estudamo-la imperfeitamente: os Diccionarios que se deviam manusear assiduamente, pois que são os unicos livros que, senão toda, conteem quasi toda a lingua, não merecem a honra de um olhar, e o tempo que utilmente se empregára em os ler, reler e estudar, gasta-se na leitura de livros estranjeiros, principalmente franceses, que são o amor e o encanto da gente de agora, ou nas frivolas e balofas novelas que hoje em dia se escrevem apestadas de gallicismos; os dignos mestres que procuram diffundir o uso e o amor da lingua portuguesa, pura e castiça, fazendo-lhe a propaganda com livros, nas cathedras onde ensinam, em jornaes ou revistas, e fazem advertencias endereçadas a impedir a corrupção do idioma, são ridiculizados com os apodos de puristas, pedantes, grammaticos, por aquelles que, em vez de confessar que empregam construcções viciosas ou barbaras por ignorancia das castiças e correctas, preferem fazer do sambenito gala, e mofar dos que manteem os fóros da syntaxe portuguesa; — ninguem tem tempo ou paladar para leituras classicas, e sem embargo, os nossos bons e antigos escriptores são a fonte onde a moderna fala deve purificar-se, e o antidoto contra a barbarica licença em materia de lingua.» (II, p. 363).

Para diminuir, ou evitar prejuizos que á vernaculidade causa a invasão de vocabulos e expressões de outras linguas, o idioma materno deve blindar-se, no uso delles, do justo criterio com que CANDIDO DE FIGUEIREDO os distingue, separa, joeira e admitte. Uns são imprescindiveis, diz elle, e fazem parte do idioma nacional; outros convenientes, e do seu discreto emprego podem advir vantagens; outros ainda são apenas toleraveis, e procede louvavelmente quem os dispensa; e muitos ha, muitissimos até, que só

se empregam por indesculpavel ignorancia ou por condemnavel desaffecto á pureza da lingua.

E' desta ultima categoria que aqui se trata no inventariar certo numero dos que devem ser desterrados da linguagem, ou aos quaes se não pode dar guarida, nem foro de vocabulos correntes e expressões correctas. Venham as novidades, embora ádvenas, mas recebendo feição vernacula, sustenta RUY. Venham os estranjeirismos assim transformados, comtanto, porém, que sejam necessarios. Ha um principio generico, de que se não deve desfitar a vista: é que não é licito enxertar o nosso idioma de palavra estranjeira, destinada a representar uma idéa que pode ser expressa por uma palavra portuguesa, sustenta FIGUEIREDO. A esses dois canones me ative. São elles, accrescenta RUY, os que me inspiram objecções a vocabulos de feitio de *honorabilidade*, *propositalmente* e outros, o primeiro pela sua inutilidade e obscuridade, o segundo pela sua superfluidade e invernaculidade, os demais, todos elles, por motivos igualmente estribados nessa dupla regra, a que toda escriptura limpa deve obedecer.

Só conheço no mundo, escreve o velho CASTRO LOPES, duas nações, que teem gosto particular em estragar a sua linguagem, inçando-a de palavras alienigenas: são Portugal e Brasil. Nestes dois países, entretanto, o instrumento da traducção das idéas, que é para ambos o mesmo, tudo pode exprimir; e quando não possua vocabulo para verter uma ou outra palavra estranjeira, tem nos proprios elementos vernaculos; (não querendo ir ao grego ou ao latim, de que se deriva o seu idioma, do latim, principalmente), recursos para formação de neologismos. (p. 63).

Colhidos na leitura dos mestres e seguidos dos commentarios que delles fazem, os gallicismos aqui inventariados são os que não permitte essa dupla regra a que deve subordinar-se o uso de estranjeirismos. E' que é mister que a palavra peregrina, para ter ingresso na lingua materna e se lhe incorpore sem a deturpar,

a) seja necessaria em virtude de não existir outra que possa representar a idéa que se tem em mira exprimir; e

b) se revista de feição vernacula, amoldando-se ás regras da derivação e á indole do idioma.

Advirtamos que alguns gallicismos reprochados os não incluimos visto não serem de uso no falar do Brasil. Assim acontece com *abbade*, de que não usamos com applicação a todos os clerigos; com *abordo*, na accepção de acolhimento; com *abusado*, na de enganado; com *armada*, na de exercito de terra, etc., etc., repudiados pelo cardeal SARAIVA. Tambem aqui não contemplamos innumeras palavras e locuções propriamente francesas, conservadas na sua graphia de origem, porque não nas consideramos gallicismos, uma vez que as escrevemos sublinhadas ou em italico. São hoje palavras e expressões incorporadas na lingua portuguesa e a ella convenientes, não só pela força do uso assim no estilo erudito que não popular, senão tambem porque não temos equivalentes de accepção rigorosa. E' o que occorre com — *aigrette*, *bibelot*, *cabaret*, *marche aux flambeaux*, etc. E' sabido que a moda de figurinos tem admittido a *aigrette*. Não lhe substituem realmente o significado os termos lembrados por FIGUEIREDO. *Martinete*, *cocar* ou *tope* — nenhum como *aigrette* traduz tão bem os pennachos e pennas, com que se adornam chapeus de senhoras. O mesmo acontece com *marche aux flambeaux*. Nem o termo *archotada*, quiçá de boa formação e derivação, empregado por CAMILLO, traduzirá com propriedade e rigor o sentido que queremos designar quando nos utilizamos daquella expressão.

Em português castiço temos a frase *procissão dos fogaréus*, ou *procissão de luminarias*, que, entretanto, lhe não substituem o sentido, por ser aquella de uso exclusivo no religioso e a segunda não ter o mesmo sentido. *Procissão dos fogaréus* chamamos nós á procissão que se realiza na quarta-feira de trevas.

Destarte julgamos conveniente incluir somente na lista dos gallicismos os vocabulos meramente franceses, que, sem necessidade alguma e desabusadamente, estão invadindo o idioma patrio.

Na *Réplica* ás defesas da redacção do projecto do Codigo Civil brasileiro, monumento immorredoiro que á lingua nacional erigiu RUY BARBOSA, encontram-se expressões e palavras, que por terem «phisionomia tirante ao francês», parecem mas não são gallicismos. E porque tenham aquella phisionomia afrancesada, chama-lhes o autor da *Réplica* — gallicismos aparentes, e gallicismos suppostos, denomina-os JOÃO RIBEIRO em a nota 162 da sua formosa *Selecta Classica*.

De bom aviso é ter sempre em vista que a semelhança graphica e, ás vezes, a quasi completa identidade de palavras e expressões francesas com palavras e frases vernaculas, fundamento não é para que as consideremos aliterações ou adaptações de importações grosseiras.

Não raro, adverte RUY, supponos topar uma francesia descabellada e impudente, onde o que ha, na realidade, é uma excellente locução vernacula, vernaculissimamente empregada. Isso, não só com o vocabulario, senão tambem com o frasear. Assim occorre com as palavras e expressões seguintes, além de outras — attender, por esperar; demandas, em vez de perguntas; fazer faltas, fazer fazer, fazer mal fim, fazer perda, fazer prazer, fazer proveitos; grandura; guarecer; letra; marchante; messageria; multitude; prodigar; remercear; reguardar; ver dos olhos; visagem; começar de; principiar de; vir de; entrar de; pegar de; dever de; usar de; jurar de; escusar de; forcejar de; esprobar de; recear de; punir de; tentar de; continuar de; folgar de; costumar de; ousar de; comprazer-se de; defender de; merecer de; cuidar de; esperar de; pretender de; temer de; ordenar de, etc. Essas expressões da mais antiga, segura e autorizada vernaculidade, mas de phisionomia tirante ao francês, passariam por despejados gallicismos, aos olhos de quem não tivesse muita lição dos nossos bons modelos. (p. 540).

No registo que adeante se vae fazer, muitas expressões e palavras nelle incluidas, já são de uso corrente. Isso, porém, não absolve da pecha de impura e descuidada a linguagem que se deixe corromper e desnaturar.

Essa colheita, realizada por forma que não representa um repositorio de modos de ver pessoaes e desautorizados, é a summula dos ensinamentos dos mestres. Pondo-a sob as vistas do leitor, que algum proveito della possa auferir, inspira-nos o sentimento patriotico de concorrer para a sustentação da muralha que devemos ter sempre levantada contra a immigração vocabular e fraseologica, desnecessaria e espuria, que importa a alteração irracional e viciosa da linguagem.

Se é verdade, como elegantemente diz o professor CARNEIRO que «nenhuma lingua ha, por mais abundosa que seja, por mais copioso e opulento que tenha o seu vocabulario, que, não por mingua ou pobreza, senão por uma condição ligada á sua propria

vitalidade, como instrumento do homem na vida social, não recorra a um ou mais idiomas para com propriedade e exacção exprimir na linguagem todas as necessidades do espirito », — menos exacto não será, por outro lado, a verdade que se não deixe recorrer a idiomas alheios senão quando a necessidade o imponha, para que nos não invadam « essas palavras e construcções que se não adaptam ao genio do nosso idioma, que tendem a desfigurá-lo, roubando-lhe a pureza e graça nativa, desvirtuando-o e defraudando-o de suas feições vernaculas ».

Estas duas verdades afinal se reduzem a uma só e formam o canone unico a que deve ater-se todo aquelle que fôr cioso da propria nacionalidade: — recorrer ao peregrinismo sómente quando se verificar a ausencia ou insufficiencia de meios de expressão convenientes, casos que, dada a opulencia da lingua nacional, amiude não podem occorrer.

Rio de Janeiro — 1919.

Sandelius Freire

AUTORES E LIVROS CITADOS

A. da Silva TULLIO . . . . . *Estudinhos da Lingua Patria, Os Gallicismos*, etc.

O nome do autor e obra serão assim abreviadamente citados — TULLIO.

Antonio de MORAES Silva . . . *Diccionario* da Lingua Portuguesa, 2ª ed. Idem, idem — MORAES.

A. R. Gonçálves VIANNA . . . . *Palestras* Philológicas. Idem, idem — VIANNA.

Candido de FIGUEIREDO . . . . *Lições Praticas*, 5ª ed. Idem, idem — FIG., *Liç.*

Os Estranjeirismos, 3ª ed. Idem, idem — FIG., *Est.*

Vade-mecum, 1914. Idem, idem — FIG., *Vm.*

Falar e Escrever, 2ª ed. Idem, idem — FIG., *Fal.*

Vicios da Linguagem Medica, 1910. Idem, idem — FIG., *Vic.*

Candido LAGO . . . . . *O que é correcto.* Idem, idem — LAGO.

CASTRO Lopes . . . . . *Neologismos indispensaveis e Barbarismos dispensaveis*, 2ª ed. Idem, idem — CASTRO.

Enrique OLIVER Rodrigues . . . *Prontuario del idioma.* Idem, idem — OLIVER.

Ernesto CARNEIRO Ribeiro . . . *A Redacção do Projecto do Codigo Civil e a Réplica do Dr. Ruy Barbosa.* Idem, idem — CARN., *Rcd.*

Serões Grammaticaes. 2ª ed. Idem, idem — CARN., *Serões.*

Francisco José FREIRE . . . . . *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa*, 2ª ed. Idem, idem — FREIRE.

FR. Francisco de S. LUIZ . . . . *Glossario* das palavras e frases da Lingua Francesa, 1ª ed. Idem, idem — *Glos.*

Guilherme BELLEGARDE . . . . *Vocábulos e Locuções da Lingua Portuguesa.* Idem, idem — BELLEGARDE.

Heraclito GRAÇA	*Factos da Linguagem*. Idem, idem—GRAÇA.
J. Leite de VASCONCELLOS . .	*Lições de Philologia Portuguesa*. Idem, idem — VASC.
J. NORBERTO de Sousa e Silva	*Galicismos*. Idem, idem — NORBERTO.
João RIBEIRO	*Selecta Classica*. Idem, idem—RIB., *Selecta*.
	Grammatica Portugaesa, Curso Superior. 18ª ed. Idem, idem — RIB., *Gram*.
	Autores Contemporaneos, 12ª ed. Idem, idem — RIB., *Aut*.
MARIO Barreto	*Estudos da Lingua Portuguesa*. Idem, idem — MARIO, I.
	Novos Estudos da Lingua Portuguesa. Idem, idem — MARIO, II.
	Novissimos Estudos da Lingua Portuguesa. Idem, idem — MARIO, III.
	Factos da Lingua Portuguesa. Idem, idem — MARIO, IV.
Miguel de TORO y Gisbert . . .	*Tesoro de la Lengua Española*. Idem; idem — TORO.
OTHONIEL Motta	*O Pronome Se*, 2ª ed. Idem, idem — OTHONIEL.
Juan MIR	*Prontuario de Hispanismo y Barbarismo*. Idem, idem — MIR.
RUY Barbosa	*Réplica ás defesas da Redacção do Projecto do Cod. Civ.* Idem, idem — RUV.

Gallicismos

A

A —

em logar de ***de*** — Nas frases seguintes e nas que lhes forem similares, é gallicismo: — Ineumbido ***a*** realizar a obra; equação ***a*** duas ineognitas, — quando aeertado é dizer: Ineumbido *de* realizar a obra; equação *de* duas incognitas. O eardeal SARAIVA reprova estas frases usadas ao modo franeês: — Este desprezo ***ás*** formalidades, isto é, *das* formalidades; ameaçado ***a*** perder a vida, isto é, *de* perder a vida. No quarto livro da serie de estudos que vem publieando desde 1903 acerea da lingua portuguesa, MARIO BARRETO ensina que a eonstrueção eorrecta e castiça é pôr a preposição *de* onde ha *a*: — Barco *de* vela; barco *de* vapor; machina *de* vapor; paquete *de* vapor; moinho *de* vento; ete., e não — Barco ***a*** vela; navio ***a*** vela; maehina ***a*** vapor; ete. (IV, 21). Posto que de uso frequente, o emprego da preposição *a* é tambem alheio da indole do idioma nas frases que tenham esta construcção: — Bordado ***a*** agulha; retrato ***a*** carvão; desenho ***a*** lapis; pintura ***a*** oleo; odio ***a*** matar; reeeber ***a*** braços abertos; ete., nas quaes o rigor da vernaeulidade impõe a substituição de *a* por *de*.

A —

em logar de ***em*** — «Elle foi o primeiro ***a*** chegar»; «foi o ultimo ***a*** partir» — são frases de cunho afrancesado. Nellas deve empregar-se *em* em vez de *a*: — «Elle foi o primeiro *em* ehegar; foi o ultimo *em* partir». Assim escreveu ALEXANDRE HERCULANO: — «... foi o primeiro *em* romper o silencio». (*Lendas*, I, 18).

A —

em logar de ***por*** ou ***para*** — Assim nas frases: — Obra ***a*** executar; tarefa ***a*** cumprir; emenda ***a*** fazer, etc., em vez de: — Obra *por* executar; tarefa *por* cumprir; emenda *por* fazer. A construcção vernacula é escrever *por* em logar de *a*. Um dos peores vicios do falar hodierno é o uso falso das particulas, especialmente da particula *a*; uso todo estribado no francês e introduzido entre nós pelos gallicizantes. Nos casos em que no francês se usa o infinitivo com a preposição *à*, designando destinação ou o fim para que se emprega uma coisa, devemos nós outros traduzi-la por *para* ou *por*: — *Appartement à louer*, quarto *para* alugar; *bois à brûler*, lenha *para* queimar; *fille à marier*, filha *para* casar; *ma tache est encore á faire*, a minha tarefa está *por* fazer. (MARIO, III, 259). E' má construcção empregar a preposição *a* em logar de *por* ou *para* nestes e em casos semelhantes: — ***Ao*** que vejo; ***ao*** que observo; ***ao*** que noto; ***ao*** que sinto; etc., em vez de: — *Pelo* que vejo; *pelo* que observo; etc. ***A*** taes homens nada é impossivel, em vez de: — *para* taes homens, etc.; o dever é pesado ***ao*** homem, em logar de *para* o homem.

A —

em logar de ***que*** — São frases de mera construcção francesa as seguintes: — Obra conduzida de maneira ***a*** poder excitar; fazer uma coisa de maneira (de modo, de forma, de molde, de jeito) ***a*** ficar bem; proceder de maneira (de modo, etc.) ***a*** ficar bem: de molde ***a*** satisfazer a todos. Nellas a construcção correcta é usar *que* em vez de *a*: Obra conduzida de maneira *que* pudesse excitar; de maneira *que* fique bem; proceder de modo *que* a todos satisfaça. De modo que o dizer castiço condemna toda expressão em que se empregue — de maneira ***a***, de modo ***a***, de forma ***a***, de molde ***a***, de jeito ***a***, em vez de — de maneira *que*, de modo *que*, etc.

Abajur —

Nenhum dos significados portugueses dados ao francês ***abat-jour*** — pantalha, quebraluz, reflectidor, bandeira, sombreira — traduz com rigor a idéa que com elle se tem em mira expressar. CASTRO LOPES, porém, criou um neologismo, que perfeitamente o substitue. Por que não traduziremos nós o tal ***abat-jour*** por *lucivéu*, ou *lucivélo*? Não é esse aparelho exactamente um véu de luz? Cairá no ridiculo só porque é formado das palavras latinas — *luci* de *lux, ucis*, e de velo, ablativo de *velum, i*, véu? (p. 16). «O amphitrião discreteia

á luz branda das velas, amortecidas por lucivélos multicores...», escreveu AFFONSO ARINOS. (*Rev. da Acad. de Letras*, n. 2). — Vae, porém, esta palavra se introduzindo no vocabulario em graphia de feição vernacula. Já no Diccionario de AD. COELHO se lê: *Abajú*, a-bã-jú, s. m. Bandeira, peça de cartão, metal, etc., que se põe deante da luz para lhe attenuar a intensidade ou a reflectir para algum ponto. (Fr. *abat-jour*, de *abattre*, abater e *jour*, dia, luz). C. DE FIGUEIREDO tambem a registou com aquella mesma forma. Em que pese á autoridade dos dois vocabulistas, melhor é preferir a palavra formosa e castiça alvitrada por C. LOPES.

Abandonar —

Quando a nossa lingua, adverte FREIRE, tem termos proprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão repreensivel a novidade, porque se oppõem áquella pureza do falar de que em todas as outras nações se faz especial apreço. Por que havemos de dizer ***abandonar*** se temos desamparar? (p 54). «O povo ***abandonava***-se a esperar» — Neste sentido os puristas consideram ***abandono*** e ***abandonar***-se (entregar-se) como gallicismo; a palavra é antiga e empregaram-na com o significado proprio (de deixar, desamparar) alguns quinhentistas (RIBEIRO, Aut. n. 103). MORAES incluia-a no seu diccionario; e ella tem em seu abono a autoridade de RUY: — «... do nosso futuro, por ellas ***abandonado*** á garra das facções». (*Discurso* ás Clas. Conserv.)— Esse sentido metaforico porém, é mais proprio da lingua francesa, onde não ha impureza em frases como estas: *Abandonner son cœur au désespoir; abandonner son âme á la vengeance*...

Abandono —

E' gallicismo em qualquer significação em que seja empregado. Onde ficam as palavras classicas — desamparo, humilhação, pobreza, descuido, negligencia, olvido, incuria, indigencia, desalinho, desadorno, desasseio, desar, fraqueza, desvio, desabrigo, desolação, resignação, soffrimento, abatimento, angustia e outras muitas, tão contrarias entre si como o são as diversissimas accepções que a ***abandono*** se dão? Não ha razão de sacrificar tantas palavras castiças a uma só vil e forasteira, impropria e indeterminada. (MIR, I, 40).

Abdicar —

E' de uso francês, diz MIR. Dispensam-no os verbos — renunciar, deixar, ceder, repudiar, desfazer-se, despedir-se, despojar-se, desamparar, desprender-se, apartar-se e outros.

Aberto —

O seu emprego no sentido de — ingenuo, candido, franco, sincero, lucido —, dá á linguagem o cunho francês. «Semblante ***aberto***»; «intelligencia ***aberta***»; «coração ***aberto***» — são expressões impuras.

Abordar —

Gallicismo dispensavel na acccpção de começar a tratar um assumpto, uma questão, ventilá-la, etc., e no de aproximar-se, acercar-se (*abordar* alguem). Português legitimo no sentido nautico. Neste caso como em muitos outros, o gallicismo não está na palavra, está na accepção.

Na lingua francesa tem este verbo, entre as suas varias accepções, a figurada: *En venir à un sujet. Aborder une cause.* La discussion fût *abordée* avec beaucoup de fermeté. *J'aborde la sùite de mon sujet.* (LITTRÉ). Em português, em tal accepção, não foi elle usado e não tem a autoridade dos classicos.

Abrigo —

Estar ao abrigo da inveja, da calumnia, etc., por estar livre, ou não temer, estar resguardado, é um disparate. Não se pode ***estar ao abrigo*** senão de coisa capaz de proteger (TORO 144). *A l'abri des injures*, dizem os franceses; *inaccessivel ás injurias*, dizemos nós.

Abstracção feita —

Frase de uso frequente na linguagem mathematica. E', porém, gallicismo de construcção. Deve dizer-se — prescindindo de, fazendo abstracção, abstraindo.

Accentuar —

A sua legitima significação é — pronunciar com accento, marcar com accento orthographico e, figuradamente, tornar saliente. Usado, porém, no sentido de firmar-se, orientar-se, avultar, preponderar, proseguir com afinco, insistir e noutros tem o travo gallicano. E', pois, incorrecto dizer — «A politica ***accentua***-se no sentido da revisão; ***accentua***-se o colorido nas faces», etc.

Fôra mais acertado talvez reconhecer que nas linguas romanicas, este verbo não tem a significação em que se acha nestas frases empregado. No português, como talvez no francês, essa accepção é adventicia, bastarda e espuria, e não é legitima em nenhuma dellas. Nas fontes mais autorizadas não

se nos elle depara com tal significado, o que verificamos nos diccionarios de LITTRÉ, da Real Academia Espanhola e da Academia das Sciencias de Lisbôa.

Accidentado —

Como adjectivo tem tido esta palavra, por influencia do dizer francês, accepção metaforica, alheia da nossa linguagem. Assim succede quando lhe damos a significação de — tortuoso, desigual, revolto, quebrado, incorrecto —, em frases como estas: terreno ***accidentado***, região ***accidentada***, vida ***accidentada***, etc. Temos varios modos de exprimir-lhe e sentido — altibaixo, fragoso, agitado, irregular, pervertido.

Aclimatado —

Aliteração portuguesa do francês *acclimaté*, que em linguagem se diria *aclimado*. (RUY, 276).

Aclimatar —

Em português deve dizer-se aclimar, porque o substantivo é clima, e não *climat*, que é francês. (CASTRO, 207). GARRETT empregou aclimar, aclimatar e aclimatizar. Esta palavra não é gallicismo condemnavel, como se pretende, mas bem formada do gr. *Klimatos*, genitivo de clima, sustenta AD. COELHO.

Acordar favores —

por conceder favores. (RUY, 558).

Accusar —

por manifestar, revelar. ***Accusar*** um bom coração por manifestá-lo, revelá-lo, é gallicismo grosseiro. (TORO, 144). O Diccionario da Academia de Lisbôa, porém, estribado num exemplo de FR. LUIZ DE SOUSA, inclue entre os significados de accusar o de *mostrar, patentear, declarar de qualquer sorte*: «Accusava seu rosto as mortificações com que castigava a carne».

Adereçar —

Francesismo desnecessario, uma vez que é vantajosamente substituido por *endereçar*, cujo substantivo é *endereço*, nome especifico áquella idéa. (RUY, 275). MORAES o admittiu no sentido do francês *adresser*.

A desejo —

Em vez de conforme o seu desejo, consoante ao seu desejo. Termo de antiga pratica, diz LITTRÉ. «*Au* désir de l'ordonnance, au désir de la coutume, suivant l'ordonnance, suivant la coutume».

Adiar —

Com a significação de transferir, espaçar, é gallicismo desnecessario, diz TULLIO. Tem em seu abono a autoridade de MORAES. Os diccionarios das Academias portuguesa e espanhola o refugaram.

Adresse —

Puro francês. Escusado o seu emprego, uma vez que temos — endereço, direcção, indicação de morada. Condemnam-no entre outros RUY e FIGUEIREDO. ***Adresse*** por *endereço* é caso estapafurdio. (*Vm.*, 18). Já o cardeal SARAIVA havia escripto que ***adresse*** é vocabulo puramente francês, que não tem logar na nossa lingua.

Afazeres —

Gallicismo inutil, inconsiderado, inadequado, diz RUY. Não é português de lei, é um francesismo, inadmissivel em boa linguagem, exclama FIGUEIREDO. Melhor seria que dissessemos como os espanhoes — *quehaceres* (que fazeres).

Não se deve duvidar da vernaculidade de *afazeres*, diz GRAÇA. Temos o verbo *afazer* e delle muito naturalmente se originou o substantivo plural *afazeres*, como dos verbos *comer*, *beber*, *ter*, *haver*, *conter*, etc. se originaram os substantivos *comer*, *es*, beber, es, ter, es, haver, es, conter, es, etc. (AD. COELHO). O gallicismo inadmissivel e grosseiro que tentaram introduzir em Portugal no seculo 18, segundo testificam BLUTEAU e FRANCISCO JOSÉ FREIRE, foi *affares* ou *affaires*, do francês affaires, a pretexto de ser necessario para expressar negocios politicos.

Affectado —

Na accepção de *accommettido*, *salteado de enfermidade*, é gallicismo, escreve RUY (274). ***Affectado*** por *movido*, *commovido*, *tocado de algum sentimento* ou *paixão* é gallicismo que se deve evitar, por ser contra o uso da nossa lingua e por causa da homonymia. (*Gloss*).

Affectar —

São palavras de RUY: — Este verbo, em nossa lingua, nunca se usou pelos escriptores vernaculos senão como equivalente de *amar*, *ambicionar*, *desejar*, *ostentar*, *simular*, *requintar* ou *rebuscar*, *requestar* ou *diligenciar* alguma coisa. Eram as accepções latinas de *affectare*, *affectari*: são as nossas de ***affectar***. Outras, de todo em todo outras, deram os franceses ao seu ***affecter***. Mas essas repugnam á indole da palavra em nosso idioma, que, para corresponder ás significações estranhas deste vocabulo, dispõe de varios, qual a qual mais adequado e expressivo. Ora, para conciliar repugnancias dessa natureza, não bastariam nomes de escriptores, por altissimos que fossem. Quanto mais que tal eminencia não me consta seja nem o de JORGE PARANHOS, nem o de TOBIAS BARRETO. Nenhum dos dois é modelo, ou mestre, em questões de vernaculidade portuguesa. Nos proprios exemplos que a *Resposta* nos apresenta, se está a ver a negligencia e desprimor com que um e outro se houveram no emprego desse verbo. «***Affecta*** de modo agradavel» disse TOBIAS, onde CASTILHO, HERCULANO, GONÇALVES DIAS, ou MACHADO DE ASSIS, escreveriam: «*Commove*, *toca*, *impressiona*».. «A fome nos ***affecta***» escreveu JORGE PARANHOS. E qualquer escriptor português de mediano merecimento diria: «*Salteia-nos* a fome», «A fome nos *acommette*, nos *invade*, nos *afflige*». Outra applicação meramente francesa desse verbo é a de que nos dão exemplo certas frases desta laia: «O governo ***affectou*** o assumpto ao congresso». «A molestia ***affectou***-lhe os rins». «Estas circumstancias ***affectam*** a questão». Tiradas em linguagem, seriam: «O governo *submetteu* a questão ao congresso. A molestia *interessou*-lhe os rins. Estas circumstancias *interessam* á questão, *tocam* á questão, *respeitam* á questão. *entendem* com a questão». A' opulencia desta variedade prefere a francesice insciente, deleixada e sensaborona a monotonia do ***affectar***, encambulhando uns poucos de sentidos, cada qual mais alheio á sua origem, á sua indole, á sua tradição. E isso em nome da *evolução dos idiomas*. Pobre sciencia moderna, quantas ignorancias e imposturas se não acobertam com o teu nome e a tua fraseologia! (480).

Affetar ser —

«***Affecta*** ser sabio, valente, guapo», etc. E' circumloquio afrancesado, que se traduz por ***affectar*** sabedoria, valor, ou alguma outra coisa. (OLIVER, 30).

Afrontar —

No sentido de *arrostar, desafiar, provocar*, é de uso francês, ***Afrontar*** motins, ***afrontar*** perigos, e outras, são frases totalmente francesas. (MIR, 92).

Afinal de contas —

Expressão que corresponde a *enfin de compte* e vale o mesmo que o português *afinal*. Della não ha exemplo de escriptor autorizado; mas da expressão *por fim de contas* usou ALMEIDA GARRETT, o que de modo algum justifica o ***afinal de contas***. (BELLEG., 14).

Aflorar —

(*Effleurer* — tocar de leve, roçar, referir-se ligeiramente). Nesta accepção é gallicismo charro, que se não tolera, nem se absolve. (FIG.). ***Aflorar*** é vernaculo no sentido de *vir á superficie, nivelar*.

Á força de —

Esta expressão encerra em si o sentido de esforço, violencia, trabalho continuado, persistencia ou continuação de acção, repetição de actos materiaes ou moraes. O seu uso só é legitimo quando ella fôr empregada em qualquer daquelles sentidos, que são os que se conteem na propria palavra força. De sorte que se o vocabulo a que ella se ligar não tiver qualquer daquellas significações, a frase revestir-se ha do cunho afrancesado, lembrando a locução *à force de*. Nesta conformidade, escreve MIR, não poderá dizer-se: «***A força de*** ser sabio, se tornou imprudente» porque o *ser sabio* não traduz esforço, repetição, violencia, etc. Igualmente afrancesado é a locução ***á força de*** quando se lhe seguir infinitivo com negação: ***A' força de*** não falar acabou com a minha paciencia».

Afroso —

por *espantalho, horrendo, horrivel, medonho*, é gallicismo grosseiro e intoleravel. (*Gloss.*).

Agaçar —

Gallicismo estupido, di-lo FIGUEIREDO.

Não existe em português este verbo. E' do francês, onde significa *procurar agradar* com maneiras attraentes; *fazer-se* notar e chamar attenção: «C'est une coquette qui agace tous les jeunes gens».

Agir —

Do ***agir*** nenhuma precisão tem um idioma que, para o o mesmo effeito, dispõe de *fazer*, *andar*, *obrar*, *operar*, *actuar*, *proceder*, *portar-se*, *comportar-se*, *haver-se*. (RUY, p. 387). De modo diverso pensa FIGUEIREDO, que sustenta que ***agir*** não é imitação, nem importação do francês. Inda que o ***agir*** tivesse origem francesa, pertencia já hoje ao inventario da nossa lingua, como succedeu a outros vocabulos de evidente importação francesa. Mas não tem tal origem. Provem da fonte commum da maioria das palavras portuguesas: latim *agere*, (Liç Prat., III, 74). Ora, diz RUY, ao meu ouvido pelo menos, o ***agir*** é uma palavra chocha, enfesada, insignificativa. Não exprime a acção com a sua amplitude, a sua variedade, a sua belleza, a sua força, como *actuar*, *obrar*, *operar*, *proceder*... No aferir dos bons vocabulos a verdadeira pedra de toque está no exemplo dos mestres. Não sei, porem, de nenhum desses que chancelle o ***agir***. Por fiadores seus mal conseguiu BELLEGARDE reunir os nomes de BAPTISTA CAETANO e TEIXEIRA MENDES, homens de muitas letras, mas sem opinião de escriptores. Accresce que delles só o primeiro tem autoridade em philologia. Dos classicos portugueses, até CASTILHO, REBELLO DA SILVA, CAMILLO, nenhum conheceu o ***agir***. RAMALHO ORTIGÃO, EÇA DE QUEIROZ e OLIVEIRA MARTINS sem elle passaram; e entre nós, creio que MACHADO DE ASSIS não o empregou jamais. Que falta nos faz, portanto, esse neologismo? Que considerações o recommendam? (391). O douto professor CARNEIRO, invocando a autoridade de DOMINGOS VIEIRA, MORAES, ADOLPHO COELHO e de outros, reconhece ao ***agir*** fóros de vernaculo, como termo juridico, na accepção de *obrar*, *praticar*, na qualidade de agente. (Redac. 626).

Ainda aqui pertinentes são estas palavras:

A tendencia aos neologismos escusados, usual entre os que não conhecem o bom vocabulario da lingua, ou a elle não teem afeito o ouvido, vae propagando, no Brasil, o uso deste vocabulo. Nunca o encontrei entre os exemplares magistraes da nossa linguagem, antigos, ou modernos. Forçados da necessidade, poderiamos adoptá-lo, já que temos naturalizados os seus compostos *coagir*, *reagir*, *retroagir*. Só em tal caso, porém, a regra analogica nos autorizaria a dar-lhe fóros de português lidimo.

Mas tal necessidade não ha. Na hypothese do artigo 1297, sempre se disse vernaculamente: «O mandatario que *proceder* contra os poderes do mandato» ou: «O mandatario, que *obrar* contra esses poderes», ou, ainda: «O mandatario, que não *operar* de acordo com os seus poderes». Alem desses tres, tambem poderia servir o verbo *actuar*. O uso português

é «*proceder* injustamente», «*obrar* mal», «*operar* com energia», «*actuar* inopportunamente». Toda a gente diz: «O velhaco *obrou* com malicia». «O syndicato *opera* com grandes capitaes». Alguns repugnam ao *operar* e ao *obrar*, por escrupulo injustificavel. O projecto mesmo, no art. 37, usa da expressão *operar*.

Não está nas mãos do vulgo acanalhar as boas expressões vernaculas, expostas ao seu contacto. Giram em espheras bem diversas o estilo legislativo e o estilo brejeiro. Se o calão deste desse normas á decencia daquelle, amplo seria o desfalque no vocabulario do nosso idioma, e deste mesmo codigo teriamos que refugar bôa copia de termos e frases, indispensaveis assim ao uso juridico e literario como ao vulgar.

Tambem os italianos teem *agevole*, e, todavia LEOPARDI, com a sua incomparavel autoridade no assumpto, rejeitava de sua lingua o derivado immediato do latim *agere*, com que pretende abonar-se o *agir*.

«*Agevole*», dizia elle, «viene da *agere*, come *facile* da *facere*; e *questo agere essendo ignoto alla nostra lingua*; non é verisimile che il suo derivato *agevole* non ci sia venuto giá bello e formato dagli antichi latini, che avranno detto *agibilis*». (G. LEOPARDI: *Pensieri di varia filosofia e di bella litteratura*, vol. I, p. 22).

De modo que, admittindo o *agevole*, recusa como não italiano, o *agere*, e não conhece o *agire*. Já se vê que não basta possuirmos os derivados de um verbo latino, para se considerar nosso esse verbo. Do latim recebemos feitos os compostos de *agere*. Mas dos derivados simples deste acolhemos apenas o adjectivo *actum*; e, como elle nos forneceu o verbo *actuar*, com a mesma significação daquelle, e a lingua dispunha de outros vocabulos com o mesmo sentido, não deram os bons autores o beneplacito ao *agir*, que provavelmente não se teria insinuado no uso português, se nos não viesse, com o carimbo da moda, por via da França. E' o francês *agir* que se quer apadrinhar agora com o latim *agere*. Mas, como quer que fôr, o latinismo, coado por esse filtro, não preenche as condições de uma adopção regular; porque não é necessario, não tem por si a tradição da lingua, nem tôa ao ouvido vernaculo. O dos delicados, a quem desaprazam os verbos *obrar* e *operar*, aliás dignos da seriedade do estilo mais exigente, não terá por onde se queixe do *actuar*, nem do *proceder*. E estes dois nos bastariam, para prescindirmos do *agir*. (Parecer, art. 1297).

Aguerrido —

E' vocabulo vindo do francês *aguerri*. Embora de uso frequente, é francesismo escusado visto termos — *guerreiros*,

soldados guerreiros, afeitos á guerra, *acostumados* ás armas, *endurecidos, adestrados, experimentados, amestrados* na guerra. (Gloss.).

Aguerrir-se —

Vem do francês *s'aguerrir*. Temos *acostumar-se, afazer-se* ás armas, á guerra.

Alarma —

ou ***alarme***. Em vez de *rebate* é gallicismo que deve evitar-se no bom falar. (VASC., 390). «... que nos dá rebates saudosos de uma situação...» escreveu CAMILLO. «... e dei rebate do perigo» escreveu RUY. (Apr. lit.; Disc. ás Cl. Conserv.).

Alarmante —

em logar de *assustador, aterrador, que assusta.*

Alarmar —

em vez de *assustar, atemorizar, aterrar, causar terror a...*, etc.

Alcools —

Homenagem ao francês, em rebeldia com as regras vernaculas do plural dos nomes (RUY, 560). ***Alcools*** não ha: é *alcoóes*, diz FIGUEIREDO.

Aléa —

E' traducção da palavra francesa *allée*. Importação inutilissima, uma vez que temos as lindas palavras alameda e admena para exprimirem o mesmo que os franceses expressam com a palavra *allée*: — rua, ou carreira de arvores alinhadas. Os que obstinadamente, porém, queiram usá-la, devem ter em vista a sua pronuncia. E' palavra paroxytona, e nunca exdruxula, em que pese a opinião de ADOLPHO COELHO, unico dos bons lexicographos que admitte a pronuncia *álea*. E' verdade que o uso em Portugal tem consagrado essa pronuncia. Nada ha, porém, que a justifique. Todos os diccionarios mandam pronunciar ***aléa***, de acordo com a derivação. E' assim o devem pronunciar os que teimam em admitti-la no nosso vocabulario.

Altamente —

O uso moderno deste adverbio nas frases — Estou ***altamente*** satisfeito, ***altamente*** offendido e semelhantes, tem o cunho afrancesado e não castiço.

Alterado —

por sedento, avido, sequioso; é gallicismo reprovavel. Gallicismo grosseiro, classifica-o FR. LUIZ, e má traducção da palavra francesa *alteré*, que tem ás vezes aquelle significado.

Alternativa —

E' português na significação de vez, successão. Noutra qualquer é traducção de *alternativ*, que para traduzir-se em português temos a palavra *transe*, alem de outras como *conflicto, conjectura, occasião, aperto, apuro, perigo, lance, contingencia.*

Amar —

Importa gallicismo quando equivale a ter *inclinação*, ou *gosto de uma coisa*. São, pois, incorrectas as frases — ***Amo*** a musica, ***amo*** o canto, ***amo*** o jogo, ***amo*** a solidão e semelhantes. E' português legitimo quando empregado com referencia a pessôas.

Amavel —

Fóra de sua genuina significação, isto é, *digno de ser amado* é de uso afrancesado como acontece quando é empregado para significar *amoroso, sympatico, de trato cortês,* de *fina educação, carinhoso, meigo, risonho.*

Á medida que —

Empregar esta locução no sentido de *ao passo que,* como se fossem equivalentes, é carear um gallicismo com uma expressão vernacula. A frase — ***A medida que*** augmenta a dôr, cresce a angustia — é incorrecta porque a locução ***á medida que*** ahi não equivale a *ao passo que,* e não é exacta nem correcta, nem castiça dicção. Ha no português as expressões — *a proporção que, conforme, segundo, ao mesmo tempo que, á medida, tanto quanto,* e *a medida de.* «A' medida do seu desejo lhe dei o que pedia». Os bons diccionarios MORAES e FIGUEIREDO não registam aquelle modismo afrancesado. Escriptores ha todavia, como LATINO, REBELLO DA SILVA, que a teem empregado.

Amor por —

em vez de *amor de*. MARIO considera gallicismos as expressões em que ha o emprego da preposição *por* em logar de *a*, ou *de*: — ***Amor pela*** lingua; ***amor pela*** patria; ***amor pela*** verdade; ***amor por*** elle; ***amor por*** Carlos; ***amor pelo*** bem publico, etc. Devemos dizer: — *Amor da* lingua; *amor da* patria; *da* verdade; *amor a* elle; *a* Carlos; *ao* bem publico. Tambem o cardeal SARAIVA reputa gallicismo reprehensivel a frase — «Juramento da fidelidade e ***amor pelo*** principe» quando devemos dizer *ao* principe. Ainda lhe parecem gallicismos reprehensiveis: — «O ***gosto*** que um tem ***pelo*** outro», isto é, *do* outro; «inspirar ***desgosto pela*** leitura», isto é, *da* leitura, ou *para* a leitura; inspirava-lhe um profundo ***desprezo por*** toda pessôa que não tivesse valor», isto é, *de* toda pessôa, ou *para* toda pessôa. (166).

Amusante —

E' inutilissimo ponderar que ***amusante*** é coisa que nunca houve em português, diz FIGUEIREDO. Ha adjectivos que o substituem — *agradavel, ameno, recreativo, esplendido.*

Ancestraes —

por antepassados. E' o francês *ancêtres*, palavra que não tem singular.

Animosidade —

E' português legitimo na accepção de — *valor, ousadia, esforço, arrojo, temeridade, denodo, grandeza de animo.* Usado, porem, na de — rancor, ogeriza, prevenção, antipathia — é gallicismo, porque equivale a significação do *animosité.*

Ante —

O emprego da preposição ***ante*** na linguagem dos classicos sempre teve logar com referencia a uma pessoa ou coisa material. Sôa a francesismo o applicá-la a coisas insensiveis e immateriaes: — «***Ante*** as palavras eu não guardo silencio; ***ante*** as idéas; ***ante*** a sciencia; ***ante*** as difficuldades; ***ante*** a gloria: ***ante*** os preceitos, e semelhantes. A locução ***á vista de*** ou simplesmente *á*, diz bem o que os gallicistas procuram exprimir com a preposição ***ante.*** (MIR).

Apartamento —

em vez de *quarto, camara*. Tem em seu favor, consoante informa FR. LUIZ, a autoridade de SÁ DE MIRANDA, MORAES, VIEIRA e outros. Apesar, porém, de tantos e de tão boas autoridades, não nos parece adoptavel em tal sentido.

Á parte —

por *singular, extraordinario*. Um acontecimento ***á parte,*** isto é, *extraordinario, singular*.

A partir de —

Os franceses dão ao verbo *partir* a significação de *começar*, ou *dar principio*, significação que é alheia da nossa lingua. Não é, pois, legitima a expressão *a partir de* em logar de — *a começar, a principio*, ou *desde, de, desde então*, e outras.

Apenas se —

E' expressão puramente francesa — *á peine si*. Não deve ser adoptada.

Apesar de tudo —

ou de todo. A locução *apesar de* está legitimada, não acontecendo o mesmo com as locuções — ***apesar de tudo, apesar de todo*** — que usurpam o logar de — *comtudo isso, sem embargo disso, não obstante, em que pese*.

Aplomb —

Francês. Ha a palavra *aprumo*, «que é vernacula e moeda de lei». *Aprumo, arrogancia, empafia, basofia*, ou *prosapia*, qualquer destes termos exclue o ***aplomb***. CASTRO lembra ainda a palavra *desempeno*.

Apoio —

No sentido de *arrimo, amparo*, é má traducção do francês *appui*. «Crianças sem ***apoio***» fôra melhor traduzida — «crianças sem *arrimo* ou sem *amparo*». (RIB., Aut., 30). MORAES, porém, o admittiu.

Aparecer —

No sentido de *sair á luz, publicar-se, manifestar-se, offerecer-se*.

Apreciavel —

Fóra das suas significações legitimas, decorrentes de *preço* e *apreço*, é de uso afrancesado. Tal é no de — *perceptivel, sensivel, compreensivel, intelligivel* e noutros como querem os gallicistas.

Apreciar —

No sentido de *perceber, distinguir, medir*, em que o empregam os galliparlistas, é tomado do francês.

A proposito —

Este modismo, diz MIR, tem dado logar a despropositadas locuções. Os gallicistas dizem — ***mal a proposito,*** traducção literal do francês, que em português se dirá — *sem tino, levianamente, fóra de proposito, sem opportunidade*; ***a todo proposito,*** querendo significar *repetidas vezes, enfadonhamente.* ***Proposito*** por *assumpto, materia*, é um verdadeiro desproposito, diz BARALT, y muy bien dicho. (MIR).

Argot —

em vez de *giria* ou *calão*. (RUY, 277).

Arrière-pensèe —

Significa *segunda tenção*.

Arrivismo —

Monstruoso francesismo de que não faz uso nenhum bom escriptor. Temos em português a palavra *apostasia*, ou melhor, a palavra *opportunismo* para significar a transigencia com as circumstancias, as pessoas, e a accommodação a ellas de quem queira cultivar as conveniencias.

Artigo —

Em sentido industrial: — ***Artigos*** de Paris, ***artigos*** de verão; ***artigo*** para escriptorio, etc. Temos *objecto, instrumento, manufactura, artefacto, producto*. (VASC., 390).

Artigos —

O seu uso quando não opportuno, ou sem cabimento, dá á frase o aspecto da construcção francesa. Aqui está um periodo como apropositadamente escripto para ostentar o desalinho da frase quando nella o descuido do escriptor, indifferente á malsonancia, deixa que se atravanquem as palavras: — «Dá-se ***um*** chamado director a ***uma*** povoação de indios dispersos, sem idéa alguma das utilidades relativas a

estes povos, aos quaes se deveria dar por mestre da sua educação **um** sabio de **uma** sã philosophia e de **uma** meditação profunda». (Apud., RIB., Aut., 164). O uso do artigo antes do superlativo quando o nome qualificado por este já o tem, e antes de substantivos empregados em sentido indeterminado, é construcção pertencente á syntaxe francesa. Exemplos — «Os homens **os mais** notaveis de nossa geração» — versão literal do francês — «*Les hommes les plus remarquables de notre generation* (a versão correcta é sem repetir o artigo: — *Os homens mais notaveis,* etc.); **ouvir a missa** (*entendre la messe*, em vez da expressão castiça *ouvir missa*), e como esta, muitas frases que o português emprega sem artigo e ás quaes correspondem locuções francesas com o artigo definito — «*Demander l'aumône,* pedir esmola; *prendre le deuil,* tomar luto; *garder le silence,* guardar silencio, etc. (MARIO, II, 343). Expressões outras de cunho francês: — Dizer a verdade; falar a verdade, etc. VIEIRA assim escrevia: «A profissão da historia é dizer verdade». (Serm. I, col. 176); ou mentiste, ou disseste verdade?... E se faltasse verdade.. » (Id. col. 208). E' erro grosseiro dizer: — «Achei-me nos lances **os mais** graves» e frases semelhantes. Deve emendar-se em — «Achei-me nos lances mais graves, ou nos mais graves lances. O erro tem origem em imitação do francês, onde é regular dizer-se — «*La ville la plus belle*». (VASC., p. 390). Aqui temos alguns exemplos desses gallicismos: PEDRO LESSA: — «... não mais se faz mister **um** expositor, e ainda menos **um** compendio para divulgação de **uma** theoria...» — «... commettendo **uma** falta imperdoavel para que se não tenha **uma** perfeita compreensão.... para que se não alimente **uma** idéa nitida..., para que se forme **um** conceito exacto...» (Phil. do Dir.) — TOBIAS BARRETO: — «... mais importaria **uma** virtude do que **um** defeito». (Phil. e crit.) — RAMALHO ORTIGÃO: — «... é preciso... ter **uma** instrucção technica, ter **uma** educação scientifica. E' preciso, em segundo logar, ter **um** caracter comprovado, que afiance bem garantidamente toda a dedicação de **uma** intelligencia ao desempenho de **um** cargo». (Holl.) — JOAQUIM NABUCO: — «... que ennobrece **as** origens **as mais** duvidosas...» (Rev. da Acad., I).

Assassinato —

Gallicismo repellido pelos melhores exemplares da boa linguagem. Inutil, chamam-lhe RUY e FIGUEIREDO. Superfluo, appellida-o MARIO, porque temos em linguagem lidima a palavra *assassinio*. *Assassinio* e não **assassinato**, empregaram outros grandes escriptores. (III, 338).

Assegurar —

No sentido de *affirmar, asseverar, dar por certo,* é gallicismo somente quando usado no sentido intransitivo, visto que na sua qualidade de transitivo sempre foi empregado naquellas accepções.

Assignar —

Na accepção de *iudicar, fixar, dar a conhecer, mostrar, especificar,* e outras, é usá-lo nas significações do verbo *assiguer,* diz o padre MIR.

Assumir —

A despeito da sua derivação, é este verbo considerado gallicismo pelo padre MIR. que muito o condemna nas frases — «***Assumir*** a responsabilidade ; ***asumir*** o cargo ; ***assumir*** os poderes», e noutras semelhantes. Temos as formas — Tomar sobre si ; avocar ; entrar no exercicio ; tomar á sua conta, etc. RUY, porém, escreve : — «O vice-presidente... assumiu a presidencia». (Disc. ás cl. cons.).

Atacar —

por *impuguar, combatèr.* «Atacar o throno, o governo, a enfermidade, isto é, combater. Entre autoridades do bom dizer, esse verbo no sentido de combater, accommeter, bater, assaltar, molestar, opprimir, provocar, insultar, deprimir, offender, difamar, manchar e noutras accepções que não as de prender com atacador, atar, apertar — é gallicismo. Não será correcto dizer — atacar de frente, á traição, com palavras insidiosas, atacar a reputação, etc.

Ataque —

E' português no sentido militar. Noutras significações tem o sabor gallicano : ***Ataque*** de colera, ***ataque*** da adversidade, ***ataque*** de enfermidade.

Atelier —

E' termo que tende a incorporar-se no vocabulario. Ao seu correspondente *officina* não tem o uso, maxime na linguagem popular, dado amplitude, de modo que tenha applicação a todas as casas ou estabelecimentos de artes. Assim é que se vae especializando o termo ***atelier*** para as officinas de pintor, modista, etc. ao passo que para as casas de ferreiros, tamanqueiros, sapateiros e outras classes de artifices, usamos de

preferencia a palavra *officina*. RUY, porém, o qualifica gallicismo inconsiderado, inadequado, injustificado. FIGUEIREDO lhe chama gallicismo inutil, perfilhado pela moda ou pela tolice. «Entrou uma vez Alexandre Magno na *officina* de Apelles», escreveu MANOEL BERNARDES. (Nova Floresta).

Através os —

E' gallicismo charro dizer — «Passou ***através os*** seculos, em vez de *através dos* seculos». «*Através da* purpura, *através das* formas, *através do* prisma», etc. Ha o adverbio *através* e a preposição ou locução prepositiva *através de*. Assim, diremos — «Cortou uma arvore *através* (transversalmente); passou *através dos* seculos; correu *através de* Lisbôa. No primeiro caso, *através*, simplesmente, é adverbio, no segundo e terceiro, pede depois de si a particula *de* e é expressão prepositiva. (FIG., Liç., I, 107).

Atravessar —

E' gallicismo usar este verbo em frases como estas — «Os tempos que ***atravessamos*** são duros de passar: as circumstancias que ***atravessa*** a imprensa são desfavoraveis; a igreja ***atravessa*** grande perigo; por annos malissimos ***atravessamos***». O sentido proprio de *atravessar* sempre consiste em *penetrar uma coisa por outra*, em *por estorvos*, ou em influir de alguma maneira, já impedindo, já interrompendo a acção de outro. Para que a acção propria de *atravessar* tenha effeito, força é que a coisa dê logar a ser *atravessada* no sentido indicado. (MIR).

Attaché —

Termo usado para designar *funccionario de legação*, com a significação de *addido*. Não ha necessidade delle. E' escusado e ridiculo.

Attitude —

Gallicismo de uso corrente. A lingua francesa usa-o, quer no sentido literal, quer no figurado, formando as frases — «***Attitude*** de respeito, ***attitude*** modesta, ***attitude*** sympathica, graciosa, pacifica, agressiva», e outras innumeraveis. Deve repeli-las a boa linguagem, porque dispomos de vocabulos castiços e igualmente expressivos, taes são — *postura, talhe, norma, aspecto, linha, physionomia, imagem, forma, disposição, ordem, situação, posição, proposito, intenção, dominio* e outros. Em HERCULANO, nas *Lendas e Narrativas*, não se nos depara outro modo de dizer, senão: — «Nesta *postura* a

figura... fascinava». «Tomando então uma *postura* humilde...» «... conservou-se na *postura* que tomára...» «... o seu algoz sem mudar de *postura*...» «.. que se tinham conservado immoveis, na mesma *postura*...».

Aturdido —

No sentido do francês *atourdi, estouvado, desattentado*, talvez *aloucado*, é gallicismo desnecessario, affirma o cardeal SARAIVA. Português genuino, diz GRAÇA, na accepção de *atordoado, espantado, desorientado*. E GRAÇA tem a seu lado a autoridade de MORAES. « *Aturdido* pela apostrophe e coberto de lagrimas», escreveu CAMILLO no Livro de Consolação, p. 38, ed. de 1872.

Audacioso —

Gallicismo dispensavel, pois que temos *audaz, ousado, atrevido* e outros.

Augmentar de —

Gallicismo puro. «Augmentar de um centimetro o comprimento», não é grammatical, e nem o autoriza o uso dos mestres. Grammatical e correcto, diz FIGUEIREDO, é *augmentar em um centimetro*.

Autoridades constituidas —

Expressão inteiramente francesa, posto que muito de moda. Temos — *autoridades, autoridades civis, militares* ou *autoridades administrativas*, etc. A palavra *constituidas* é absolutamente superflua e deve rejeitar-se, porque quem diz *autoridade*, já suppõe que é constituida e não o sendo é illegitima, usurpada e abusiva. (Gloss.).

Avalanche —

Eu proponho, diz CASTRO LOPES, para traduzir ***avalanche*** o neologismo *ruminol*. Aqui se encontrarão os elementos principaes do termo, que perfeitamente indicam o phenomeno: *Ru* (do verbo *ruere*, ruir, correr precipitadamente) *ni* (de *nix, nivis*, neve), *mol*, (de *moles is, mole*, massa). *Ruminol* exprime, portanto, completamente a idéa complexa de um mole ou massa de neve que rue, se precipita; é até uma palavra onomatopica. (28). E por que não *alude?* pergunta DALTRO SANTOS, palavra já existente na lingua e perfeitamente igual á ***avalanche?*** *Ruminol* é neologismo dispensavel; traz idéa da raiz do verbo *ruminar*.

Avançar —

Legitimo português no sentido de *andar para a frente, investir, adeantar-se, continuar, progredir,* etc. No sentido, porém, de *affirmar, ousar, affirmar ousadamente,* considera-o gallicismo o cardeal SARAIVA. «Não ha absurdo algum que não tenha sido ***avançado***», isto é, ousadamente affirmado (13). RUY o inclue entre os gallicismos a que elle chama aparentes.

Avenida —

(fr. avenue). Em vez da linda palavra nacional *alameda*, é gallicismo. (VASC., 380). Tem em seu abono a autoridade de MORAES.

A vôo —

E' traducção afrancesada de *á vol d'oiseau*, expressão que se não pode traduzir sem francesia, consoante diz FIGUEIREDO, que sugere como seus correspondentes — *de relance, pela rama, em poucas palavras, succintamente, summariamente, com o pé no estribo.* GRAÇA augmenta esta lista com o — *de vôo*, traducção esta, diz elle, em alguns casos mais breve e energica do que muitas daquellas. (30).

B

Baile masqué —

Expressão absurda e mesclada. Quem fala português diz *baile de mascaras* (Vm. 44).

Banal —

No sentido de *commum, vulgar, corriqueiro, trivial, frivolo,* é gallicismo.

Banalidade —

por *vulgaridade, generalidade,* é gallicismo inutil e feio. (TORO, 145).

Barricada —

E' traducção do francês ***barricade***. Temos *trincheira,* ou *fortificação provisoria, de momento.*

Barricar —

E' palavra francesa. Temos *entrincheirar-se,* ou *trincheirar, atulhar com tranqueira.*

Basear-se —

em vez de *fundar-se.* Puro vernaculo, porém, no sentido de *estabelecer as bases, fundamentar,* etc. «*Basear* uma argumentação». O verbo ***basear*** é de importação recente, e tomado do francês; ainda que de constante uso moderno, ***basear-se*** parece inutil, quando ha *fundar-se, firmar-se,* etc. (RIB., Aut. n. 338).

Bastante —

Não raro a palavra ***bastante,*** como adverbio, dá á frase o cunho francês: «Seria ***bastante*** temerario para ousar responder». E' aqui a intelligencia do *assez* francês. Mais legitimamente portuguesa seria aquella frase assim expressa: «Não fôra temerario o *bastante* para que ousasse responder». O abuso desse vocabulo em logar de *tanto, algo,* etc., é gallicismo. (MIR).

Bateria de cozinha —

Ha *utensilios,* ou *petrechos de cozinha.* MORAES indica o termo *frasca,* que hoje, diz elle, com nome francês alguns lhe chamam ***bateria de cozinha.***

Bater-se —

No sentido de *lutar* é de uso entre os franceses. Em nossa linguagem é melhor substitui-lo por *pelejar, contender, guerrear, combater, esgrimir, litigar, pleitear* e outros.

Bello —

A lingua portuguesa, como a espanhola, não reconhece ao vocabulo ***bello*** as quatro accepções particulares de que a lingua francesa faz uso frequente. A primeira é dar áquella palavra a significação de *opportuno, feliz, ditoso:* «Esperamos o ***bello*** momento; morreu no mais ***bello*** da sua idade». Contraria e repugnante ao uso classico, diz MIR, é essa accepção. A segunda, quando significa *decoroso, honesto, decente:* «Isso não é ***bello; bello*** é morrer pela patria». Tambem é contraria á noção classica de ***bello*** essa accepção. A terceira, quando significa *sereno, aprazivel, agradavel:* «Faz ***bello*** tempo; um dia mais ***bello***». A quarta, finalmente, quando se usa ***bello*** em vez de *bom,* em frases de estilo familiar: «De ***bello*** escapou; ***bello*** apoio; ***bella*** victoria alcançastes». Todas estas expressões são proprias do idioma francês. *Bello,* adjectivo, na sua castiça significação quer dizer *formoso, bem disposto, proporcionado, adornado* de especial graça e primor, *admiravel,* etc. (MIR).

Bello espirito —

RUY inclue esta expressão no grupo dos francesismos. Sôa a gallicismo, diz fr. LUIZ.

Bem estar —

por *prosperidade,* é gallicismo de uso commum.

Berceuse —

Para traduzir a idéa que os franceses exprimem com a sua linda palavra ***berceuse*** podemos formar o substantivo verbal *acalento,* de acalentar, como de *cantar* se tira *canto,* não menos euphonico que o vocabulo francês.

Bicyclette —

Temos *bicycléta.*

Bigotismo —

Mero francês, que, tirado em vulgar, se diria *beatice, carolice, santimonia.* (RUY, 277).

Bijuteria —

Francesia escurril. *Quinquilharias* é o seu correspondente.

Bizarro —

bizarramente. Na accepção de *excentrico, exquisito, extravagante,* isto é, que se aparta do uso e termo commum de proceder, são gallicismos de que não temos necessidade.

Blague —

Francesismo desnecessario. Temos *pêta, balela, mentira.*

Bloco —

Vem do francês *bloc.* FIGUEIREDO lhe dá guarida. MORAES, AULETE, JOÃO DE DEUS não o incluem nos seus diccionarios.

Bôas graças —

«Estar nas ***bôas graças,*** decair das ***bôas graças***» são gallicismos inadmissiveis. Diremos *estar na graça, lograr benevolencia, decair da graça, crescer na graça,* etc.

Bobeche —

Francês xacoco, a que FIGUEIREDO oppõe o vernaculo *arandela,* fóra o qual temos *dirandela,* que o seu diccionario inadvertidamente omittiu (RUY, 276), na primeira edição.

Bobina —

A palavra *carretel* poderá vantajosamente substituir o gallicismo ***bobina,*** que já se vae inutilmente usando, mas por fortuna ainda não se vulgarizou (VIANNA, 35).

Bondade —

São muitas as accepções da palavra *bonté:* humanidade, cortesia, facilidade, condescendencia, graça, mercê, favor. Exceptuada a primeira, as demais não são legitimas no nosso idioma. Em substituição das locuções ***ter a bondade de, fazer a bondade de,*** diremos *fazer o gosto de, fazer a mercê de, fazer a graça,* etc.; ou *servir-se, dignar-se, ter por bem, fazer favor, ser servido, fazer obsequio, usar fineza, ter a fineza, fazer a fineza,* etc. (MIR).

Bonhomia —

No sentido de *simpleza, sinceridade, ingenuidade, bondade, singeleza, simplicidade de animo,* é gallicismo (GLOSS).

Boudoir —

em logar de *toucador, pequeno gabinete de senhora,* é gallicismo escusado. E por que não dizemos *gyneceu,* termo antigo que caiu em desuso e que significa *aposento de mulher?* (NORB., 250).

Bouquet —

E' gallicismo escusado e damnoso, porque temos o seu correspondente vernaculo, *ramo,* ou *ramilhete* (MARIO, II, 250).

Boutonnière —

E' francesia inutil. Temos *lapela.*

Branco de Espanha —

Traducção de *blanc d'Espagne.* Diriamos nós com todos os diccionarios *cré* (RUY).

Breve —

adverbialmente, á francesa, por *em summa.* Ninguem, absolutamente ninguem escreve, ou escreveu, jamais depois de GARRETT. (RUY, 556).

Brevet —

por *diploma, titulo, patente,* é puro francês, menos intoleravel apenas, do que o verbo ***brevetar,*** já estampado em jornaes, e que não é francês, nem nada.

Bruscamente —

E' gallicismo escusado no sentido de *precipitadamente, asperamente, seccamente, sacudidamente*. Ha em português o adjectivo, ***brusco*** isto é, *escuro, annuviado, triste :* dia *brusco,* tempo *brusco,* atmosphera *brusca*. Neste sentido poderiamos dizer — respondeu *bruscamente,* isto é, *friamente*. Mas nesta accepção não tem sido usado ***bruscamente,*** que os galliciparlas empregam com a significação propria do adverbio francês. (Gloss.).

Brusco —

«Gesto ***brusco***» é frase de inspiração francesa, como todas em que o adjectivo ***brusco,*** cujo sentido é *annuviado, escuro* (ceu ***brusco***), significa *violento,* ou *rapido ;* comtudo, este uso é defensavel, porque alguns dos mais recentes philologos fazem derivar a palavra, que tambem existe do italiano, de *rusticos*. (Rib., Aut. n. 3).

Budjet —

por *orçamento* é francesia que não deve ser legitimada. (Ruy, 227).

C

Cabello chato —

Cheveu plat, desajeitada e infiel expressão de cabello *escorrido*, ou *liso*. (RUY, 559).

Cabina —

E' traducção do francês *cabine*. Desnecessario, visto que temos *camarote,* que significa, como se lê em MORAES, não só *compartimento* no recinto do theatro, como tambem *camara pequena* nas naus ou navios.

Cabotagem —

cabotar, são gallicismos. Ha *costear,* que é classico, e significa navegar de costa a costa, de que podemos ter *costeagem* que significa navegação de costa a costa, por ***cabotagem.*** (Gloss., 19).

Cache-nez —

Em seu logar deve ser usada a palavra *focále,* que significa manta de lã usada pelos antigos romanos, com a qual cingiam o pescoço e se resguardavam do frio. (CASTRO, 9).

Cadastro —

Gallicismo directo de *cadastre*. Perfeitamente substituivel por *censo,* que significa descripção e estado exacto dos nomes, bens, idade e condições das cabeças de familias, feita perante os magistrados (Gloss., 20). Militam, entretanto, em favor do seu uso duas circumstancias — o evitar a homonymia e já pertencer á linguagem official e commercial.

Cadeau —

Puro francês e inutil por inteiro. Temos *mimos, presentes, prendas.*

Cair das nuvens —

No sentido de ficar *pasmado, admirado, attonito.*

Calcado —

No sentido de *fundado,* ou *imitado com exactidão.* Trabalho ***calcado*** sobre outro, isto é, *fundado em* ou *que é imitação de* outro.

Calcular —

No sentido de *considerar, fazer reflexões, persuadir-se de alguma coisa,* é de uso afrancesado: — ***Calculou*** mal o alcance das minhas palavras; foi resposta ***calculada; calcule*** você que; etc.

Calculo —

Empregar esta palavra nas accepções de *designio, interesse, reflexão,* ou *conjectura* — é usá-la no sentido metaphorico, que não é o sentido castiço da palavra, mas puramente francês.

Calembour —

Trocadilhos, equivocos, derivações, tenções dobradas — são palavras que substituem o inutil gallicismo ***calembour,*** que, além de inutil, aparece, ás vezes, escripto erroneamente, ***calembourg*** ou ***colimburgo*** (Rib., Sel., 148). ***Calembourg*** ou ***calembour*** — *anciverbio* palavra que se presta a mais de um sentido. Este neologismo é formado de *anceps, ancipitis,* (duvidoso) e *verbum, i,* (palavra). Pode tambem traduzir-se *Calembourg* pelo termo *equivoco;* mas não por *trocadilho.* (Castro, 203).

Capacidade —

E' gallicismo usar essa palavra para significar *um homem de saber e engenho.* Pode ella expressar *a aptidão e pericia* do homem para penetrar as coisas profundas, de modo que se pode applicá-la á pessoa dotada de compreensivo entendimento. Mas a autoridade dos classicos não admitte se attribua o nome feminino de *capacidade* ao homem douto e de talento Assim é correcto dizer: — Tinha *capacidade* para escrever. muito; gallicismo é, porém, dizer: — Fulano é uma ***capacidade.*** (Mir, 299).

Capaz —

Na significação classica quer dizer *idoneo, apto, sufficiente, adequado,* etc., e por excepção, *habil, iutelligente, instruido.* Adoptado, porém, no sentido de *ousado, atrevido,* etc. é gallicismo: — De tudo é ***capaz*** uma mulher furiosa.

Caracter —

por *distintivo* é gallicismo condemnado por FREIRE.

Carnagem —

No sentido de *mortandade, carniceria, matança, morticinio.* MORAES admittiu-o.

Carnet —

Palavra francesa que tem o seu correspondente em *canhenho,* genuinamente portuguesa e que significa livrinho de lembranças. Ha o neologismo *choribel,* lembrado por CASTRO LOPES, derivado de *choréa,* dança, e da terminação *ibel,* do termo libello, que quer dizer livrinho. *Choribel* é o livrinho de baile, o livrinho das danças.

Causa em questão —

ou ***materia em questão,*** são expressões afrancesadas. Dizem os franceses — *C'est la chose en question.* E nós devemos dizer — é *a causa, a questão, a coisa, a materia de que se trata, ou que se ventila.*

Causeur —

Temos *conversador, cavaqueador, homem de fina prosa, de excellente ou adoravel conversação.*

Caoutchouc —

Não é forma portuguesa. Ha os termos—*borracha, guta-percha, gomma elastica, seringa.*

Celebridade —

Entre os significados que o nome *celebrité* tem na lingua francesa, está o de *pessoa celebre.* Na lingua portuguesa, porém, não se estriba na linguagem castiça essa conversão de nomes concretos em abstratos. Não se deve, pois, dizer, como o diriam os franceses — «Fulano é uma ***celebridade***». «No Brasil ha muitas ***celebridades*** medicas», e outras semelhantes. *Celebridade* significa a qualidade de ser celebre, ou acção de celebrar.

Chamá-lo —

em vez de *chamar-lhe,* é gallicismo. *Chamar alguem* de alguma coisa por *chamar a alguem,* é frase de construcção francesa. ***Chamei-o*** *de tolo,* ou ***chamei-o*** *tolo,* não é português vernaculo. E' francês. Deve dizer-se *chamei-lhe tolo,* ou outra coisa qualquer, *nescio, estupido,* etc. (LAGO, II). «Quem assim o conceituava, *chamando-lhe* Janin...» escreve CAMILLO (Apr. lit.). «Aristophanes lhe chama Aphcditon» — é como escreve RUY (Disc. ás clas. cons.), que, estribado na autoridade de alguns classicos, entre os quaes Vieira e Bernardes, sustenta que a forma criticada é de tão bom uso classico como a outra. (346). Em ambos, porém, se nos deparam logo nas primeiras paginas do I tomo da *Nova Floresta,* ed. de 1706, e do I dos *Sermoens,* ed. de 1679, os exemplos: — «Este animalzinho, a que os Francezes chamão Hermine...» «e chamavão a isto Curação dos Deuses.S.» (p. 8) — «Os Gregos chamão Bria a certa medida por onde se bebe...» (p. 13) — «...os que os querem honrar, chamão-lhe culto; os que o condemnão, chamão-lhe escuro...» (Sermoens, p. 42) — «...que chamão de apostillas ao Evangelho...» (p. 45) — «...á que podemos chamar Arvore da vida...» (p. 55).

Chança —

Gallicismo desprezivel no sentido de *bôa sorte, fortuna.* Português de lei com a significação de *chalaça, graça, dito burlesco.*

Chassis —

em vez de *caixilho.*

Chefe de obra —

E' gallicismo inutil perfilhado pela moda e pela tolice, diz FIGUEIREDO. Um philologo moderno de conhecido merecimento não duvidou reprovar este vocabulo, expressando-se do seguinte modo a respeito delle: — Sempre se disse no nosso idioma obra prima por coisa bem acabada ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamam ***chefe d'obra,*** clausula absolutamente francesa, que em nossa linguagem de nenhum modo póde ser admittida, por não lhe ser analoga, nem em sentença, nem em soido; por ser de rude e dissonante pronunciação; e porque no meio tem desagradavel cacofonia. (Obr. poet. de Fr. Dias Gomes. (Glos., 21).

Chicana —

Puro francês. Em português castiço ha *trapaça, cavillação, enredo, tergiversão, dolo forense, rabulice.* SOUSA na

Biociências, Letras e Ciências Exatas
BIBLIOTECA

Vida do Arc. I, 4, cap. 30, descreve os que usam da trapaça forense dizendo: Transpões erão huns avogados, que com manhas e astucias dilatavão as demandas, e entretinhão a justiça. (Glos. 22). Não são portuguesas as palavras *chicana* e *chicaneiro*. Em logar dellas temos *rabulice* e *cavillação*, *rabula* e *cavilloso*, sustenta Figueiredo.

Graça oppõe-se ás opiniões acima declaradas. *Dolo forense* é um circumloquio. *Trapaça* é o ardil com animo de prejudicar, é o engano fraudulento. *Cavillação* é o sofisma, a razão falsa no trato ou na interpretação do facto, a acção de confundir e enlear, o enredo, o tecido para illudir. *Tergiversação* é o uso de subterfugios para não cumprir um dever ou enganar a outrem, São termos que expressam idéas geraes, e das quaes nem sempre participa a *chicana*, propriamente dita. *Rabulice* e *rabularia* restringiram-se á qualificação da acção ou dito de um rabula. Isto posto, como obstar que *chicana* invadisse a area da lingua e nella se arreigasse, significando, por si só, o processo em sentido pejorativo, o abuso das formalidades da justiça, a trapaça, a cavillação, o ardil, a subtileza capciosa, os expedientes subtis e variados com que se tolhe a acção da lei ou da sentença e se dilata e emmaranha o processo para ganhar tempo, contrariar e desanimar o contendor? (AD. COELHO, Dic. etym.). Assumiu, assim, o termo *chicana* um sentido peculiar, preciso e insupprivel por um outro qualquer vocabulo: *chicana é chicana;* e por isso tomou foro de cidade e não mais se lhe pode applicar a tacha de gallicismo, e desnecessario, qual o suppunha Fr. Francisco de S. Luiz e ainda o sr. Candido de Figueiredo, contra a evidencia dos factos e a razão das coisas. Todos os diccionarios trazem o termo como adoptado (Moraes, 2ª ed. não o contempla, diremos nós)... *Chicana, chicaneiro, chicanista, chicanar, achicanar,* etc., são, pois, vocabulos correntios na linguagem oral e escripta, forense e commum; fazem parte integrante do patrimonio e fundo da lingua portuguesa, pelo uso geral, e, nomeadamente, pelo uso dos doutos; e este constitue lei a que é força obedecer. Não se diz, não se escreve outro termo que possa perfeitamente substituir, em toda a sua extensão e modalidades, a *chicana* e seus derivados. Os melhores escriptores modernos não escrupulizam mais empregá-la e somente della se servem quando a idéa é propriamente a que lhe pertence em exclusivo. (81).

Chlorureto —

Forma inspirada na linguagem francesa. Em português é *chloreto*.

Colera —

O colera, masculinizado em desprezo das nossas leis grammaticaes é gallicismo, (RUY, 560). Lê-se nos jornaes — ***O colera*** está grassando. E' uma tolice monstruosa: *colera, colera morbus* foi sempre feminina, sustenta FIGUEIREDO.

Chocar —

Dizemos em português *chocar* por dar uma bola na outra no jogo de choca : daqui *chocarem os navios* por encontrarem-se, embaterem uns nos outros, etc. Porém, no sentido figurado — ***chocar*** as opiniões, este procedimento ***choca*** os bons costumes, as paixões se ***chocam*** entre si, o ***choque*** dos interesses, soffrer os ***choques*** da fortuna, etc., parecem gallicismos escusados, e que se devem evitar, attendendo á idéa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar.* Diremos, pois, em melhor português — *combater, contrastar as opiniões*, este procedimento *offende, affronta os bons costumes; soffrer os encontros, os impetos, os contrastes, os reveses, os vaevens da fortuna.* (Glos., 22).

Chrysanthémo —

em logar de *chrysánthemo* é gallicismo de pronuncia.

Claque —

Para substituir este francesismo criou CASTRO o neologismo *venapplauso,* applauso vendido pelos que no theatro batem palmas aos actores, por dinheiro, ou por algum outro motivo ; applauso forçado, não espontaneo. Este neologismo é formado com o adjectivo *venal* e o substantivo *applauso.* (204).

Climaterico —

Climerico deve ser o adjectivo, porque o substantivo português é *clima* e não *climat,* que é francês. CASTRO, (209). «*Anno climaterico*», escreve Moraes, é aquelle de que se crê que corre nelle perigo a vida, aliás *decretorio*; e dizem ser de sete em sete, de nove em nove, e que o mais perigoso é o de 63, porque nelle se contem o numero 7 multiplicado pelo 9. *Climaterico,* escreve Ad. Coelho, : que respeita a uma das idades da vida olhadas como criticas. (*Gr. Klimatericós,* que procede por gráus). *Climaterico* é vernaculo, portanto, nessa accepção. Para referencia a clima, temos *climatologico* (de Climatologia), ou ainda *climatico* (Gr. Klima, Klimatos).

Coalizão —

Mera importação francesa, mas importação desnecessaria. Na boa linguagem temos *colligação, liga, confederação.* (Glos., 23).

Coalizado —

Temos *colligado, confederado.*

Coalizar —

Temos *colligar-se, confederar-se.*

Cocar —

ou ***cocarda***. Modernamente se tem usado para significar o tope, ou divisa que se traz no chapeu. Derivado do francês *cocarde*. Como temos com que o supprir em português, parece-nos que não é para se adoptar. (Glos., 23). *Pennacho*

Cofiar —

Deve ser tida por innovação escusada, uma vez que podemos exprimi-la por *alisar.*

Coisa —

A locução francesa *quelque chose de* dá logar a innumeraveis expressões portuguesas de cunho gallicano: ***Alguma coisa*** de bom, ***alguma coisa*** de horroroso, de bello, etc. Temos a palavra *algo* que corresponde áquelle circumloquio francês, uma vez que não seja regido de *de*. Não podemos dizer *algo de bom, algo de horroroso*, e sim *algo bom, algo horroroso.*

Começar por —

A lingua francesa emprega o verbo *commencer* com infinitivos mediante a preposição *par*, o que se não dá na lingua portuguesa, na qual o uso dos classicos não autoriza tal emprego. Como no castelhano, a verdadeira regencia é com a preposição *de* em vez de *por* : — *Começou de* em logar de ***começou por.***

Comité —

Tomaram os franceses o seu ***comité*** do inglês *committee*, que significa junta de deputados para examinar qualquer assumpto. Entre nós o adoptamos com a mesma graphia francesa e delle fazemos uso corrente. Mas, adianta o cardeal

SARAIVA, não temos achado em proposição, ou em discurso algum, em que se não pudesse traduzir commodamente, e com propriedade, pela palavra *junta* ou *commissão*, e por isso julgamos escusado. (Glos., 24).

Como —

O emprego do adverbio *como* dá logar a vicios de linguagem quando delle fazemos uso como fazem os franceses. Estes, adverte o padre MIR, não reparam no uso do *como* sem particula, ainda que o refiram a caso obliquo. «O livro de Paulo, como escriptor, vale quanto pesa». O dislate aqui está em que o livro como escriptor não vale nem deixa de valer, porque não pode considerar-se como escriptor, senão como escripto por Paulo, a quem não se refere a particula *como*, porque se a elle se referisse diria *como de escriptor*, ou de outra maneira mais decorosa e elegante. Pelo mesmo estilo se escrevem hoje locuções disparatadas, sem grammatica nem coherencia. Como remediar a incorrecção? Ahi estão os classicos para offerecer o remedio. Geralmente não se valiam de *como* senão para referirem-no a nominativo, a dativo, a accusativo, dando-lhe a particula nestes dois ultimos casos; porém, se o referiam ao genitivo ou ablativo, nunca deixavam de acompanhá-lo com *de*, *por*, *com*, *sem*, etc. As locuções *a força de*, *a par de*, *emquanto a*, *respeito a*, *em ordem a*, *tocante a*, *quanto a*, e *em*, poderão servir de correctivo ao uso afrancesado do ***como***. (MIR, 335).

Como —

(com gerundio). Viciosissimo é o emprego de ***como*** com gerundio. Los franceses adjetivan la particula *como* con el participio de presente, no sin cierta propriedad y elegancia; mas el traducir por gerundios españoles los participios activos franceses es incalificable despropósito, según que en su lugar hemos de ver. Quien esta frase, *un homme jouissant de son droit*, la tradujese por gerundio, asi, *un hombre gozando de su derecho*, daria á entender que no ha saludado los rudimentos de ambas lenguas. Porque el participio *jouissant* se vierte por nuestro participio *gozante*, y aún mejor por su equivalente *que goza*, pero no por el gerundio *gozando*, pues para eso era menester que el francés dijese *en jouissant*, que es la forma caracteristica de los gerundios franceses. De este error nace la desorden, tan comúm en los modernos traductores. Crece la confusión cuando aplican el gerundio compuesto en vez del participio compuesto, como lo hizo Martinez de la Rosa en los dos textos alegados. Disparate fué decir *como siendo ilegales*, en lugar de *como las que son ilegales*, pero el poner *como*

haciendo enriquecida á su patria, en lugar de *como quien hubiese enriquecido á su patria* (aun asi no dejaria la traducción de ser chapucera, por la indigna traza del *como*), fué desatino de mayor calibre, que sólo de pluma gallicista pudo salir. No asi trocó los frenos Cervantes en su locución *camo haciendo burla*, pués dió al *como* el sentido competente, y al gerundio *haciendo* la fuerza propria suya, sin asomo de gabachismo. (MIR, 336).

Como que —

O emprego da locução ***como que,*** como equivalente de *posto que, assim é que, tão certo é que*, etc., forma barbarismo.

Compacto —

Usado na accepção de *duro, espesso, denso*, é gallicismo. O seu legitimo significado é *composto, unido*, etc. São de uso francês essas frases — ***razões compactas, discurso compacto, neve compacta,*** etc.

Complacente —

Na accepção de *indulgente, lisonjeiro, adulador, cortês, condescendente*, etc., é gallicismo. Ha muitos adjectivos portugueses que podem evitar aquelle significado francês — *obsequioso, generoso, delicado, affavel, fino, amoroso, attento, grato, tratavel.*

Comportamento —

Temos *procedimento, de bons ou maus costumes, de boa ou má vida, bem ou mal morigerado.*

Comportar-se —

Embora usado no sentido de *proceder*, não tem autoridade classica e nem o julgamos necessario no nosso idioma. Em logar delle temos — *portar-se, haver-se, proceder.* (Glos., 24).

Comprometter —

Na significação de *comprometter a autoridade, o credito, o nome, a palavra, a dignidade, a honra, o brio*, etc., ou *comprometter-se em algum negocio*, é gallicismo desnecessario e alheio á nossa lingua. Temos palavras portuguesas equivalentes — *arriscar, aventurar, pôr a risca, expor a algum desar o credito, a palavra, o brio, a honra*, etc. (Glos., 25).

Vem de molde este passo de Camillo, á pagina 50 do seu livro *Coração, Cabeça e Estomago,* ed. de 1864:

«Por delicadeza lhe não devolvi a sua carta, e peço-lhe que me não escreva outra, que *me compromette* — respondeu ella. Não me soou bem este gallicismo dos labios de Paula. Eu, em todas as situações da minha vida, quando vejo a lingua dos Barros e dos Lucenas *compromettida*, dou razão ao philosopho francês que, á hora da morte, emendava um solecismo da criada, protestando defender até ao ultimo respiro os foros da lingua».

Conceber —.

por *escrever, redigir*, é gallicismo. A carta era ***concebida*** nestes termos, em logar de *escripta* ou *redigida*.

Concentrado —

Como adjectivo, em vez de *reconcentrado*: — Odio, dor, etc., ***concentrado***. *Concentrado* é o mesmo que internado no centro de uma coisa. (OLIVER, 55).

Concluir por —.

A linguagem classica não autoriza o emprego do verbo *concluir* seguido de *por*: — ***conclue por ser o mais forte,*** frase esta de forma francesa. Preferivel é usar o gerundio, quando não tenha cabimento o uso do ***em*** ou ***com***: — concluiu *aborrecendo-me*, em vez de ***por aborrecer-me***.

Conducta —

No sentido de procedimenfo. O cardeal Saraiva, se no seu Glossario deixa incolume o ***constatar,*** repudia com vigor o ***conduzir-se*** e ***conducta***. Apesar, diz elle, de actoridades que o abonam e uso frequente, a opinião mais geral dos homens doutos e intelligentes da lingua portuguesa é contra este vocabulo, e por isso o reprovamos e julgamos inadoptavel na referida significação. Os nossos classicos diziam em logar delle — *procedimento, modo de proceder, genero de proceder, vida e costumes*.

Conduzir-se —

No sentido de *proceder*. Temos — *governar-se, haver-se, proceder, portar-se*. RUY o inquina igualmente de gallicismo. Embora empregados por algum escriptor de nomeada, escreve FIGUEIREDO, *conducta* e *conduzir-se*, no sentido de

procedimento, *comportar-se*, são gallicismos condemnaveis, jamais perfilhados por escriptor asseado, como dizia o finado CASTILHO.

Confecção —

Exprimindo *roupas e objectos de modas*, francesismo claro e notorio. (RUY, 276). Na significação de *trabalhos de modista* é gallicismo justificavel. «***Versos de confecção minha***». Neste sentido ***confecção*** é inutil e feio gallicismo. *Compôr* e não ***confeccionar*** obras... *Materia de confecção* podem ser as drogas, remedios, iguarias, bebidas, e com este emprego foi sempre considerado legitimo o uso do vernaculo. (RIB., Aut., 119).

Confeccionar —

E' gallicismo quando empregado no sentido de *elaborar*, *organizar*, *redigir*, *fazer*, *escrever*, *formular*. «***Confeccionar leis***».

Confinar —

No sentido de *encantoar* é gallicismo reprovado.

Confiseur —

em logar do vulgarissimo *confeiteiro* é gallicismo inutil. (RUY, 183).

Conflagração —

São innumeraveis as palavras, na lingua portuguesa, mediante as quaes podemos exprimir a conflagração dos franceses, que significa «perturbação repentina e violenta de povos ou nações». Alem de outros temos *revolta*, *tumulto*, *revolução*, *alteração*, *subversão*, *sublevação*, *perturbação*.

Consolo —

por *modilhão* (de cornija) ou especie de *bufete*, *aparador*, *mesa*, é gallicismo de que podemos prescindir. (NORB., 262).

Conscripção —

Não teve ingresso no nosso vocabulario. Não a incluem nos seus diccionarios MORAES e FIGUEIREDO. FR. LUIZ a condemna e não acha decente que com ella se exprima o methodo de recrutamento praticado entre nós, e tão alheio do rigor e barbaridade da conscripção francesa.

Constatar —

Dos mais escandalosos gallicismos, embarga o sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO. Repugnantissimo, qualifica o nosso CASTRO LOPES. Sobre desnecessario, tendo em português uns poucos de succedaneos vantajosos, crassamente francês e dissonante, contra elle reclamam juntas a vernaculidade e a euphonia. (RUY, 184). FIGUEIREDO ainda accrescenta que todo escriptor asseado rejeita sem hesitação este gallicismo. Em seu logar temos vocabulos expressivos — *certificar, mostrar, provar, demonstrar, comprovar.* Não encontrou gasalhado nos nossos bons diccionarios, senão no de FIGUEIREDO para ser recambiado.

Conveniencias —

por *attenções, convenções, cortesias, cumprimentos*, lembra o francês ***convenances***. Diremos mais propriamente *utilidades, interesses, lucros, proveitos, bens.*

Coquette —

E' palavra francesa, de que não temos necessidade para significar — *affectada, linda. garrida, namoradeira.* Temos ainda o adjectivo *loireira*, que se diz da mulher provocante, seductora e que deseja agradar a todos.

A palavra *coquette* não é portuguesa, diz GARRETT. Mas, accrescenta, não ha remedio senão acceitá-la e dar-lhe a carta de naturalização desde que a coisa se aforou tanto entre nós. (2º v. dos *Versos,* p. 298).

Coquetterie —

Dispensa-a o seguinte passo de Camillo :— «O crime de todas era a *casquilhice*, que o leitor pode, se quiser, traduzir para *coquetterie.* (Cab., Cor. e Est. p. 19).

Coquettismo —

Não deve ter carta de naturalização. Temos *garridice, tafularia, requebro, tafulice.*

Corbeille —

Ha a palavra *corbelha* em português para significar a mesma coisa do vocabulo francês. E por isso é francesia inutilissima. Aqui temos RUY na sua indefectivel pureza : «...duas prisioneiras entijeladas na mesma corbelha rodante de flores...» (Disc. ás class. cons.).

Correcção —

E' gallicismo no sentido de *perfeição, dignidade, asseio, decoro, esmero* e outras, que os de *culpa, emenda de erro, abuso, castigo* ou *repreensão.*

Correcto —

Não é licito dar a este adjectivo, senão gallicizando, outra accepção que não a de *corrigido.* As de *esmerado, decoroso, asseado, ajustado, digno, inatacavel, perfeito* e outros, lhe não são proprias.

Côrte —

O douto cardeal SARAIVA revoltou-se contra o uso deste vocabulo no sentido de *conselho, tribunal, relação, camara.* Chama-lhe de gallicismo que se não deve admittir em português. Em logar de ***côrte de justiça,*** diremos tribunal, conselho, ou camara de justiça.

Costume —

Na significação de *facto, andaina,* é gallicismo. (RUY, 559). Em vez de *traje ou vestimenta,* é gallicismo insuportavel, diz FIGUEIREDO.

Costumes —

E' muito frequente para significar *bons costumes,* tomar á maneira dos franceses o vocabulo *costumes* desacompanhado do adjectivo *bons* que o qualifica, dizendo — ***homem sem costumes; sem costumes*** não pode prosperar o Estado; etc. Este uso tem ar de francesia, e não é para se imitar em português, sem reflexão, maiormente quando faz ambigua e até absurda a frase, como succede por exemplo nesta proposição que achamos impressa — «Deve o pae conservar ***os costumes*** do filho — que no nosso idioma vale tanto como dizer que os deve conservar, quer sejam bons, quer maus. (Glos., 30).

Coup de soleil —

Como seu equivalente temos *insolação.*

Crachá —

Vem do francês ***crachat***. *Condecoração, insignia, venera, commenda* o escusam.

Craneo —

Do francês ***crâne*** provém a forma irracional de ***craneo.*** A forma exacta, porém, no português é *cranio.* O latim *cra-*

nium e o grego *kranion* não podem deixar duvidas a tal respeito. (VIC., 97). Um cranio roido, escreve acertadamente ANTHERO DE FIGUEIREDO. (Record. e Viagens).

Creche —

Significando logar onde se recebem crianças para alimentar, é gallicismo barbaro. ***Creche*** é propriamente a *manjedoira*, que poderiamos substituir por *berço* ou então *lactario*. (NORB., 267). Temos ainda *asylo da infancia*.

Criação —

A lingua francesa dá extensissima accepção a esta palavra, contrariamente ao português, onde ella tem sentido mais restricto. Não será vernaculo dizer ***criação*** onde devemos empregar as palavras — *invenção, fundação, descobrimento, inauguração, estabelecimento, erecção, instituição, invento, fabrica e formação*.

Criar —

E' de uso afrancesado em logar de *estabelecer, fundar, instituir, cimentar, erigir, innovar, formar, ordenar, compôr, dispôr, fazer, dar assento*, etc.

Croquis —

Escusada francesia, visto termos *esboço, esboceto*. *Borrão* é outra palavra portuguesa que pode substituir ***croquis***.

Cuidados —

por *desvelos, esforços, obsequios, inquietações*. Tambem é gallicismo a frase — ***Dar-se a cuidados*** por *fazer diligencias*. (OLIVER, 65).

Curso —

Considerado gallicismo usado em logar de *jornada, corrente, decurso, viagem, progresso, corrida, discurso, carreira* e outras. «Viagem de ***longo curso***», diremos de *longa jornada*; deter o ***curso das lagrimas***, diremos a *corrente das lagrimas*, etc. Tem, porém, em seu abono a autoridade de VIEIRA: — «... o sol contra seo curso tornou atrás...» (Serm. I, col. 166).

D

***Dado* —**

por *determinado, especial, particular, singular, certo, assignalado, supposto*, etc. «Em momentos ***dados,*** é preciso cobrir com um veu a estatua da liberdade». Outro gallicismo: — «***Dadas*** tão anormaes circumstancias», etc., em logar de — «Se sobrevierem, caso sobrevenham», etc. (OLIVER, 78). Eis como escrevia Vieira: Suppostas estas duas demonstrações: supposto que o fruto...» (Serm. 1. c 26). Ainda não se nos deparou em Vieira, uma só vez, a palavra *dado*.

***Dar a* —**

Dar a comer, a beber, a almoçar, a mamar, a ganhar, etc., são gallicismos. MARIO ensina que a preposição *à* entre *donner* e o infinitivo equivale a *de* — *Donner à boire et à manger,* dar de comer e beber; *donner à diner à qualqu'un,* dar de jantar. Nestas construcções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, em sua origem, de caracter adjectivo. Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer, é como se dissessemos algo comivel ou comestivel. Omittido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a acção do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer. (III, 261).

De —

O cardeal SARAIVA enumera um punhado de frases em que o emprego da particula ***de*** tem o travo de expressão gallicana. São ellas exemplos typicos, que merecem mantidos de memoria : — «A primeira coisa que fiz, foi ***de*** vir a Madrid, isto é, foi vir, etc.» ; «rogou a sua mestra ***de*** a deixar contar, isto é, que a deixasse contar, ou que lhe deixasse contar» ; deve-se evitar com cuidado ***de*** inflammar a imaginação das mulheres, isto é, deve-se evitar inflammar, ou, o inflammar, ou deve-se de evitar inflammar-se, etc.» ; «ver-se obrigado muitas vezes até ***de*** implorar a desgraça, isto é, até a implorar» ; «o menor abuso, que fazem da vida dos vencidos, é ***de*** reduzi-los á escravidão, isto é, reduzi-los, etc.». «Encarregar a alguem ***de*** um negocio». O ***de*** ahi é gallicismo, e sómente pode acompanhar o verbo na sua forma reflexa.

Debacle —

Escusado gallicismo. Possuimos termos equivalentes no nosso idioma — *anarchia, revolução, derrubada, derrocada, destruição, arrazamento.*

Debater-se —

Na forma reflexa é de cunho francês. Melhor é substitui-lo por — *altercar, degladiar, batalhar, contender, disputar, combater, guerrear, discutir, ventilar, porfiar, lutar, litigar* e outros.

Debil —

Costumam traduzir os gallicistas o adjectivo fr. *faible* por ***debil,*** applicando-o aos substantivos abstractos — *esperança, confiança, entendimento, argumento, fundamento, prova, obsequio, serviços, graças, diligencias* e outros. (MIR).

Debilidade —

Na lingua francesa a palavra *faiblesse* tem não menos de quatro accepções: *falta de força physica, falta de valor, desmaio, vicio.* E como tal acontece, costumamos nós, no prurido de innovações, construir frases afrancesadas com aquellas importações desnecessarias.

Debochado —

Inutil. Temos *libertino, devasso, corrupto* e outros.

Debochar —

Escusado. Temos *prostituir, tornar devasso, depravar, corromper.*

Deboche —

Puro gallicismo trazido para o português sem necessidade alguma e, além disso, mal soante aos nossos ouvidos, diz Fr. LUIZ. ***Deboche,*** em cujo logar temos *crapula, devassidão, libidinagem, desvergonha, barganteria*, continúa a reputar-se o mais torpe e dissoluto dos gallicismos, escreve RUY.

Escreveu GARRETT, vol. XX das suas Obras: — «*Deboche* tem a autoridade do padre Antonio Pereira, que não sei porque ha de ser menos classico do que tanto padre ou frade que viveu cem ou duzentos annos antes, e sabia cem ou duzentas vezes menos que o nosso illustre theologo». Com tal defesa não logrou Almeida Garrett que fosse aquella estranha palavra usada pelos grandes escriptores da lingua. Pelo só facto de ter sido empregada, uma ou outra vez, por escriptor de autoridade, tal ou qual palavra, não se segue que ella, por isso, adquira foros de vernacula. Dessarte poder-se-ia tentar justificar a pureza das que usou o proprio Garrett, processo esse que, uma vez generalizado, faria desaparecerem os gallicismos.

Debutar —

Desnaturação feia, malsoante e pedantesca do nosso *estrear.* (PUY, 559). Inuteis e inadmissiveis, em vez do português *estréa, estrear, estreante*, são *debute, debutar, debutante*, disfarces do fr. *début, débuter, débutant*, usados pela gente de theatro e pelos gazeteiros. (MARIO, II, 341). ***Debutar*** é francesismo intoleravel, diz FIGUEIREDO.

Decidido —

em logar de *ousado, atrevido, arrojado, animoso, valente*, etc., é gallicismo. Em português este participio quer dizer *decretado, julgado, sentenciado, resolvido.*

De duas coisas uma —

ou ***de duas uma.*** E' mais certo, mais energico e menos afrancesado dizer — *Uma de duas* ou *um de dois.*

De entre —

Fr. *d'entre.* Dupla preposição, muito em seu posto quando significa *de em meio.* E' gallicismo, porém, quando a

preposição *entre* se torna redundante, como neste exemplo — Era a menos agraciada ***de entre*** todas, isto é, de todas. (OLIVER, 69).

Deferencia —

A locução ***deferencia por alguem*** é traducção literal do fr. *défèrence pour quelqu'un*. Conveniente á bôa linguagem será usar, em logar de ***deferencia,*** qualquer dos seus correspondentes — *cortesia, condescendencia, contemplação, respeito, favor, obsequio, reverencia, veneração, benignidade, franqueza, carinho, brandura.*

Degradar —

Na sua castiça accepção quer dizer *privar de, privar de grau,* ou *graduação,* ou *desterrar,* ou ainda figuradamente *escusar.* Não se lhe podem reconhecer as significações de *humilhar, envilecer, rebaixar,* senão tomando-as do *degrader* francês.

Degringolada —

Gallicismo grosseiro. Só pode admittir-se a uma insolação de francesia, com uma aragem de insania á mistura. (Estranj., II, 83).

Deixar-se ir —

Lembra o *se laisser aller* dos franceses, que significa *entregar-se, deixar-se levar,* ou *seguir o impulso.* Em vez de ***deixar-se ir*** aconselham os classicos as vozes deixar-se levar, mover, vencer, arrebatar, etc.

Delivrance —

Francesia impugnada, e com razão, por FIGUEIREDO. Sem recorrer a euphemismos, temos vocabulos perfeitamente decorosos e synonimos de *parto.* Em documentos antigos, em que geralmente se espelha a linguagem corrente dos tempos idos, eu encontro *delivramento,* no sentido de *parto.* E' provavel que a palavra tenha parentesco proximo com a francesa ***delivrance,*** mas tem forma portuguesa e usou-se entre portugueses que inda não estavam gafados pelas francesias de hoje. E, se algum purista recalcitrar contra o *delivramento,* tem ainda o recurso da *desgravidação,* que é autorizada por FILINTO, pelo menos, e bem derivada de *desgravidar,* verbo que FILINTO tambem usou e que eu supponho criação delle, porque não vejo a palavra em outro autor. Nos hospitaes de Lisbôa,

usa-se, entre medicos, *dequitar-se* ou *dequitação* ou *dequitadura dequitamento*, em vez de parir e parto. Tambem são formas que se justificam. (Estranj., I, 103). Ainda não ha receio de significar o *delivramento* pelo nome commum e especifico de *parto*, diz RUY. (134).

Demasiado —

Usado em logar de *muito, inteiro, todo, necessario*, etc., dá á frase o cunho francês. «Não ha que esperar do governo ***demasiadas*** economias», isto é, muitas economias.

Demodé —

Deve ser repellido da boa linguagem. Temos em seu logar — *desusado, antiquado, anachronico, inusitado, arcaico*, etc.

De momento —

Para traduzir a expressão proverbial *desde logo*, é absolutamente impropria. O padre MIR diz que ella não é francesa, nem espanhola, nem latina, senão barbara a todas as luzes. Tambem não é portuguesa senão quando precedida de outra expressão ou vocabulo que lhe complete o sentido: *resposta de momento, explosão colerica de momento*, etc. A deixar de ser assim, lembra analogamente o *sur l'heure* dos franceses, ou o *de moment*.

Departamento —

No sentido de repartição, como se tem na frase — ministro do ***departamento*** da marinha —, é gallicismo, que se não tolera em bom português. Admitte-o, no emtanto, o cardeal SARAIVA, na accepção de divisão politica do territorio, como se deu em França, no principio da revolução de 1879, que teve seu territorio dividido em *departamentos*. Nem nesse sentido achamos razão para que elle seja admittido na lingua materna, quando temos *districto, provincia, circumscripção*.

Depois —

E' gallicismo como traducção do francês *d'après*: — «Um retrato ***depois*** de Raphael», isto é, copiado de Raphael. «Mas eu posso assegurar ***depois*** da minha experiencia», isto é, segundo a minha experiencia. (Glos., 37).

Depois —

E', tambem gallicismo como traducção do *depuis*, por desde. (RUY, 548).

Depois de tudo —

Deve ser evitado o uso desta expressão, que lembra o *après tout* francês. Em seu logar mui vernaculamente dizemos — *no fim, ao cabo, como quer, seja como for, tudo considerado.*

Depreciar —

Em seu logar devem ser usados os verbos — *rebaixar, menoscabar, apoucar, vilipendiar, deslustrar, abater, abaixar, envilecer, desabonar, deprimir, desestimar, rebaixar o merito* e outros. Fugimos assim do *deprecier* francês.

De resto —

Expressão repudiada por Fr. LUIZ, TULLIO, RUY e FIGUEIREDO. Fr. LUIZ declara não ter achado palavra portuguesa que exactamente corresponda á expressão conjuntiva *au reste*, que hoje se traduz ***de resto***, devendo, por isso, supprir-se pelas clausulas — *no mais, emquanto ao mais, no que toca ao mais*, etc. TULLIO argue de espuria e barbara, e propõe para substitui-la — *porem, todavia, comtudo, ainda assim, apesar disso, não obstante, e quanto ao mais*. RUY e FIGUEIREDO chamam-lhe francês puro. GRAÇA discorda, porem, destes mestres. ***De resto,*** ajunta elle, recebemos immediatamente do francês, não ha negá-lo ; pelo sentido, porem, a introducção da locução em português justifica-se perfeitamente com o latim *de reliquo*, empregado especialmente por Cicero, na accepção de *quanto ao mais, quanto ao resto, de mais*... E foi sem duvida pela consideração de que *au reste* e *du reste* correspondem perfeitamente a *de reliquo*, que ***de resto*** se aforou na linguagem escripta portuguesa... (174).

Desalterar —

por *apagar a sede, matar a sede*, ou *dessedentar-se*. Em CAMILLO se nos depara : — «Raparigas deseiam das encostas herveeidas com rebanhos a dessedentarem-se nos ribeiros». (Sent. e Hist., 169, ed. 1879). Não foi usado pelos classicos portugueses. Entre os escriptores mais insignes, empregou-o uma unica vez o grande RUY. CASTILHO ANTONIO escrevia : —

«...a agua da fonte commum em que se dessedenta...» (Am. e Mcl., 186, ed. 1861).

Dasapercebido —

por desprevinido, inadvertido, etc., é gallicismo tão vulgar quanto grosseiro. (TORO, 151). Português legitimo na accepção de *desprovido, desguarnecido*.

Desapontado —

Gallicismo no sentido de *enganado,* logrado, em suas vistas e desejos. (TULLIO). São de GARRETT estas palavras: *Desapontado* é neologismo, creio porem que necessario. Os franceses, que bem escrupulosos são, adoptaram dos ingleses esta palavra, que ou não tinha ou havia perdido sua lingua. Se os franceses — *Qui nuusas colunt se veriores* —, o fizeram, por que o não faremos nós? Temos, é certo, *lôgro, lograr,* que em muitos casos vale o *desappointment* e *disappoint* inglês; mas, alem da amphibologia que aquelles termos teem na nossa lingua, em muitas occasiões não vertem nem supprem a palavra britanica. (Vol. XX, p. 260).

Descoberta —

por *descobrimento* de novas terras, ou achado novo nas sciencias e artes, etc., é vocabulo alheio da nossa lingua, e tomado do fr. *decouverte*. (Glos., 37). ***Descoberta*** do Brasil, ***descoberta*** da India, ***descoberta*** da imprensa, são rematados disparates. ***Descoberta*** é aquillo que se descobriu, e não o acto de descobrir. E, assim, diz-se muito bem: — «A imprensa foi uma grande *descoberta*». «As *descobertas* dos portugueses foram glorificadas». Mas o acto de descobrir a imprensa, o Brasil, etc., não é ***descoberta,*** é *descobrimento*. O *descobrimento* da India, o *descobrimento* do Brasil, é como se diz em português, e é como se exprimem os grandes mestres da lingua. (Estranj., I, 24).

Descosido —

No sentido figurado de estilo ***descosido,*** ditos ***descosidos,*** por *estilo solto, desatados, ditos sem nexo* é gallicismo escusado. (Glos., 38).

Desde que —

por *uma vez que, assim que, em* (com gerundio). ***Desde que*** se toma affeição á sciencia, por *em tomando,* etc. (OLIVER, 72).

De seguida —

por *successivamente, em fileira, um atrás do outro.* Temos *continuamente, sem interrupção, consecutivamente.*

Desespero —

Estar ao ***desespero,*** por estar inconsolavel. E' gallicismo *être au desespoir*, barbaro e estupido. (Roq., 278).

Desgraçadamente —

Em regra é contrario ao genio da lingua portuguesa o uso dos adverbios em *mente* seguidos de qualquer regime. Os franceses dizem mui consoantemente á sua lingua: — *Malheureusement pour moi ; heureusement pour nous,* etc. Nós, em casos taes, devemos evitar o *para mim, para nós, para vós, para elles,* etc.

Despacho —

em vez de *telegramma.* Grosseirissima adaptação do francês *dépêche* (do gen. feminino), diz L. DE VASCONCELLOS.

Desser —

do francês *dessert*, é inadmissivel. Temos *sobremesa, póspasto, postres*, prata de casa e prata de lei, como os classifica FIGUEIREDO.

Desillusão —

por desengano.

Desinteresse —

E' português correcto tomado com a significação de *falta de interesse, abnegação, generosidade.* E', porem, gallicismo quando empregado no sentido de *desidia, falta de cuidado, falta de diligencia,* como se vê neste exemplo : — «E' criminoso o ***desinteresse*** com que o governo trata os negocios publicos».

Desnaturalizar —

No sentido de *aterrar, transformar, desfigurar* (TULL).

Desolado —

Em bom português diremos *cidade desolada, país desolado*, isto é, posto por terra, de todo arrazado, arruinado. Porem mãe ***desolada,*** esposa, amante ***desolada*** por *angus.*

tiada, maguada, afflicta, amargurada, etc., é gallicismo e metaphora, a nosso ver, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia ou semelhança. (Glos., 41).

Desopilante —

por *mui divertido, risivel.*

Destacamento —

Na boa linguagem é somente usado no estilo militar.

Destacado —

Soldado *destacado,* official *destacado.* Noutra accepção é imitação do francês.

Destacar —

Admittido somente no sentido militar. GRAÇA reconhece, entretanto, ao ***destacar*** significações outras por semelhança e analogia. — *Expedir* alguem para fazer algum serviço e, figuradamente *separar, apartar, retirar, fazer sair, despedir, lançar fóra ;* na pintura, as de *sobresair, relevar, avultar.* Vae, pois, este vocabulo, como se vê, recebendo carta de naturalização. Deve reconhecer-se, todavia, que em logar delle temos vocabulos mais expressivos e melhor soantes. RIBEIRO julga que não é muito pura a palavra ***destacar,*** consagrada apenas e restrictamente na arte militar ; é gallicismo no sentido de *distinguir, ver ao longe, discernir.*

Destaque —

Temos relevo, saliencia, realce, distinção, evidencia.

Desthronar —

E' imitação directa do *detrôner.* Delle não usaram os classicos, e sim de *desthronizar,* ou *desenthronizar.* (Glos., 42).

Desvalisar —

Insensata parodia do fr. *devaliser.* Em português, o padre BERNARDES e quantos conhecem a nossa lingua, nunca disseram senão *desvalijar.* (Estranj., T. 26).

Detalhe —

Escusada francesia e grosseiro contrabando. Com as suas derivações — *detalhar, detolhado, detalhadamente,* vinha com a audacia e o desasseio do mais tosco barbarismo, sobrepor-se a um acervo de expressões vernaculas, sãs, correntias,

sonoras, expressivas — *miudeza, minudencia, particularidade, pormenor, circumstancia por miudo, pelo miudo, miudamente, minuciosamente, circumstanciadamente, particularizadamente* e muitas outras, analogas, ou derivadas. Esse lançou as radiculas pertinazes do escalracho no mau terreno; mas no bom, na lingua dos escriptores onde se aprende a falar, não encontrou jamais senão repulsa. (RUY, 557)

Detraqué —

Francesia inutil uma vez que temos *desequilibrado, desarranjado, adoidado, maluco, de pouco siso* e outros.

Detractar —

por *detrair, dizer mal de alguem, murmurar, deprimir a reputação.* Vem do fr. *détracter.*

Dever —

Este verbo dá ansa a innumeros afrancesados. A boa linguagem portuguesa afasta-se de o empregar no sentido em que os franceses, na carencia de outras formas de expressão, são forçados a usar o seu *devoir: je dois etudier,* etc. As formas vernaculas devem ser escriptas com *haver de, ter de, ter que, ter por,* etc.

De vez em quando —

ou ***de quando em vez.*** — Estas locuções não teem em seu abono a autoridade dos classicos, senão a dos que incorrem em gallicismos. São expressões barbaras, incorrectas e sem sentido, que devem ser substituidas pelos seus equivalentes vernaculos — *de quando em quando, de tempo em tempo,* etc. E' assim a bôa e pura linguagem: — «...cujas exhalações perfumam de quando em quando, o Eden circumvizinho». (RUY, Disc. ás classes cons.).

Devido a —

E' manifesta a impropriedade, como manifesto é o cunho francês desta expressão. «***Devido a*** seus esforços alcancei o que pretendia». Aqui o giro francês quer dizer — *causado, effeituado, occasionado, merecido,* etc., e tambem *a mercê de, graças a, por causa de, em virtude de, por obra de,* etc. Todas essas locuções repellem o ***devido a.*** O participio *devido* tem a sua genuina significação nos vocabulos — *justo, rasoavel, proprio, natural, conveniente, proporcionado, ajustado, correspondente,* etc. (MIR, 531).

Diabetes —

O diabetes é gallicismo de genero. *A diabetes* é como se deve dizer.

Discurso acabado —

O discurso acabado é frase de construcção francesa. Em português de lei, o ablativo oracional dos latinos, (*finita oratione*) representa-se com a antecipação do participio ao substantivo : — «*Acabado o discurso...*» — «*...Desvanecidas as primeiras impressões...*» — «*Liquidadas estas contas...*» — «*Perdida a esperança...*» Considera-se, pois, francesia estreme a representação do ablativo oracional com precedencia do substantivo ao participio : — «***A esperança perdida...***» — «***Isto sabido...***» — «***Estas coisas liquidadas...***» — «***O discurso acabado...***» (Estranj., I, 125).

Diseur —

Desnecessaria essa importação, porque temos *couversador, cavaqueador, beau falante, de elegante prosa, de fina prosa, espirituoso...*

Domicilio —

A frase — ***Entrega-se a domicilio*** — não se pode admittir ; entregamos alguma coisa em casa de alguem, mas não entregamos á casa, entregamo-la a qualquer pessôa. Em summa, o erro provém do francês, porque a preposição *à* se traduz, umas vezes, por *em*, outras vezes por *a* em português. Emprega-se a preposição *em* com verbos de quietação e a preposição *a* com verbos de movimento ; portanto — *entrega-se em domicilio ; leva-se á domicilio.* (LAGO, 41).

Doublé —

Francesismo desnecessario. «*A um tempo artista e philosopho*», podemos dizer. «*A qualidade de... reune a de...*» — «*Associa-se nelle...*» (Estranj., I, 86).

Drapejar —

E' um cumulo de audacia e — deixem passar — um cumulo de tolice. Lá porque os franceses chamem *drapeau* á bandeira ou ao estandarte, já o dizer-se que a bandeira se içou ou se desfraldou é velharia que se deve pôr de lado... ***Drapejar*** é melhor estilo, dirão os francelhos ; mas o que

elle é, sobretudo, é inepto. Em português podemos dizer *trapear*, como fez CAMILLO, Caveira, pag. 421. (Estranj., I, 26).

Ductil —

em vez de *dúctil* é gallicismo prosodico.

Durante —

Quando é redundante, communica á frase um certo sabor afrancesado. — ***Durante*** toda a minha vida hei permanecido fiel ás idéas», isto é, *toda a minha vida,* etc.; ***durante*** a ausencia, isto é, *na ausencia.* (OLIVER, 75). Em regra onde não ha duração, não tem cabimento o ***durante,*** que é o *pendant* de que fazem uso a cada passo os franceses.

E

Eclosão —

Gallicismo escusado, uma vez que temos — *acto de sair á luz, acto de desabrochar, desenvolvimento.*

Eclusa —

em logar de *represa, comporta, esclusa* ou que nos vem do baixo latim — *exclusa.*

Écran —

Não falar nisso : podemos servir-nos de *pára-fogo* ou *guarda-lume*, que não desdizem do mais elegante fogão de sala, escreve FIGUEIREDO.

Editar —

E' gallicismo que provém da traducção servil de letra por letra do verbo francês *editer.* E' alheio das regras da nossa derivação. Para exprimir o *editer* dos franceses temos dois modos — mediante o substantivo *edição*, ou por meio do adjectivo *editor.* Do primeiro temos *edicionar,* do segundo *editorar.* TULLIO dá preferencia a *editorar* por ser mais significativa do que se quer declarar, isto é, que a obra tem autor e editor. Os exemplos de analogia para qualquer das formações que propomos, são innumeraveis na lingua portuguesa ; basta apontar as seguintes — De acção, *accionar ;* de doutor, *dou-*

torar ; de munição, *municiar ;* de reitor, *reitorar ;* de lição, *lecionar ;* de censor, *censurar. Editor* é que não tem derivação portuguesa e muito menos latina. (p. 35).

Effeito —

Fazer bom ou *mau effeito* por *parecer bem* ou *mal.*

Elançar-se —

Francesia que não deve ser admittida. Importação sem nenhuma razão. Ha em seu logar — *arremeçar-se, abalançar-se, arrojar-se,* etc.

Elemento —

Os franceses usam a palavra *élement* em sentido figurado ; e quando nós dizemos por outra metaphora que nos é familiar : *Fulano está no seu paraizo,* isto é, está como quer ou goza de seus prazeres á medida do seu desejo, o francês diz muito bem : *Il est dans son élement.* Mas se um português dissesse, parodiando aquellas palavras — *Fulano está no seu* ***elemento,*** abusava da lingua e parecia zombar de quem o ouvisse. (NORB., 138).

Élite —

Francesismo de uso frequente, que não o perfilhará, porém, o escriptor que meneie a penna com algum capricho. *Escol* perfeitamente o equivale, alem de *flor, nata, os escolhidos.*

Em —

No sentido de *como, na qualidade de, no caracter de.* São arguidas de espurias frases como estas — *Ser mandado em parlamentario,* isto é, como parlamentar ; *ser mandado na qualidade de embaixador,* isto é como embaixador, etc. GRAÇA collige varios exemplos que o levam a convencer-se de que não é o seu uso tão opposto ao nosso idioma, como se lhe afigurou até certo tempo ; ao revés, encontra-se autorizado pelos mais antigos e afamados dos nossos escriptores. (p. 288).

Em —

em logar de *de,* em muitos casos é construcção francesa. Viciosamente empregada, escreve MARIO, aparece a preposição ***em*** nestes exemplos : estatua ***em*** bronze, muro ***em*** tijolo. objecto ***em*** alabastro, leitos ***em*** ferro, nas quaes a dita preposição, indicando a materia de que é composta alguma coisa.

usurpa o logar da preposição *de*, e semelhante uso da preposição ***em*** é, como diz LITRÉ, censurado mesmo no francês por alguns grammaticos; mas torna-se agora communissimo naquella lingua, donde passou á nossa, maiormente na linguagem do commercio: vestidos ***em*** seda, punhos ***em*** bretanha, busto ***em*** marmore. (II, 348). Movel ***em*** castanho, imagem ***em*** barro, salva ***em*** prata, — VASCONCELLOS classifica de gallicismos vergonhosos essas locuções. (RUY, 184). Avançada ***em*** idade, deve dizer-se — *avançada de idade,* ou *de idade avançada.*

Em —

Ainda é gallicismo nas seguintes frases: — estrada ***em*** construcção, por estrada que se está construindo; o facto ***em*** discussão, em logar de — o fato que se discute. (RIB., cap. cit.).

Em absoluto —

Pretendem os gallicistas exprimir com esta locução o adverbio absolutamente, e ainda — totalmente, sem duvida, sem restricção, etc. Não é, porém, modo correcto de dizer e nem tem em seu abono autoridade dos classicos. São mais que gallicismos, são barbarismos as frases — ***Em absoluto*** isto é falso; ***em absoluto*** mentistes; ***em absoluto*** não contes commigo, etc.

Em desacordo —

por *desacordo, desconforme* ou *não conforme, em contrariedade com, em opposição.*

Emballagem —

Não é coisa que se deva dizer em português. Temos *enfardamento, empacotamento,* etc. (Estranj., 29). E' francês. (RUY, 184).

Embalsamar —

No sentido de *perfumar* é de accepção francesa. Desnecessario, porque temos varias maneiras de exprimir o que os franceses dizem nestas frases — *aposento* ***embalsamado,*** ar, jardim ***embalsamado;*** as rosas ***embalsamam*** o ambiente; o resedá ***embalsama*** o jardim, etc., por meio dos verbos *aromatizar, perfumar,* etc.

Embellecer —

E' gallicismo. *Adornar, enfeitar, ornar, ornamentar, aformosear,* etc., lhe correspondem.

Candido de Figueiredo utilizou-se, varias vezes, da expressão em absoluto. Leiam-se Problemas

Em grande escala —

Expressão absolutamente repreensivel e só admittida pelo diccionario francês. Em seu logar diremos com propriedade — *por maior, em conjunto, por junto, em grosso,* etc.

Emittir —

.Na sua legitima significação quer dizer *arrojar, lançar, soltar, enviar.* Usá-lo, porem, em logar de *expressar, manifestar, pronunciar, dar a canhecer, expor, publicar, mostrar, descobrir,* etc., é perpetrar gallicismos inuteis, como são os seguintes : ***emittir*** idéas, principios, opiniões, parecer, conceitos, votos, sentenças, themas, systemas, etc.

Emquanto que —

E' forma que os mestres nunca usaram. Ahi se vê a locução francesa *tandis que,* ***Emquanto que,*** não me consta, diz FIGUEIREDO, que os mestres o disseram nunca. Quem o diz é só quem com mais ou menos inconsciencia, procura vasar a fala portuguesa nos moldes da syntaxe francesa. (Estranj , 25). Transparece em tudo isso, pondera GRAÇA, uma vã superstição e incompleta observação de locuções analogas, possuidas pela lingua portuguesa, que legitimam cabalmente a congenere ***emquanto que***. Accresce que o insuspeito Jeronymo SOARES BARBOSA, relacionando em sua Grammatica philosophica, 6ª edição, I, 4, c. 6, art. n. 5, as conjunções circumstanciaes, põe no numero dellas a locução ***emquanto que,*** nas palavras : «Taes são os adverbios conjunctivos *tanto, quanto, quando, como ;* e as frases conjuntivas — *tanto que,* ***emquanto que,*** *logo que, como quer que, até que, eis que,* etc.». Certamente, não o leram os criticos, pois, se o tivessem lido, espancariam do espirito as idéas mal concebidas que preoccupadamente manifestam contra a locução ***emquanto que,*** de tão elevado quilate português como qualquer outra semelhante. A parecença com o francês *tandis que* é um argumento futil ; temos *tanto que,* irmão do fr. *tant que — depois que,* em fr. *depuis que — antes que,* em fr. *avant que — até que,* em fr. *jusqu'á ce que* e *après que — dês que* ou *desde que,* em fr. *dés que — pois que,* em fr. *puis que,* etc. Taes locuções portuguesas, ninguem as contesta, porque então inquinar de espuria — ***emquanto que ?*** Advirta-se que ainda mais parecia a *tandis que* é a locução conjuntiva portuguesa *emtanto que,* a qual, além de outras coisas, significa justamente *emquanto* ou *ao passo que* nos classicos. Por que não repudiam tambem como gallicismo, e contradictoriamente repellem a locução ***emquanto que,*** malsinado-a de francesismo, parelha em tudo áquella ? (240).

Emoção —

A palavra *emotio*, diz MIR, não pertence ao latim classico ; se na baixa latinidade fizeram uso della, é mui duvidoso que a tivessem empregado na significação em que a empregam os franceses, porque nem o verbo *emovere*, nem o participio *emotus* denotam commoção de animo. Por isso deram de mão á palavra ***emoção***, como de sentido amphibologico. Os franceses admittindo a palavra *commotion*, cairam na tentação de receber os vocabulos *emotionner*, *s'emotionner*, *emotionalité*, *emotionnabilité*, *emotivement*, *emotif*, *emotionnel*. Dahi fizeram os gallicistas as respectivas importações, enchendo a nossa lingua de contrabandos — *emocionar*, *emocionar-se*, *emocional*, *emotivo*. «Não alvoroça, nem commove», diz CAMILLO. (Ap. lit.). «... quanto me sinto commovido com esta distinção», escreve RUY. (Disc. ás classes cons.). CASTILHO : — «Notava... lagrimas nos olhos de minha mãe..., deviam ser de commoção». (Amor e Mel.). Posto CAMILLO não tivesse sido escriptor immune de gallicismos, vem de ponto, por isso mesmo, advertir que no seu *Livro de Consolação*, por elle escripto com esmero, onde repetidamente emprega a palavra *commoção*, nem uma só vez usa da palavra *emoção*.

Empallecer —

E' innovação contraria á analogia do nosso idioma, e além disso escusada. Em português dizemos com muita propriedade — *empallidecer*, *amarellecer*. Tambem se pode usar de *desmaiar*, *descorar*, etc. (Glos., 51).

Em todo caso —

E' português legitimo no sentido de — *em qualquer caso*, *em toda emergencia*, *em toda conjectura*, etc. ; é, porem, francesismo quando usada em logar de *ainda quando*, *posto que*, *como quer que seja*, *caso que*, etc.

Encorajar —

encorajado. Não temos necessidade alguma deste vocabulo, cuja significação se pode transladar em português por muitos outros de boa nota e igualmente expressivos. Taes são — *esforçar*, *alentar*, *animar*, *incitar*, *afoitar*, *espertar*, *dar animo*, *dar ousadia*, etc. Todavia temos autorizadas com exemplos dos nossos melhores classicos as palavras *coragem* e *corajoso*, donde facil e natural se podem derivar *encorajar* e *encorajoso*. (Glos., 52).

Engajar —

engajado. Usada com a significação de *assalariar*, *assoldadar*, *ajustar*, *contractar*, etc., é gallicismo grosseiro e intoleravel. Mas ainda nos parece mais torpemente empregado, adianta o cardeal SARAIVA, em uma traducção impressa, onde lembra a seguinte frase — Trouxe vinte homens escolhidos para pagar-lhes seu ***enganche***—, tomando como parece, a palavra ***enganche*** do fr. *engagement*. (Glos., 52).

Engrenagem —

Que no idioma se escrevia — *entrosagem*, *entrosado*, *engradado*, *engranze*, *endentação*, *endentado*, etc. (RUY, 276).

Enrajé —

Puro francês e inutil. São muitos os seus correspondentes no vernaculo — *exaltado*, *intransigente*, *ferrenho*, *implacavel*, *inconciliavel*. . .

Ensemble —

Francesia inadmissivel. Em seu logar os vocabulos — *conjunto*, *todo*.

Entamado —

E' vocabulo illegitimo, desasseado, e não usado pelos classicos no sentido que lhe tem dado a linguagem popular, isto é, no sentido de *entabolado*, *encetado*, etc.

Entente —

Escusado e inutil. Por equivalentes seus indica o vocabulário — *acordo*, *conciliação*, *ajuste*, *convenção*, *conformidade*.

Entestar-se —

No significado de *obstinar-se*, *porfiar*, *teimar*, *embirrar*, vem do fr. *s'entêter*. Bom português, porem, na accepção de — *defrontar*, *confinar*, *ser limitrophe*, e deriva-se de testa.

Entourage —

Puro francês. E para que ***entourage*** se temos — *camarilha*, *os intimos*, *os da sua roda* ?

Entrainement —

Substantivo verbal no sentido de *adestrar* ou *preparar*, tem como correspondentes em portugues a *trainagem* e preferentemente *treino*, ou *treinamento*.

Entrar —

Fora das suas accepções classicas e das figuradas autorizadas pelos classicos, dá logar a frases de sentido afrancesado, taes verificamos nas seguintes: — ***Entrou*** a desfazer-se em desculpas; ***entrou*** no amago da questão; no fundo do assumpto; ***entrou*** nas razões do adversario; ***entrou*** no sentido do autor; no pensamento; jamais ***entrou*** em minha cabeça, em meu pensamento; ***entrou*** nos pormenores do assumpto.

Entravar —

No sentido figurado de *embaraçar*, *empecer*, *pôr obstaculo*, etc.

Entrave —

por *estorvo*, *impedimento*, *embaraço*, *obice*, *obstaculo*, etc.

Enveloppe —

Gallicismo desnecessario. Temos *envólucro*, *envoltorio*, *sobre-escripto*, *sobrecarta*, etc.

Erigir-se em —

E' frase de construcção franceza. Devemos dizer — *Fazer-se juiz*, *critico*, *constituir-se*, *arrogar-se essa autoridade*, e não ***erigir-se em*** juiz, em critico, etc.

Escala —

São gallicismos as expressões — ***Em grande escala***, ***escala social***, em logar de — *por maior*, *classe* ou *jerarchia*.

Escamotear —

ou ***escamotar***. Veem do fr. *escamoter*. E' escusado, visto que temos innumeros equivalentes — *empalmar*, *furtar com destreza*, *trapacear*, *trampear* e outros.

Escandar —

«***Escandar*** jambos e tropheus — já uma vez escreveu GARRETT. E' gallicismo direeto do fr. *scander*. Em portuguêS

authentico, escreve FIGUEIREDO, já tinhamos *escandir*, usado por CASTILHO e outros e derivado do latim *scandere*, que não podia produzir verbo português da primeira conjugação.

Escapar —

Usar este verbo regido da preposição *a*, em logar de *de*, é construir frases de sabor afrancesado, como o são estas: escapou ***á*** morte; escapou ***ao*** perigo; escapou ***á*** molestia; escapou ***ao*** contagio.

Escravizado —

em português limpo dizemos — *subjugado, captivado, avassalado, tyrannizado*, etc. (Glos., 54).

Escravizar —

Deve evitar-se na linguagem castiça o uso deste verbo, por ser de importação afrancesada. Diremos em seu logar, *captivar, prender, avassalar, tyrannizar, submetter, dominar, aprisionar, sujeitar, opprimir, senhorear-se, humilhar.*

Espião —

ou ***espionagem*** são gallicismos. Temos *espia* e *espiar* com os seus equivalentes. E se é necessario tambem um nome para a arte ou officio do *espia*, porque não diremos *espiagem*, segundo a analogia da nossa lingua? (Glos., 55).

Espionar —

Traducção do *espionner* francês. Escusado contrabando, uma vez que temos *espiar, observar secretamente, espreitar, seguir occultando os passos.*

Esquecer —

Usado como verbo transitivo é gallicismo. ***Esquecer o chapéu*** por *esquecer-se de*. Mas é de bom quilate — *Esqueceu-se o chapéu* (ou esqueci-me do chapéu). (RIB., Gram.). Esse modo correcto temo-lo em RUY: — «. . . que se esqueciam do cidadão, que se esqueciam do pae de familias, que, até, da criatura humana se esqueciam — no soldado». (Disc. ás classes conservadoras).

Esquissa —

Aliteração infeliz do francês *esquisse*, não alcançou jamais entrar em competencia com *esboço, bosquejo, lineamento, debuxo*, quanto mais exclui-los. (RUY, 557).

Espirito —

Como gallicismos espirituosos aponta OLIVER os seguintes — ***Espirito*** forte por *incredulo, soberbo, presumpçoso, levantado de espirito, despreoccupado, irreligioso*, segundo os casos ; trabalho de ***espirito*** por trabalho *mental, especulativo;* obra de ***espirito*** por obra de *engenho*. (82).

Estar —

Não raro este verbo dá ensejo a corrupções gallicanas, quando usado no sentido de *être* francês. Assim temos — ***Está*** no seu interesse ; ***está*** no numero dos mestres ; não ***está*** em minha culpa, etc., nos quaes o ***estar em*** equivale a *être dans*.

Estar ao facto —

Locução desprovida, em nosso falar, de regencia e sentido, não desalojou o *estar sciente, estar em dia, estar inteirado, estar ao par*. (RUY, 557). X

Estranjeiro —

E' de origem francesa o vocabulo *estranjeiro* em frases como a seguinte : *Viajar pelo estranjeiro*, aliás largamente usada por escriptores modernos de primeira nota.

CAMÕES emprega *estranho* nas duas accepções. *Estranjeiro :* canto I, 11, 13, 31, 49 ; *insolito :* c. I, 57, canto II, 30 e 96. Só nestes dois cantos... Não pode ser considerado gallicismo.

Estudado —

No sentido de *fingido, amaneirado, affectado, forçado*, é de uso afrancesado : — Palavras ***estudadas ;*** gestos ***estudados,*** etc. Vem de molde referir aqui o mau emprego do verbo ***estudar*** em frases como estas : A geometria ***estuda*** a extensão ; a theologia ***estuda*** o sacramento. Não incumbe á geometria, á theologia, como á sciencia, a missão de ***estudar.*** Toca-lhes, ao envés, o mistér de *esplanar, ensinar, applicar*.

Etagères —

por *prateleira, bufete, estante* ou *mesa com estante, prateleiras* é gallicismo grosseiro e estupido. (NORB., 301). Em portuguêS empregam este gallicismo, dando-lhe o numero singular, em vez de lhe chamar aparador. (CASTRO, 211).

a 6 Rui não diz estão ao par, mas estão a par. Veja-se com atenção a Réplica (citada).

Ethers —

em vez de *etheres* não é só gallicismo, é barbarismo, porque embora seja vocabulo grego, logo que o naturalizamos, havemos de lhe pôr o laço nacional. (TULLIO, 43). E' gallicismo de genero.

Etiqueta —

Do fr. *etiquette*. Temos *letreiro, rotulo,* ou *ceremonial, ceremonias, formalidades.*

Etiquetar —

em vez de *rotular* é francês. (RUY, 184).

Eventualidade —

Esta palavra não é portuguesa, e nem pertenceu ao latim. E' mera importação francesa, e escusada importação, porque temos vocabulos castiços que exprimem o mesmo conceito : — *contingencia, acaso, occasião, possibilidade, acontecimento incerto, encontro, perigo, aventura* e outros.

Evidencia —

As expressões — ***Pôr em evidencia, pôr-se em evidencia, render-se, estar em evidencia,*** são gallicismos. Em português ha varios modos equivalentes — *demonstrar, patentear, evidenciar, reconhecer* a evidencia de alguma coisa, estar em situação, ou posta em situação em que possa ser vista, etc., pôr de manifesto, pôr de patente, pôr a descoberto, pôr ao sol, pôr em claro. Os franceses quando querem extremar a significação de uma coisa usam o *dernier*. Assim dizem — *Cela est du dernier ridicule*. Tal construcção não é permittida na lingua portuguesa.

Evoluir —

Despejada traducção de *evoluer* francês, se não é enxerto damninho sem nenhuma obediencia ás regras da derivação. Gallicismo, ou barbarismo, é vocabulo que deve de ser desprezado por inteiramente desnecessario. Temos as formas castiças *evolver* e *evolucionar*. Assim como, diz FIGUEIREDO, de acção se deriva *accionar,* de inspecção, *inspeccionar,* de revolução, *revolucionar,* de evolução, *evolucionar*. E mandemos o evoluir para os franceses de maus costumes. «Toda organização... evolve, melhora e se aperfeiçôa», escreve RUY. (Disc. ás classes cons.).

Execução —

No sentido em que os franceses a empregam para exprimir uma peça de primoroso lavor, primorosamente feita, etc., é gallicismo. Em português corrente dizemos — peças de um lavor primoroso, delicado, esquisito ; de rico e primoroso artificio ; peças excellentemente obradas ; mui bem obradas ; trabalhadas com admiravel artificio ; fabricadas com grande e primorosa arte ; peças de raro lavor ; de polido lavor ; de obra rara e esquisita, etc. (Glos., 59).

Execução —

Pôr em execução, por executar ou levar á execução.

Extracção —

em logar de *linhagem, descendencia,* applicação entre nós rejeitada como francesia. (RUY, 276). De bôa derivação significando *acto ou effeito de extrair ou extractar.* E' gallicismo, porem, usado no sentido de *origem, ascendencia,* etc., em que pese a CAMILLO, quando escreveu : — «... o moço de baixa extracção».

F

Facies —

O facies em vez de *a facies*. Tambem esta expressão pertence á linguagem dos medicos: ***o facies*** de um doente. Mas tão erroneo absurdo é ***o facies*** como ***o corela***. Se *colera* em latim é feminino, *facies* é-o igualmente, e deve pois dizer-se *a facies*. Por que é que ha-de dizer-se no masculino? Só por que os franceses dizem *le facies?* Em francês a palavra é masculina por uma regra propria desse idioma. Em português é feminina, porque assim o é em latim, donde ostensivamente a tomámos, e porque não ha motivo para a masculinizarmos. A par de *facies*, que é pura palavra latina, temos na nossa lingua *face*, a que todos dão o feminino. (VASC., 376). Francisco de Castro assim escreveu: — «A facies de tuberculoso», inspecção englobada da facies: *(Obra cit.)*.

Facto —

Dizer «*o facto de ser* a situação referida», e «como se depreende *do facto de prestar a população cartaginesa* tributo ao tempo»..., em vez de *o ser, a situacão*, e *de prestar a povoação*, é traduzir muito á letra o francês *le fait*. (VASC., 391).

Faisandé —

Poderia traduzir-se por *afaisonado* (tratando-se de carne). (Vm., 121).

Fanado —

em logar de *murcho, murchado,* que perdeu a frescura.

Farpante —

No sentido de *notavel, admiravel, insigne,* etc., é gallicismo intoleravel. Um facto, uma acção ***farpante,*** quer dizer em bom português um facto, uma acção notavel, admiravel, etc. O adjectivo verbal ***farpante*** derivado não do francês *frapper,* mas do português *farpar,* sómente o temos achado na *Arte de furtar,* cap. 17, aonde tem mui diversa significação do francês *frappant.* (Glos., 61).

Fatal —

No sentido de *mortal,* ou *decisivo,* não deve ser admittido no português. São accepções francesas. As vernaculas são as de — *destinado* pelo fado, que succede por força, *funesto, desgraçado, infausto, infeliz* e outros.

Fatigante —

Posto que derivado de *fatigar,* é gallicismo. Dir-se há melhor *molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso ;* ou *importuno, fastidioso.* (TULLIO, 8). Os nossos bons autores nunca usaram deste adjectivo verbal. (Glos., 61).

Fauteuil —

em vez de *poltrona,* é gallicismo. Não deve ser subscripta esta carta de naturalização. (RUY, 184).

Fazer —

por *consistir* é gallicismo. Isto ***faz*** a sua alegria e fará o assumpto do romance. (RIB., Gram.). A' imitação dos franceses, os gallicistas abusam do verbo ***fazer*** reunindo a infinitivos, formando expressões inteiramente desnecessarias e de travo puramente francês : ***fazer*** cessar, ***fazer*** conhecer, ***fazer*** entender, ***fazer*** ir, ***fazer*** saber, ***fazer*** entrar e innumeraveis outras. CAMÕES : Faz fazer villezas.

Fazer a base —

por *constituí-la, formá-la.* (OLIVER, 155).

Fazer as delicias —

E' gallicismo dizer-se : — Este palacio ***fazia as*** minhas ***delicias,*** isto é, era as minhas delicias, nelle punha todo o meu prazer, nelle me deliciava. (Glos., 65). A ***fazer as***

delicias antepõem, ainda hoje, os entendidos na arte de escrever o torneio vernaculo, muito mais elegante, da nossa lingua na frase de VIEIRA: Esaú era as delicias da velhice de Isac. (RUY, 556). O verbo *fazer* tem uma significação mui ampla e generica, que se determina e limita pelos nomes, que se lhe ajuntam: e daqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes sómente pela lição dos autores classicos, podem ser bem conhecidas... Usam tambem os classicos do verbo *fazer* em um sentido absoluto, e não pouco elegante, e expressivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos... (Glos., 62, 64).

Fazer empenho em —

por *ter empenho de.*

Fazer fortuna —

E' expressão afrancesada.

Fazer literatura —

E' gallicismo inconsiderado, injustificado, inadequado. (RUY, 562).

Fazer musica —

Sabe a francês, no sentido de *tocar* ou *cantar.* (Vm., 123).

Fazer o conhecimento —

Pelo vernaculo *travar conhecimento, ou relações,* é gallicismo. (RUY, 560).

Fazer pendant —

Não é português. Em seu logar usam os bons escriptores de — *corresponde, emparelha com, faz respondencia a.*

Fazer sentir —

em vez de *experimentar, expressar, declarar, dar a conhecer.*

Fazer-se sentir —

Fazer-se sentir alguma coisa, por manifestar-se patente.

Fazer um passeio —

E' enxerto que devemos rejeitar, diz Pacheco Junior.

Fazer valer —

Locução afrancesada. Em vernaculo: *allegar, reclamar, demandar, vindicar, reivindicar, oppor, sustentar, defender, propugnar, manter.* (RUY, 71). O professor CARNEIRO da Bahia, discordando desta opinião, escreve: — Sendo, pois, a locução ***fazer valer*** sanccionada por escriptores do porte de João de Lucena, Antonio de Moraes, Castilho Antonio, Alexandre Herculano, Mendes Leal, João da Silva Lisboa, para não falarmos nos nomes dc Soarcs Barbosa e Camillo Castello Branco, a cuja autoridade. no ponto que se discute, o dr. RUY pouco apreço dá, por ser o primeiro grammatico, c os grammaticos serem meramente escriptores, e o segundo, por se não ter forrado ás influencias francesas, não tem razão o douto censor de tão decididamente refugá-la, deixando o assumpto, como disse, de quarentena. E' sem razão essa quarentena, de que fala. Quando traz carta limpa o navio, não ha mistér quarentena: franqueiam-se-lhc os portos; não se suspeitam tocadas de infecção as mercadorias que transporta. O ***fazer valer*** está neste caso: é mercadoria immune de suspeita; di-lo assim a carta de saude que a resalva. (324).

Feerico —

E' genuinamente producto francês, de que não precisamos, e que não podemos importar. (FIG.). Gallicismo inadmissivel e tolo, mas um dos mais na voga e mais queridos dos quc falam em meio francês e meio lingua nenhuma... Para substituir ***feerico*** (os francescs tiraram *féerie* e *féerique* do nome *fée,* fada) temos *encantador, deslumbrante, esplendido, maravilhoso,* etc. Não tenhamos cm nenhuma conta o argumento de que costumam valer-se os que buscam sempre ensejo de embutir na sua linguagem gallicismos por mais charros que sejam. (MARIO, III, 342). CASTRO lembra o adjectivo *fadico* formado de fada, como magico vem de maga.

Feeria —

em seu logar diga-se *encanto, magia, fada,* etc.

Felicitações —

em vez de *parabens, congratulações,* é gallicismo, diz TULLIO.

Felicitar —

Usado no sentido de *dar parabens, saudar* ou *congratular-se* com outrem da felicidade que ha logrado, é de accepção impropria, por ser importação francesa. ***Felicitar*** é fazer feliz, bem-aventurado: «Felicitou-lhe o parto», diz VIEIRA.

Fereza —

altivez, orgulho.

Festival —

Este é um gallicismo moderno dos mais detestaveis, que os jornaes repetem. ***Festival*** é adjectivo em português, e nunca foi nem será substantivo. Os substantivos, que exprimem esta idéa, são — *festa, funcção, festividade, festança, festim, solennidade, espectaculo, diversão.* (CASTRO, 212).

Fez —

Nojoso gallicismo, quando na linguagem dialogada se emprega, substituindo os verbos — *disse, replicou, observou, atalhou, acudiu, retorquiu, redarguiu* e semelhantes. (CASTRO, 211).

Ficelle —

Puro francês. Em seu logar diremos em português — *cordelinhos*, ou *estrategias, artimanhas, jogo, processo*, etc. Trinta maneiras, em summa, de exprimir uma idéa que se estraga com as ficelles. (Estranj., I, 98).

Figurar —

Para significar *estar presente, formar parte, tomar assento, achar-se* ou *pertencer* ao numero de coisas ou pessoas, é mero gallicismo : — Seu nome ***figurava*** na lista ; ha de ***figurar*** na historia ; ***figurava*** na lei, etc. As accepções legitimas de ***figurar*** são — *representar, formar a figura, imaginar, representar-se.*

Filho —

Quando ha um escriptor, que tambem escreve para publico, este é modo actualmente assignar-se *Fulano filho*, em vez de *Fulano Junior*, como fazem os simples mortaes que não aspiram á eterna gloria das letras. Imita-se assim o francês : por exemplo *Alexandre Dumas fils.* (VASC., 392).

Fim —

Pôr fim a alguma coisa, em logar de *dar-lhe fim*, dar cabo della, ou acabar com ella. (OLIVER, 88).

Flanar —

Não é mal aportuguesado, mas melhor seria que o dispensassemos, e que nos fossemos servindo da prata de casa, *passear, divagar, vaguear*, e talvez *andar a flaino*, visto que

esta ultima expressão tem a chancella de BOCAGE e CAMILLO. O que se não desculpa nem se tolera é o ***flanar***, de que acima dou exemplo. Tresanda a francês, mas não é francês nem português. (Estranj., I, 35).

Flaneur —

Escusada francesia por possuirmos — *passeador, vadio, badajo, tunante, vagabundo, birbante, peralvilho, peralta, ocioso.*

Florir —

Gallicismo de uso recente e imitação do francês *fleurir*; pode-se todavia justificar no português, como bom neologismo, não só pela derivação latina *(florire* por *florere)*, mas ainda porque existe ao menos o participio *florido*, que implica a existencia de *florir*. (RIB. — Aut. nota 44). Será licito, admittir neste caso, que florido seja tambem imitação do participio de *fleurir*, ou do adjectivo *fleuri*.

Formalizar-se —

por *offender-se, escandalizar-se, mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, diz o cardeal SARAIVA que parece gallicismo desnecessario. Comtudo, diz elle, não duvidamos que seja conveniente o seu uso, quando quisermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida*, que por escandalizada e picada, deixa as *fórmas familiares*, com que nos tratava, para tomar outras mais serias, sisudas e graves. Da mesma sorte, será expressivo, e conveniente este vocabulo, quando falarmos do *homem publico*, que nos actos do seu officio *toma as fórmas*, e o ar serio da sua autoridade, deixando o tom, e modos familiares que em outras circumstancias lhe não são estranhados. (Glos., 67).

Formato —

Não sabemos a razão por que tão vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fórma*, ou a *grandeza* do papel, em que está escripta, ou impressa qualquer obra. Em português legitimo dizemos livro *manuscripto*, ou *impresso* em folha, em quarto, em fórma de quarto, de oitavo, etc. (Glos., 68). ***Formato*** (fr. *format*) é gallicismo absolutamente desnecessario; temos fôrma, e forma, aparencia, e innumeros outros vocabulos, que exprimem a mesma idéa. (RIB., Aut. 107).

Formigar —

E' tomado do francês *fourmiller*, e nos parece desnecessario, maiormente por causa da homonymia, visto que ***formigar*** tem sua significação propria em português. (Glos.,68).

Fornecer —

E' palavra suspeita na lingua portuguesa. Na opinião de CASTILHO, empregada na accepção de *dar, ministrar,* é francesia ridicula.

Fornitura —

Gallicismo inepto. Em português é *fornecimento.*

Fortuna —

em logar de *riqueza, cabedal, teres, haveres, opulencia, patrimonio,* etc., é gallicismo muito repreensivel. Para os classicos portugueses, escreve MARIO, *fortuna* era em latim, como voz erudita que é, delle tamada, o *acaso, fado, sorte* ou *destino*, bom ou mau, e não *riquezas, cabedal, thesoiro, prosperidade* nos bens temporaes, significado em que agora sóem usar a palavra os gallicistas, á imitação dos franceses. (III, 253). Gallicismo totalmente inutil accrescenta MARIO, apesar de que entrou hoje no Diccionario da Academia Real Espanhola. Mas o ingresso de um gallicismo no lexico da douta corporação não é sufficiente para considerar como espanhola uma palavra francesa. Dos textos dos nossos escriptores mais vernaculos as accepções próprias que se tiram da palavra fortuna são — *acaso, felicidade, sorte, ventura.* (III, 119 e seguintes).

Foyer —

Francesia desnecessaria, porque temos *salão.*

Frapante —

Charro gallicismo.

Frappé —

Temos *resfriado* como seu equivalente.

Frivolidade —

Diz o mesmo que o termo plebeu *frioleira,* e em linguagem mais polida *futilidade, ninharia, ridicularia, coisa vã* e *frivola,* etc. Alguns modernos dizem *frivoleza* e por ventura com melhor derivação e analogia. (Glos., 68).

Fumoir —

Francesia escusada. Mas .., se o logar onde se lava é lavadoiro, se o logar onde se mata é matadoiro, se o logar onde bebem os animaes é bebedoiro, se o logar onde se ancóra é ancoradoiro, o logar onde se fuma deve ou *tem de* ser fumadoiro. (Estranj., II, 106). Temos ainda sala de fumar.

Fundo —

no fundo, em vez de *em summa, na essencia, em substancia*, etc., isto é locução arguida do travo de gallicismo por FIGUEIREDO, RUY, e Fr. LUIZ, a quem parece gallicismo dizer-se — Esta proposição ***no fundo*** é verdadeira, isto é, no essencial, no substancial, etc. GRAÇA, depois de citar BERNARDES, GARRETT, LATINO e ODORICO MENDES, sustenta : — E da mesma maneira se teem enunciado muitos outros cultores da lingua e escriptores de nomeada brilhante na republica das letras, empregando ***fundo*** como synonimo de essencial, de principal, de capital, de intrinseco. Está muito generalizado semelhante uso. ***No fundo*** e na *forma* é expressão corrente entre pessoas cultas. (364).

Fusil —

por *espingarda*, vem do francês sem nenhuma necessidade. Segunda MORAES ***fusil*** significa — *argola* ou *malha, peça de ferir aço, feridor* que serve de ferir a pedreira para tirar lume, *argola* de ferro com que o carpinteiro segura o ferro da enxó ao seu cabo, o *clarão* que se faz nas nuvens, inflammando-se a materia electrica.

Fusilar —

por *espingardear*. ***Fusilar,*** no português significa segundo MORAES, — *inflammar-se* a materia electrica, *relampaguear, dar clarão*.

G

Gaffe —

Deste francesismo não ha necessidade. Temos — *tolice, engano indesculpavel, deslise, desacerto, cinca*, etc.

Galimatias —

E' palavra puramente francesa, que sem razão querem trazer á nossa lingua. Em português corresponde-lhe exactamente o vocabulo *palavrorio* ou *palanfrario*, que em latim se exprime por *inanis verborum sonitus*. (Glos., 70).

Garantir —

Em vez deste verbo tomado do francês, temos muitos com a mesma accepção, e taes são : *afiançar, abonar, assegurar, preservar, acautelar*, etc. Que necessidade ha de dizer : Este relogio está ***garantido*** por um anno, se nós podemos dizer, com propriedade e clareza : Este relogio está *afiançado* por um anno ? ou : Esta capa é para me ***garantir*** do frio, em vez de : Esta capa é para me *livrar, preservar, guardar* ou *reparar* do frio ? São innumeraveis os exemplos que ha para prova de que o verbo ***garantir*** é escusado na lingua portuguesa, por superfluo, e não tão significativo como os que temos para o traduzir do francês. Na lingua commercial é que se julgou necessario adoptar o verbo ***garantir,*** para a harmo-

nizar com as dos codigos donde o nosso foi compilado. Mas fóra deste caso, não ha razão para preterirmos os verbos portugueses com que tanto podemos variar a frase, em vez de martellar continuamente com o *garantir* dos franceses. O que está naturalizado é o neologismo ***garantias,*** nome adoptado para designar os direitos politicos que as constituições modernas concedem aos cidadãos livres. (TULLIO, 36).

Garçon —

Desta francesia se não deve usar, porque tem o seu equivalente directo que é *garção*, no sentido em que a empregam. «Era um lindo garção, lindo e audaz». (MACHADO DE ASSIS, *Braz Cubas*). Portanto, quem por habito ou francofilia prefira o ***garçon*** ao *criado* ou *moço*, tem um meio legitimo de amar o francês, sem desamar o português: é servir-se do *garção*. (Estranj., II, 107).

Gaze —

E' forma francesa do vocabulo que em português se diz *gaza*. (Estranj., II, 109).

Gerbas —

gerbas de luz ! E' tolice tão soez, que o mais modesto diccionario a poderia evitar. *Paveias de luz* ou *feixos de luz*, serão expressões que não reunam a possivel elegancia com a mais irrepreensivel vernaculidade? Já é vontade de destemperar. (Estranj., I, 36).

Gestão —

em logar de *administração, gerencia de negocios, presidencia,* etc., é gallicismo inutil.

Goche, gochemente —

Incriveis reproducções das homophonas palavras francesas, que o nosso idioma traduz vantajosamente por *desasado, contrafeito, desastrado, constrangido, embaraçado, acanhado, mal ajeitado, desjeitoso*. (RUY, 559).

Golpe d'Estado —

E' expressão francesa que na opinião de CASTRO pode ser substituida por *legicidio social*, formado de *lex*, lei, *coedere*, ferir, e o adjectivo *social*.

Golpe de mão —

golpe de mestre — São traducções francesas perfeitamente dispensaveis. Deve dizer-se *lance arrojado, assalto imprevisto, golpe certeiro.*

Golpe de vista —

E' expressão com que os desdenhosos da boa linguagem patria enfeitam os seus discursos e composições. Mas erram contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso, pois que outra era a maneira por que se exprimiam os classicos. *Emprego de olhos, uma só vista, vista de olhos, metter os olhos, volver de olhos, um olhar seguro, um mover de olhos, lance de olhos, relance de vistas, quebrar os olhos,* (Glos., 73) são expressões vernaculas que devem substituir a traducção do *coup d'oeil.*

Governante —

E' gallicismo escusado, porque temos *aia, ama, mestra* e *criada.*

Grande mundo —

Mal soante e importação grosseira para deslocar sem nenhum proveito as expressões lidimamente portuguesas — *o escol* da sociedade, *sociedade escolhida,* etc.

Greve —

Posto que este vocabulo esteja arraigado na nossa linguagem deve ficar registado que foi importação escusada. Temos como correspondentes das frases em que é elle usado — *fazer declarar greve*, as locuções genuinamente portuguesas — *fazer declarar parede.* CASTRO lembra o vernaculo *operinsurreição* (insurreição de operarios). ***Greve*** com a significação de *insurreição* contra disposições e regulamentos estabelecidos, é perfeitamente substituido por este neologismo, que submetto ao juizo dos doutos : ***desmostasia*** (de *demos*, povo, e *stadis*, insurreição). Já temos em português *apostasia ; apostatas* os que teem feito *apostasia :* por que não será acceitavel *demostasia ?*

Grimaças —

E' puro francês, pelo qual dizemos — *trejeitos, momos, jestos ridiculos* e affectados, e em frase da plebe *gatimanhos.* (Glos., 75).

***Guardar o leito* —**

E' expressão francesa, que em bom português quer dizer *estar de cama*, ou *em cama*, por molestia. (Glos., 75).

***Guichet* —**

De uso mui frequente nos bancos e no commercio. E' gallicismo que pode ser evitado com o vernaculo *postigo*. E deste é que usa a boa linguagem: «Com os postigos da pagadoria cerrados...», escreve RUY. (Disc. ás clas. conservadoras).

H

Habitués —

E' francês. Em seu logar tem a lingua os vocabulos *frequentadores, fregueses, frequentes, assiduos.*

Haviam anemolas —

houveram os costumados gritos.—Francesias e invernaculidades manifestas. (RUY, 275).

Hippodrômo —

em seu logar temos *hippódromo*. E' gallicismo prosodico.

Honorabilidade —

E' vocabulo de accepção indefinida, e talvez indefinivel. Se equivale a *benemerencia* (como ensina FIGUEIREDO) não ha precisão da neologia; *benemerencia* escusa ***honorabilidade***. A meu sentir, ***honorabilidade,*** quando o consagrassemos, teria de significar a estimação com que o juizo publico, isso a que hoje em dia chamamos por excellencia a *opinião*, recompensa aos homens de bem. Mas, nesse caso, ***honorabilidade*** se confundiria com honra, que (leia-se a definição de MORAES) tambem tem essa accepção. Depois não vejo abonada a novidade, entre os escriptores vernaculos, com o nome de bons fiadores. Dos portugueses,

nem mesmo entre os mais accessiveis á neologia me recordo houvessem encontrado essa importação francesa, e ainda no Brasil autores ha que nunca a perpetraram. (RUY, 174).

Hors ligne —

em seu logar diremos — *extraordinario, excepcional, raro, unico, de grande relevo.*

Humanidade —

Em MORAES se verifica que ***humanidade,*** na sua verdadeira significação, equivale á natureza especial de cada homem ; e no sentido figurado equivale a *benignidade, brandura, lhaneza.* De modo que a usar para exprimir o genero humano, a universidade dos homens, todos os homens, é gallicismo e não vocabulo castiço.

Humor —

Mau humor, agastamento, enfadamento.

Hexaédro —

Assim tambem *diédro, triédro, tetraédro,* e demais compostos de *hedro* — são gallicismos prosodicos, posto que de uso mui frequente. «Os franceses para comporem todos estes termos de geometria, soccorreram-se da opulenta lingua hellenica, tomando os prefixos δίς = *dis,* dois ; τρίς = *tris,* tres ; τέτρα = *tétra,* quatro ; ἕξ = *heks,* seis e o suffixo ἕδρα = *édra,* cadeira, plano, face, etc. E amoldando este á indole de sua lingua fizeram *dièdre, trièdre, tetraèdre, hexaèdre,* etc., porque não podiam conservar o *a* de *hédra,* nem transforma-lo em *o,* pois, resultaria de sua conservação o *algaravia* horrivel : *dièdrá, trièdrá, tetraèdrà, hexaèdrá,* ou *dièdró, trièdró, tetraèdro, hexaèdro ! !*

Como claramente se percebe, nossos geometros e linguistas trocaram apenas o *e* mudo francês de *dièdre, trièdre, tetraèdre, hexaèdre,* em *o* português, e deram em *dièdro, trièdro, tetraèdro, hexaèdro,* e assim por deante todos os outros compostos de *hédro.* (Cartas Anepigraphas, de H. Scrosoppi, 66).

I

Idade —

Esta palavra dá ensejo a frases de cunho francês, taes as que se seguem : *avançado em idade, idade avançada ; estar em sua bella idade.*

Imantar —

que vem de imanar ou imanizar (magnetizar) é gallicismo deploravel.

Imbecil —

Como substantivo e com a designação de *fatuo, nescio, sandeu, insensato, parvo*, é gallicismo. (TULLIO, 9). Merecem lidas as paginas de MARIO sobre este vocabulo. E' assim que ***imbecil,*** conclue este professor, uma bella e nobilissima palavra antanho na penna dos nossos classicos e dos escriptores franceses do seculo 17, veio a significar um fraco de mente, um incapaz de espirito, e é uma das palavras de mais desprezo e injuria na lingua moderna.

Imbecilidade —

Puro vernaculo na significação de *falta de forças, fraqueza de corpo* ou *animo*. Gallicismo na de *tolices, sandices, parvoices.*

BIBLIOTECA

Immediações —

Não ha razões para o uso desta palavra no sentido de *vizinhanças, arredores, circumvizinhanças, contornos.*

Imperecivel —

E' gallicismo grosseiro e inadoptavel, affirma o cardeal SARAIVA : — temos em português *immortal, perpetuo, perduravel, interminavel, sempiterna, indestructivel.*

Impraticavel —

A lingua francesa dá ao seu adjectivo *impraticable,* entre outras, a significação de *intransitavel, por onde não se pode passar,* ou *transitar.* Por isso já houve quem escrevesse *mar impraticavel,* o que é importação repreensivel.

Inabalavel —

E' innovação escusada no nosso idioma, no qual temos *immovel, firme, estavel, immutavel, invariavel.* (Glos., 84).

Inconcebivel —

Posto que usada por pessoas doutas tem o travo do gallicismo. Deve dizer-se — *inintelligivel, incompreensivel, imponderado.* A forma *inconceptivel* é tolerada por Fr. LUIZ, e não ***inconcebivel,*** porque, diz elle, este ultimo, alem de ter má pronunciação, é derivado contra a analogia da lingua portuguesa que forma, á maneira da latina, *imperceptivel, susceptivel,* ou *suscebivel, admittivel,* etc.

Inconveniente —

por *descortês, desattento.*

Infectado —

por *infeccionado, contaminado, infecto, tocado do contagio, corrompido, viciado.* Não o temos até agora, diz Fr. LUIZ, achado em autor classico, nem o julgamos necessario.

Influir sobre —

por *influir em.*

Insistir sobre —

por *insistir em* alguma coisa.

90.189/12

Inspectar —

do francês *inspecter*, parece desnecessario, principalmente adoptando-se o verbo *inspeccionar*, que temos por melhor e mais conforme com a analogia. (Glos., 88).

Installar —

installado. — São vocabulos desnecessariamente tomados do francês ou inglês. Em boa linguagem portuguesa dizemos — *constituir* alguem num cargo, ou dignidade, *instituir*, *investir*, *metter de posse*, talvez *estabelecer*. (Glos., 88). JOÃO RIBEIRO argue de demasiada a condemnação do cardeal SARAIVA. O vocabulo é de origem germanica e corre no espanhol, no francês e no italiano, e já existia no baixo latim *installare*... ; dizia-se da posse de qualquer beneficio ecclesiastico, e dahi passou a uso mais geral. (Aut. nota 7).

Insultante —

Tem sem favor o uso assás geral ; e comtudo temos por melhores os adjectivos — *injurioso*, *affrontoso*, *vituperoso*. (Glos., 88).

Insurmontavel —

por *insuperavel*, *invisivel*, é gallicismo grosseiro e escusado. (Glos., 89).

Interdicto —

E' gallicismo no sentido de *enleado*, *suspenso*, *turbado*, *perplexo*. De uso corrente, porem, na technica juridica e ecclesiastica.

Interessante —

por *importante*, *curioso*, *valioso*, etc., parece-me gallicismo inutil. (VASC., 394).

Interesse —

Comquanto essa palavra venha do latim e signifique *importar*, *pertencer*, ella tomou na nossa lingua classica o sentido de *lucro*. Dizer «tenho muito *interesse* em que tu lá vás», por «importa-me que» ou «tomo a peito que», parece-me gallicismo inutil. No mesmo caso está *interessante* por *importante*, *curioso*, *valioso*, etc.

Intriga —

intrigante, intrigador por *enredo, enredar, enredador*, ou por *maquina, maquinar, maquinador.* (FREIRE, 55). Admittidos por MORAES.

Intrigado —

em vez de *embaraçado, enleado, suspenso, atalhado perplexo,* uso em que não diz com o significado vernaculo da palavra, é gallicismo.

Inversões de frases —

Muito concorrem para o estilo afrancesado, e devem ser evitadas por contrarias ao uso classico. Exemplos: *Foi assim que viveu; foi com esta idéa que partiu; é por isso que occorreu*, etc. Deve dizer-se — *Assim foi que viveu; com esta idéa foi que partiu; por isso é que occorreu*, etc.

Irreprovavel —

por *irrepreensivel, incorrupto, de costumes sãos e puros*, é gallicismo. (TULLIO, 9).

Isocróno —

E' gallicismo prosodico. *Isócrono* é a boa pronuncia.

Isolado —

Fôra melhor *insulado, separado, solitario*, por ser aquella palavra espuria repellida por FIGUEIREDO, HERCULANO e outros.

Isolamento —

Temos *insulamento.*

Isolar —

Temos *insular, tornar solitario, incommunicavel.*

J — K

Jaluzia —

por *ciume* ou *inveja,* é gallicismo. Não ignoramos, accrescenta S. LUIZ, que VIEIRA usou mais de uma vez da palavra ***jaluzia*** nas suas Cartas, entendendo-a no sentido do italiano *gelozia* por *solicitude*, *cuidado*, *ansioso,* etc ; mas esta autoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgamos só por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocabulo ; já porque o uso anterior e posterior a VIEIRA recusou esta innovação, e já porque o estilo epistolar soffre algumas vezes semelhantes inverdades, sem que por isso nos autorize para usarmos della em differentes circumstancias. E por certo que ninguem adoptará de VIEIRA as palavras *nombramento*, *raconto* e *aquistar*, por elle usadas. (Glos., 79).

Jeunesse dorée —

Francesia que se vae introduzindo no nosso vocabulario, perfilhada ao mesmo passo pela moda e pela tolice. Temos expressões que bem lhe equivalem — *mocidade de escol, elegante, luzidia, brilhante ; rapaziada galante*, etc.

Jogos de espirito —

E' gallicismo. Temos *chistes*, *ditos engenhosos*, *agudeza*, *jogo de vocabulos*, etc.

Jovem filha —

E' gallicismo. Traducção de *jeune fille*.

Kermesse —

E' gallicismo que a moda elegante vae introduzindo entre nós, mas sem nenhuma razão. Para exprimir-lhe o sentido temos *bazar* ou *feira de caridade*, ou *feira elegante*.

L

Langor —

por *languidez*, é um estrafalario gallicismo. (TORO, 162).

Laquear —

E' vocabulo português e de boa derivação (lat. *laqueare*) no sentido de *enlaçar, ligar*. Usado, porem, na accepção de *pintar, dar tinta de verniz, untar, cobrir com laca*, é gallicismo, como se vê nesta frase — ***laquear*** a mobilia.

Laxo —

laxidão, laxamento. — Somente são gallicismos usados na accepção de *fraco, cobarde, infame, vil, indigno ; fraqueza, cobardia*, etc. ; *vilmente, indignamente*, etc.

Ligeiro —

Em vez de *ligeiro* artigo devemos dizer *leve, breve, ao correr da penna, modesto, parco*. A palavra ***ligeiro*** significa «que vae depressa» ; só o fr. *léger* tem aquella significação. (VASC., 394).

Longe de —

O douto padre MIR considera gallicismo o uso da locução ***longe de,*** no estilo da francesa *loin de*, á maneira de conjunção ; ***longe de*** calar, *falou a vontade ;* ***longe de*** meditar, *está distraido*, etc.

***Lorgnon* —**

Francesia por inteiro desnecessaria, quando ha no vernaculo a palavra *luneta*.

***Lutar de zelo* —**

por *competir*, *porfiar*, *rivalizar* em zelo e o *de part et d'autre*, por de uma e de outra parte — são fraquezas, desaires e aleijões, a que só não succumbe o credito de um GARRETT, porque ao seu fulgor não ha nodoas, que se não apaguem, (RUY, 559).

***Luz* —**

ver a luz, por *nascer*, *vir á luz*. (TORO, 162).

***Lilaz* —**

Não é a legitima forma portuguesa desta palavra : — *lilaz* é traducção do francês *lilas*. A verdadeira forma no português é *lilá*, singular, e *lilás*, plural.

M

Madame —

E' francesia extreme. O uso popular já aportuguesou a palavra, que é *madama*. E' preferivel, porem, dar o tratamento de *senhôra*, termo melhor soante, puramente nosso e expressivo.

Mademoiselle —

E' francesia que não deve tomar o logar de *senhorita*.

Magasine —

E' traducção escurril do fr. *magasin*. Temos *armazem, deposito, loja ; officina*.

Mais —

Posto que de uso frequente no sentido de *já*, nas orações negativas, como se vê nestas frases : — Não chove ***mais ;*** não vae ***mais ;*** não se resa ***mais,*** etc. — lembra o frances *il ne pleut plus*, etc.

Mal a proposito —

Expressão adverbial francesa, impropriamente usada. Temos *fóra de proposito, desapropositadamente, sem proposito*.

Malentendu —

Expressão francesa que não deve ser usada em logar de *equivoco*, *engano*, *mal entendido*.

Mamelão —

E' francesismo que, applicado ao bico do peito, é, não só inusitado, senão tambem inutil e vicioso. O termo já consagrado por este effeito, é *mamillo*. (Fig. Vic., 53).

Manejo —

em vez de *artificio*, *engano*, *embuste*, *engodo*, *enredo*, *astucia*, é de uso francês. Em português, ***manejo*** quer significar o trato de uma coisa com as mãos. De modo que a boa linguagem não admittirá tambem o verbo *manejar* por *enganar*, *illudir*, *engodar*, *fazer embuste*, *trampear*, *forjar embuste*.

Maquette —

Francesia de uso corrente na technica artistica. FIGUEIREDO reprocha-a com vigor e aconselha em seu logar a adopção da palavra *maquêta*, já registada nos nossos diccionarios modernos, além de outras como *esboço*, *plano*, etc.

Maquinhão —

em logar de *alquilador* é gallicismo. (RUY, 558).

Marcha —

marchar. — Em razão de leitura quasi exclusivamente francesa, tem-se pouco a pouco difundido o emprego abusivo deste substantivo e deste verbo em português, quando neste idioma elles somente são admissiveis como terminologia militar. São gallicismos, portanto, as seguintes frases : a ***marcha*** dos acontecimentos, por a *sequencia* dos acontecimentos ; a ***marcha*** dos negocios, por o *andamento* dos negocios ; como gallicismo é o emprego do verbo ***marchar*** em francês, como esta : — As sociedades como a nossa não ***marcham*** sobre as asas de uma prosperidade ruidosa. Assim, fóra da nomenclatura militar, ao verbo francês *marchar* correspondem em português *andar*, *caminhar*, *progredir*, como ao substantivo verbal, *marcha*, *andamento*, *seguimento*, *sequencia*, *progredimento*, *progresso*. (VIANNA, 81).

Massagem —

E' gallicismo que se não tolera. Ou diga-se *maçagem*, ou *amassagem*. Acceito, diz FIGUEIREDO, para uso alheio, qualquer uma das duas : ***massagem*** nunca.

Massacrar —

massacre ou ***massacro, massacrado.*** — Em logar de *matar* cruelmente, *assassinar*, *trucidar* ; *matança*, *assassinio* ; *trucidado*, *assassinado*, são gallicismos. ***Massacro,*** a que o *morticinio*, *carnificina*, *matança*, *trucidação*, *carniceria*, tão bem nos forravam. (RUY, 559).

Massiço —

E' gallicismo orthographico. *Maciço* é a forma portuguesa.

Matinée —

Este vocabulo francês, de emprego frequentissimo significando uma festa durante o espaço da manhã, é um dos que apresentam essa difficuldade de traducção ; porque não nos dão os diccionarios um termo, úm termo unico, que o traduza lexicologicamente, E' este um dos casos que justificam a criação de um neologismo, o qual vou apresentar, e submetter á critica dos grandes sabedores da linguistica : — ***Festimana*** eis o neologismo. E' a nova palavra formada do adjectivo *festivo* e do substantivo neutro indeclinavel *mane* que significa manhã e por extensão dia. (CASTRO, 115). CLAUDIO DE SOUSA lembrou o termo vesperal, que já vae sendo adoptado.

Menage —

Não se deve significar por essa expressão estranjeira o trato domestico, ou meneio do lar, o governo da casa. (RUY, 183).

Menagere —

Francês que os francelhos podem deixar de adoptar, visto termos *governanta, dona de casa,* etc.

Menu —

E' francesia que pode ser substituida pela palavra *cardapio*, consoante o alvitrou CASTRO LOPES.

Merecer bem —

em logar de ser, fazer-se benemerito, é gallicismo desnecessario, diz ROQUETTE. Merecer bem do país, isto é, fazer-se benemerito da patria.

Mesmo —

Usado como adverbio em logar dc *até*, tambem é gallicismo. (TULLIO, 10).

Metter —

Na accepção de *pôr, empregar, fazer contribuir*, como se dissesse *metter em obra, em estado, á contribuição*, é gallicismo intoleravel. (TULLIO, 10).

Mise-en-scene —

Podc muito bem ser dispensado do nosso idioma, dizendo-se *enscenação*, que é melhor correspondente daquella locução francesa.

Mistificação —

em logar de *mofa, chasco, burla, escarneo, logro, astucia, fraude.*

Mistificar —

por *chasquear, burlar, illudir, lograr, mofar, escarnecer.*

Modo —

Formar com o substantivo *modo*, a frase *modo de ser*, para traduzir *condição, costume, genio, habito ;* ou a frase *modo de pensar*, para significar *opinião, parecer, discurso*, é de uso francês: — O seu ***modo*** de pensar não é certo.

Momento —

A todo momento, em logar de *a cada momento, a cada instante.*

N

Nada —

O mau emprego desta palavra fórma gallicismos, que se não justificam : — Não foi ***nada*** mais que desmaio, quando se deve dizer — não foi mais que um desmaio.

Negligè —

Desnecessario francesismo. Está vestido ao *negligé*, isto é, ao *desdem*, a *descuido*, em ou com *desalinho*, *desalinhadamente*, com *desordem*, ou *descomposição*, *pouco cuidado*. etc. etc.

Nevrosado —

Não é português, E' enxerto inutilissimo. Que se tolere *nevrose* na linguagem medica, vá ; mas o ***nevrosado,*** para significar *nervoso*, *doentio*, etc., é estultice.

Nonchalance —

Escusada francesia que tem varios equivalentes portugueses — *indolencia*, *molleza*, *desleixo*, *negligencia*.

Notabilidade —

Significa em português a qualidade de ser notavel. Não pode, pois, ser usada para exprimir pessoa de predicados notaveis, personagem eminente, sem que importe gallicismo.

Novidade —

ou ***novidades, alta novidade.*** — Em logar de *moda*, *modas novas*, e tambem *ultima moda* — é extravagancia tão ridicula, que me parece, escreve VIANNA, não se propagará jamais fóra do ambiente onde e para o qual do francês *haute nouveauté* foi traduzido ao pé da letra. (96).

Nuance —

Gallicismo inadmissivel, em vez de *cambiante*, *gradação*, *claro*, *escuro*, etc. ***Nuance*** é peccado mortal, diz FIGUEIREDO, contra a lingua portuguesa ; a *nuança* poderá considerar-se peccado venial ; e quem deseja isentar-se de culpa, pequena ou grande, tem de recorrer a termos nossos, taes como, segundo as circumstancias — *gradação de cores*, *gradação*, *meias-tintas*, *claro*, *escuro*, *matiz*, *cambiante*, etc. (Estranj., II, 137). Para substituir ***nuance*** criou CASTRO LOPES o neologismo *ancenubio*. E essa criação elle a explica de modo assás interessante. Foi para exprimir essa discriminação duvidosa das cores que formaram os franceses a sua bella palavra ***nuance, nuances,*** tirando-a das duas latinas — *nubes* (nuvem) e *anceps* (duvidoso), Ao vocabulo *nubes* cortaram a sillaba *(bes)*, reduzindo-a ao prefixo *nu ;* e do adjectivo latino *anceps* supprimiram no singular o *ps* e no plural o *p* : de modo que ficou em francês — ***nuance*** — no singular, e ***nuances*** no plural... E para que não haja duvida alguma de que o neologismo português traduz as mesmissimas idéas que ***nuance*** em francês, engendremo-lo com os mesmos elementos latinos, que serviram no francês á formação de ***nuance,*** isto é, com as palavras latinas *anceps* (duvidoso) e *nubes* (nuvem). Corte-se o *ps* de *anceps (ance),* dando a *nubes* o suffixo *io,* e teremos *ancenubio ;* palavra doce, suave, euphonica, que de mais a mais tem já em português por parente consanguineo — *cannubio* (formado de *cum* e *nubes*). Formado com os mesmissimos elementos de ***nuance,*** o vocabulo *ancenubio* diz sem a menor discrepancia tudo quanto os franceses exprimem com o termo ***nuance.*** (11).

Nullidade —

por *inepcia, incapacidade.* Ainda inadmissivel é usar esta palavra para significar pessoa sem nenhum preparo, de apagadas luzes, bisonha, porque importa sempre disparate converter o nome abstracto em concreto.

Nullo —

por *inepto, de pouca conta, que nada vale.*

Numero —

Presta-se á formação de frases meramente francesas: pequeno ***numero*** de pessoas, em vez de poucas pessoas; grande ***numero*** de admiradores, por innumeros admiradores; compareceram em grande ***numero,*** havia gente sem ***numero,*** etc. etc.

Numeroso —

por *muito* é de uso francës: ***Numerosos*** foram os casos de desastre: tem ***numerosos*** amigos.

O

Obedecer —

por *ceder, amoldar-se, ajustar-se, accommodar-se,* é gallicismo.

Objectivo —

por *intento, fim, intenção,* deve ser evitado.

Objecto em questão —

por *objecto de que se trata.*

Olvidar —

por *omittir, não reparar* ou *não fazer caso.*

Omelette —

Francesia a que se deve dar a fórma portuguesa. Esta fórma é *omeleta*, diz FIGUEIREDO.

Optar por —

Optar *por* isto ou *por* aquillo é gallicismo intragavel. Falar e escrever assim vale o mesmo que se dissesse: *escolher por* isto ou *por* aquillo; *desejar por* isto ou *por* aquillo. ***Optar,*** que vem directamente do grego e do latim, é em português, como nas duas linguas, donde procede, verbo activo transitivo; e tem a significação genuina de *escolher, desejar,*

(verbos activos transitivos). Construir frases em que entre o verbo *optar*, fazendo preceder da preposição — *por* — o nome da coisa escolhida ou desejada, é *francês purissimo* e *português impurissimo ;* em que pese a REBELLO DA SILVA, citado por CALDAS AULETE no seu diccionario, como tendo empregado tal barbarismo. (LOPES, 123, *Art. Philol.*).

Orelhão —

Com significação de molestia especifica, que ataca as glandulas salivares, nomeadamente a parótida, não é legitima e natural derivação de *orelha,* mas traducção ou adaptação escurril do francês *oreillon.* Temos *orelhão* noutras accepções, derivado de *orelha ;* mas para nomear aquella molestia, temos, no Brasil, a palavra *caxumba,* e em Portugal *trosorelho.* (Fig. Vic., 105).

Orphelinato —

em vez de *orphanato* ou *orfanato,* como se em portuguës se dissesse *orphelino,* á francesa, e não orpham, ou orfam, só de galliciparlas desabusados. (RUY, 184).

Ouvertura —

E' gallicismo intragavel. Não existindo na lingua portuguesa termo proprio para determinar a peça de musica com que se abre um concerto, eu apresento, diz CASTRO LOPES, o seguinte : *protophonia* (de *proto,* prefixo grego que dá idéa de prioridade, primeiro, com o suffixo *phonio,* de phone, som em grego). Não temos já, para significar o concerto musico de instrumentos, a palavra *symphonia,* formada tambem de dois vocabulos gregos ? Fique, portanto, banida para sempre a dissonante ***ouvertura,*** e substituida pelo expressivo termo ***protophonia***. (53).

P

Palavra —

Ter o dom da palavra, por dom de falar, ou de falar bem.

Paille —

Os substantivos franceses adjectivados, designativos de côres, taes como *paille, marron, lilas, crême, orange, citron, saumon, grenat*, sempre invariaveis em taes casos, transladados á letra em nossa lingua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de *sedas lilás, velludos marron, vestidos creme, noisette, fitas, tafetás, limão, laranja, cereja, carmim, luvas gris-perle, blusas grenat*, como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: *vestidos cor de palha, cor de castanha, sedas cor de lilá, cor de salmão, cor de cereja, de avelão, de limão, de laranja, de creme, de carmim, luvas cor de perola, blusas cor de granada, ou de romã*, e analogamente comparando a cor do objecto com a de objectos commumente conhecidos: *cor de telha, cor de cinza, cor de barro, cor de rosa, cor de tijolo, cor de lirio, cor de carne, cor de flor de algodão, cor de chumbo, cor de abobora, cor de rapé, cor de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubim, de purpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de euxofre, de gemma d'ovo, de sangue.* (CARNEIRO, 825).

***País* —**

No sentido de gente, povo, patria, nação é de uso francês: «Está na consciencia do país; conhecida é a opinião do país; vae mal o país na sua politica, etc. País significa terra, região.

***Palpitante* —**

Palpitante de interesse, em logar de muito interessado, de summa importancia, é gallicismo tolo. (J. ROQUETTE).

***Pamphleto* —**

E' gallicismo, em logar de livrinho, folheto, etc.

***Panico* —**

Usado como substantivo, no sentido de medo, susto, terror, é gallicismo.

***Panneaux* —**

Francês desnecessario. Temos almofadas, quartões, etc.

***Panurgio* —**

E' má traducção do francês *panurge*. Se tal traducção fosse exacta, tambem o seriam dramaturgio, taumaturgio, etc., em vez de taumaturgo, dramaturgo, etc., que é o que é. Portanto, *panurgo* é o que se diz, e não *panurgio*. (FIGUEIREDO, Falar, v. I, 23).

***Participio* —**

Conveniente é ler o que sobre o emprego do participio passivo em voz activa escreveu o padre MIR: — Fuera de los casos, en que es licito atribuir á ciertos participios pasivos voz activa, los demás conservan la propriedad de su condición. Pero digno de advertencia será, notar cómo la lengua francesa usa muy a menudo el participio de pretérito en circunstancias en que el nuestro sentaria mal; por esto se ha de convertir en participio de presente, ó ha de transformarse en oracion de relativo. *Reys descendidos de los godos,* es viciosa locución, cuyo vicio se remediará diciendo, *reys descendientes de los godos,* ó sino «reys que descendian de los godos, reys que descienden de los godos». — *Un niño nacido mudo;* será, un *niño mudo de nascimento,* ó sino, *un niño que nació mudo.* — *Este es un buque procedente de America, ó que viene de América.* (p. 362).

Participios —

Entre as construcções pertencentes á syntaxe da lingua francesa, devemos registar as do uso do participio presente, como se vê nestes exemplos: diccionario *compreendendo* todos os termos; procuração *contendo* todos os poderes; carta dando *boas* noticias; *confiando* no seu prestigio: lei *prohibindo* o uso . . . , etc. Esse uso importa gallicismos, que devem ser evitados substituindo o participio presente pela oração relativa, ou pelo adjectivo verbal, ou ainda, em certos casos pelo adjectivo qualificativo. Assim teremos: diccionario *que compreende;* procuração *que contem;* carta *que dá* . . . ; confiante no seu prestigio; lei prohibitiva, que são frases portuguesas, e não incorrectas e afrancesadas como aquellas.

Partido —

No sentido de tirar proveito, aproveitar-se, é gallicismo.

Partilhar —

Tomado no sentido de participar, com accepção neutra do intransitivo — é gallicismo. Do substantivo vernaculo partilha, deriva-se o verbo partilhar, que é a acção de fazer partilha, dividir em partes. Desta significação primitiva, se lhe tiram os derivados com que já é usado por bons escriptores, pelo que deve ser incluido nos diccionarios, mas não com a natureza de intransitivo, como a do francês, porque então é, não só gallicismo repugnante, mas barbarismo intoleravel. Por exemplo, estas locuções, que temos lido até em diplomas officiaes: O governo partilha as idéas do illustre deputado. Pode lhe partilhar o corpo ou os bens, mas não as idéas que são incorporaes. Partilhar do sentimento publico. Partilho a mesma opinião. Partilhar as mesmas doutrinas, os seus pesares, as suas alegrias, etc., isto é, tomo parte nellas. «Das boas obras que fazem uns, participam (e não partilham) todos os mais que estão na graça de Deus, diz o catecismo. (S. TULLIO, 11). *Partager,* diz RUA BARBOSA, mal disfarçado em partilhar, com a significação que o nosso idioma lhe recusa, de participar, compartir, é gallicismo. (p. 560).

Parti-pris —

Inutilissima esta francesia. Temos o proposito feito, a opinião antecipada, preconcebida. (Estranj., v. I, 52).

Partir de —

em vez de proceder, provir. A ordem não *ha partido do* general. (OLIVER, 186).

***Parvenu* —**

Reconhecendo que não ha no nosso vocabulario palavra que exprima o *parvenu* francês, diz CASTRO LOPES: vou apresentar um termo inteiramente novo, que em minha opinião verte com toda a exactidão o *parvenu* francês. Ei-lo: *plutenil*. Será elle tambem um *parvenu* entre os vocabulos da lingua portuguesa? Penso que não; e começarei a justificação mostrando que o formei de uma palavra grega e duas latinas. *Plutenil*, applicavel aos dois generos grammaticaes, é engendrado de *pluteo* (ser rico, em grego) *e* (preposição latina, que indica origem, de) e do substantivo indeclinavel *nil* (nada, em latim). A simples soletração das syllabas dá o verdadeiro sentido e traducção, isto é, *rico de nada;* que é o que quer dizer *parvenu*. Não vejo que se possa com uma só palavra melhor exprimir o complexo de idéas encerradas naquella expressão francesa. (p. 48).

***Passagem* —**

Convem substituir esta palavra por *passo* em frases como estas do conselheiro Jaime Muniz, e empregadas por muitos como elle: «diversas *passagens* de composições religiosas», «mais de uma *passagem* do texto biblico». Mais avisado andou Vasconcellos Abreu quando intitulou assim um seu opusculo: *Passos dos Lusiadas* (1892), pois evitou o francês *passage*. (VASC., 394).

***Paveamento* —**

Tolo francesismo, em vez de pavimentação. (Vm., 202).

***Peça* —**

«Que responderia um desses aventureiros se lhes perguntassemos, que vem a ser *peça de eloquencia, de poesia,* etc.? Não podia dizer: isto é português; falo a minha lingua; pois em português não se conhecem peças de eloquencia, mas *obras, composições, discursos*». (NORBERTO, 138).

***Pedir* —**

a comer, a beber, etc., são expressões com o resabio gallicano. Nestas frases e nas suas similares diz-se — pedir de comer, de beber, de almoçar.

***Pedir de* —**

em vez de *pedir que* na frase seguinte e nas que lhe forem similares: — Pediu-me de os visitar, em logar de — pediu-me que os visitasse.

Peignoir —

Palavra francesa que não deve ser usada em logar de penteador. Tolissima francesia, diz FIGUEIREDO.

Pele-mele —

Em português, confusão, balburdia, etc.

Pelo-pela —

O uso imponderado destas construcções géra gallicismos intoleraveis. Dedicação, amor, sympathia pelas letras, isto é, ás letras ; amor pela lingua, isto é, da lingua, etc.

Penivel —

penivelmente. São gallicismos desnecessarios, em logar dos quaes diremos penoso, molesto, incommodo, trabalhoso, que causa pena, etc., e penosamente, trabalhosamente, etc. (Glos., 103).

Pequeno —

Usado com os adjectivos para formar os diminutivos é gallicismo erroneo : *pequeno* copo, *pequena* flor, pequena casa, em vez de copinho, florinha, casinha. Fóra deste caso colloca-se melhor depois do adjectivo. (S. TULLIO, 11).

Perecivel —

em logar de transitorio, perecedouro, caduco, etc., é gallicismo.

Personagem —

Gallicismo de genero. Deve ser usada no feminino, consoante a regra da terminação em *agem* como bagagem, friagem, ferragem, etc., e porque deve seguir o genero da voz original *persona*. (ALVES PEREIRA, 141 — Gall.). O seu uso, porem, no masculino tem em seu abono a autoridade de VIEIRA, MORAES e outros.

Pes de nariz —

Exdruxula accommodação literaria do francês *pied-de-nez*. (RUY, 184).

Petimetre —

Posto que já tivesse tido carta de naturalização, o seu uso deve ser evitado. Em seu logar diremos, peralta, peralvilho, casquilho, garrido, pedante, etc.

Phenomenal —

E' palavra francesa de que não ha mister a lingua portuguesa, que tem em seu logar, os adjectivos — assombroso, pasmoso, estupendo, espantoso, prodigioso, maravilhoso, extraordinario, raro, admiravel, singular, grandioso, magnifico, inaudito, inesperado, além de outros. MORAES e FIGUEIREDO lhe não deram entrada.

Picar-se —

de honra, de nobreza, de sabedoria. Em logar de presumir de honrado, vangloriar-se de nobre, ostentar de sabio, jactar-se de erudito, gabar-se, gloriar-se de bom engenho, blasonar de valente, caprichar de polido, inculcar-se por fidalgo, vender-se por esperto, abonar-se de judicioso, etc., é gallicismo inadaptavel. (Glos., 106).

Pince-nez —

Dispensavel francesia, em logar de luneta. E' termo francês, que nem em francês, nem em português, dá idéa alguma do fim, a que é destinado tal objecto. Pince-nez é vocabulo cómposto de duas palavras que significam — aperta-nariz, belisca-nariz. Que os franceses conservem lá o seu pessimo neologismo não nos deve importar; mas, que adoptemos nós outros essa palavra, a qual, além de exotica, não exprime absolutamente a serventia do objecto, isso é que não. Crie-se, pois, um neologismo, porque assim é indispensavel; e em vez de *pice-nez*, que nem em francês, nem em português dá idéa de oculos, mas apenas e somente significa coisa que aperta o nariz, belisca o nariz, diga-se *nasoclos* (do ablativo latino naso, nariz, precedendo ao vocabulo português oculos). A palavra é euphonica, curta, de ascendencia legitima e nobre; em summa, indica exacta e perfeitamente o fim e emprego do objecto. (CASTRO, 7).

Pioneiro —

E' traducção do fr. *pionnier,* e de tal palavra não precisamos. Temos deanteiro.

Pistacheiro —

Não é fórma portuguesa. E' traslado inutil e servil do francês *pistachier,* derivado de *pistache,* nome francês do pistacio (lat. pistacium). O respectivo vegetal chama-se pistacia (lat. pistacia, grego pistake). (FIG., Vic., 118).

Placard —

por edital, ou cartel, é puro francês, posto que MORAES o consagrasse. (Glos., 106).

Plaquette —

Não deve usar-se com a graphia de origem. Diga-se plaqueta, ou melhormente, brochura, opusculo, livrinho, etc.

Plastron —

Não deve ser usado. Temos plastrão.

Platôs —

Desnecessario francesismo (fr: plateau) quando temos planalto.

Pleurisia —

Fórma afrancesada, e é tambem espanhola. A fórma indigena portuguesa é *pleuris*. O latim pleurisis produziu pleurise e, por contracção pleuris. (FIG., Vic., 194).

Ponto de partida —

E' expressão de que se não deve usar sem recorrer ao *point de départ*, diz VASCONCELLOS, embora assim se faça frequentemente. Melhor seria dizer, conforme os casos: começo, base, impulso, origem, inspiração, ou empregar uma perifrase (p. 394). Depara-se-nos o emprego dessa expressão em alguns bons escriptores. Aqui está um exemplo de CASTILHO ANTONIO: — «... um processo... unico ponto de partida racional...» (O Outono, 1863, XVI). Outro de FRANCISCO DE CASTRO: — «Quando o ponto de partida para uma opinião não está nos factos...» (Cln.).

Populaça —

E' palavra francesa innovada sem necessidade, e diz tanto como o português gentalha, infima plebe, ou ainda mais propriamente, a escoria do povo, infima relé. (Glos., 107).

Por —

Para traduzir o *pour* francês, em vez de *a, para, para com, de, contra*, segundo os casos, é gallicismo: o *amor pela lingua*, em logar de *o amor da lingua; o horror dos judeus pelo porco*, em vez de *ao porco*. O francês diz: *la tendresse d'une mère pour ses enfants, son aversion pour ta vie de campagne*. O *pour* do primeiro exemplo deve verter-se em vernaculo por

para com, e o do segundo *a* : a sua versão *a*... São tudo locuções incorrectas, por afrancesadas : zelo pelo serviço de Deus, carinho pelos amigos, ternura por seu filho, horror pela peste, veneração pelos paes, amor pela patria, etc. (MARIO, III, 348). VASCONCELLOS accrescenta ainda as frases seguintes : *gosto pelo bello,* em vez de gosto do ; respeito pelos velhos, respeito pela pessoa, respeito pela propriedade alheia, em vez de respeito dos e da (cfr. respeitar os velhos ; o verbo respeitar é transitivo, e por isso o substantivo verbal tem complemento de objecto, com de) ; veneração pelo senhor em vez de veneração do (cfr. venerar o Senhor) ; amor pelo poder, em vez de amor de (cfr. amar o poder) ; admiração pela gloria do Criador, em vez de admiração da (cfr. admirar a gloria). — Outro erro muito corrente é repugnancia por, em vez de repugnancia de ou a. Em francês *repugnance pour*. — Muitos dizem : tem grande estima por elle. ARRAIS escreveu mais portuguesmente : «nelle (no homem) se acham cegueiras, e enganos notaveis na estima dos bê (s) apparêtes»). (VASCONCELLOS, 386).

***Por* —**

O seu uso com os verbos temer, receiar : receio por, temo por elle, etc., é gallicismo.

***Por ao facto* —**

Por alguem ao facto de alguma coisa, é gallicismo que deve ser evitado. Temos instruir a alguem de uma coisa, fazer-lha saber, inteirado della, etc.

***Por demais* —**

E' francesismo a expressão adverbial *por demais* no sentido de *em demasia, com excesso, demasiadamente, excessivamente*. Lembra o *par trop* francês. *Por demais* quer dizer indifferentemente, inutilmente.

***Portanto* —**

em logar de comtudo é traducção do francês *pourtant*.

***Portet-monnaie* —**

Escusado francesismo. Em português dizemos bolsa.

***Posar* —**

Para photographar-se, é traducção charra do francês *poser*. Deve usar-se poisar, que é collocar-se, assentar-se, pôr em frente, posturar.

Pose —

E' palavra francesa, que tem bom equivalente no português — postura. Sem pose, dizemos sem affectação, sem pretensão.

Pourboire —

E' francesia, que deve ser banida. Gorgeta, gratificação, esportulas são bons vocabulos portugueses.

Possessivos: seu, sua, nosso, vosso, etc. —

O abuso ou mesmo o uso demasiado dos possessivos, dá á linguagem o travo da frase e da syntaxe francesa, e deve ser tido como gallicismo repreensivel e reprochavel. No seguinte trecho da prosa fluente de JOSÉ DE ALENCAR tem-se a exemplificação dessa especie de gallicismo syntatico: «...uma especie de arminho orlava o talhe e as mangas, fazendo realçar a alvura dos seus hombros e no harmonioso contorno do seu braço arqueado sobre o seio». Melhor vernaculo seria escrever: — uma especie de arminho... orlava o talhe e as mangas, fazendo realçar-lhe a alvura dos hombros e o harmonioso contorno do braço...» No autor, diz JOÃO RIBEIRO, é muito commum o uso, quasi diria abuso dos possessivos, o que faz lembrar a syntaxe francesa: — sua tez... seu trajo... a alvura dos seus hombros... o contorno de seu braço..., onde o emprego do artigo seria mais elegante e vernaculo. (Aut. Cont., 66). Aqui está outro periodo no qual o abuso dos pronomes ou adjectivos *seu, sua,* do indefinido *um,* a ordem e construcção sempre directa, logo revelam esse defeito de estilo, ou linguagem excessivamente afrancesada: — «Dá-se um chamado director a uma povoação de indios dispersos, sem idéa alguma das utilidades relativas a estes povos, aos quaes se deveria dar por mestre de sua educação um sabio de uma sã philosophia e de uma meditação profunda». O desalinho da frase ahi é completo. A este proposito escreve JOÃO RIBEIRO: — é esta uma syntaxe de tal modo vulgar nos escriptores contemporaneos que provavelmente será seguida e adoptada no futuro; segundo o que presumimos, a reacção contra o influxo do francês nas palavras e na syntaxe e estilo deve contar-se entre as tentativas inuteis; comtudo, parece-nos tarefa meritoria chamar a attenção dos estudiosos, de vez em quando, para estas e outras questões semelhantes. (Ob. cit., 311).

Preferir antes —

Não reflecte o menor traço de elegancia paterna, e não encontraria entre os menos escrupulosos escrevedores, quem o imitasse. (RUY, 556).

Premiere —

Inutilissima palavra, por *primeira representação* em boa linguagem theatral.

Presa —

No sentido de *ser victima de, atormentado por*, é gallicismo. *En proie à*, exposto a.

Pressante —

Desprezivel gallicismo. Temos urgente.

Prestar-se —

Quando empregado na significação de accommodar-se, offerecer-se, gera gallicismo: a lingua presta-se a todos os effeitos.

Pretensão —

Na accepção de jactancia, vangloria, vaidade, presumpção, ufania, é gallicismo: E' escriptor sem *pretensão;* Fulano tem a *pretensão* de ser sabio.

Pretensioso —

E' traducção quasi ao pé da letra do francês *pretentieux*. Desnecessario e barbaro.

Prevalecer-se —

em logar de valer-se, lançar mão, servir-se, etc., é frase francesa. Devemos dizer, em logar de prevalecer-se da occasião, da opportunidade, valer-se, servir-se, aproveitar-se da occasião, ou aproveitar a occasião, a opportunidade.

Prevenção —

Para significar indisposição, malevolencia, é gallicismo.

Prodigar —

em vez de prodigalizar, é francesia escusada.

Producto —

em vez de resultado. Esses odios são *producto* da guerra, isto é, resultado. (OLIVER, 227).

Pronomes —

A boa linguagem portuguesa, sempre que fôr possivel, pede a omissão do pronome pessoal, que não deve vir expresso na frase. O seu emprego, quando não fôr reclamado, desvia o estilo dos moldes vernaculos, para a construcção francesa,

dando-lhe colorido alheio da fórma original do idioma, com o introduzir-lhe o gallicismo fraseologico, mas barbaro e mal soante do que o gallicismo meramente vocabular. Doutrinem os mestres — os que sabem presar a linguagem expungida de barbarismos, quer na palavra, quer no meneio da frase: Outra liberdade nossa, escreve ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, de que nos querem a toda força despojar e que nós devemos forcejar por manter a todo custo, é a de omittirmos o sujeito, todas as vezes que elle não pode deixar de se entender. Assim o eu, o nós, o tu, o vós, o elle, o elles, o ella, o ellas, com que o pobre francês anda todo empecilhado, quasi que não apparece na escripta de quem sabe o que é português. Em francês, ensina MARIO BARRETO, as desinencias pessoaes são apagadas, surdas e pouco distintas na pronunciação, de modo que é imprescindivel em favor da clareza o uso do pronome antes da fórma verbal. Phoneticamente, em francês, o mesmo é amo, que amas, ama, amam. Graphicamente, no papel para os olhos, fazem-se differenças, mas não para o ouvido. Para remediar a pobreza das flexões verbaes, a lingua teve que unir ao verbo o pronome que não pode separar-se delle, e fórma assim uma desinencia ou flexão inicial, uma verdadeira flexão preverbal. Em português, temos a vantagem de conservar intactas e sonoras as desinencias pessoaes, e dispensamos as muletas dos pronomes, sem as quaes não podem caminhar os franceses. (Factos, 29). Enumera o cardeal SARAIVA varios exemplos, assás instructivos no tocante á defesa do vernaculo contra o uso abusivo dos pronomes. Aqui reproduzimos os mais edificantes: — se eu conseguir o que eu desejo, eu ficarei contente, isto é, se conseguir o que desejo ficarei contente. então nós sentimos a frescura da noite... da mesma sorte que nós tinhamos sentido... nós nos embrulhamos nas pelles, antes que nós saissemos do paraiso... nós nos deitamos na gruta. Eis aqui em poucas linhas repetido cinco vezes o pronome nós, que em português corrente, e em estilo desempeçado se poderia totalmente omitir. Para suffocar até os remorsos da consciencia, elles tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido aquella de que elles tem feito um maior abuso, para impôr á multidão, e enganar aquelles, dos quaes elles se querem servir para os seus fins. Parece, na verdade, incrivel que um ouvido português se accommode com este modo de falar; mas tal é o poder do habito que á força de lermos, e imitarmos os livros estranjeiros, quasi nos familiarizamos com as suas maneiras, e talvez as reputamos melhores que as nossas! Este periodo, que é tirado de uma obra portuguesa original, está cheio de gallicismos: aqui porem somente pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles, aquelles,* que fazem a oração por extremo embaraçada e

desagradavel. Isto é blasphemia o dizer, que a natureza, etc. A palavra isto redunda no discurso, e é gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o francês *c'est un blasfème.* Eu tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as coisas novas com aquellas que elles já conhecem. Neste exemplo os pronomes *eu, aquelles, elle,* podem supprimir-se. Não se pode excluir por completo o uso dos pronomes. Aqui estão tres casos em que elles podem e devem ser usados — 1º — quando ha opposição entre dois ou mais membros do periodo, e dizemos — eu amo e tu dormes ; eu estudo e tu te divertes ; nos trabalhamos e elles passeiam ; 2º — quando o pede a emphase ou o ornato do discurso, como nesta frase — Deus é digno do nosso amor ; elle manda que o amemos, elle o pede ; elle até o solicita, etc. ; 3º — quando sem a expressa declaração do pronome ficaria escusa ou ambigua a frase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia. (Glos., 138 e seguintes).

Pronunciar —

Este verbo recebe dos galliciparlas varias accepções : julgar, declarar, mandar, manifestar opinião, resolver, declarar-se, etc. — O Congresso pronunciou-se contra a revisão.

Proporção —

Não se falando de numeros ou cifras a expressão — *em proporção de* constitue sempre um gallicismo, a qual pode ser substituida por conforme, segundo, etc. Relogio de *grandes proporções* para significar que se trata de um relogio muito grande é uma barbaridade. Que é proporção ? A conformidade das partes com o todo ; e neste sentido, dizemos por exemplo, que tal pintura ou retrato tem os braços *desproporcionados,* isto é, demasiado largos ou demasiado curtos, muito grossos ou muito delgados, com relação ao corpo de que pendem. *Proporção* não pode significar medida, e debaixo deste conceito, *relogio de grandes proporções,* se fosse esta uma locução correcta seria a que chamasse a attenção para a justeza e exactidão na medida das suas peças e accessorios, não um relogio grande. (OLIVER, 22).

Proposito —

São gallicismos as seguintes expressões : *A todo proposito,* em logar de *a cada passo ; A proposito* em logar de opportunamente ; *A proposito de,* em vez de sobre o caso, com motivo de ; *A proposito de,* em vez de respeito, emquanto a, tocante a ; *Mal a proposito,* por fóra de proposito. (OLIV.,288).

Q

Qualidades —

Na significação de virtudes, *boas ou grandes* ***qualidades,*** é gallicismo. (RUY, 560).

Quand-même —

Locução francesa de que não temos necessidade. *Apesar de tudo, apesar disso, comtudo,* diz o mesmo e melhor.

Quando —

se trata de... E' gallicismo esta locução quando empregada de modo impessoal, sem graça, sem propriedade. A impropriedade consiste em que a locução ***quando*** *se trata* não quer dizer ***quando*** *se faça um trato,* ***quando*** *se discorra,* nem ***quando*** *se fala,* nem ***quando*** *se* disserta de coisas taes ou quaes; não, senão ***quando*** offerecem, ***quando*** occorrem, ***quando*** interveem coisas de tal ou tal qualidade. Neste sentido usam os franceses a formula *quand il s'agit.*

Que —

Forma gallicismos quando desnecessariamente vertido do francês em frases que a indole do idioma o não permitte. Ensina o professor CARNEIRO que quando numa frase de dois membros começa o primeiro pelas conjunções *quand, comme, si, puisque,* é muito commum no francês o uso da conjunção ***que*** antes do segundo membro, que se liga assim ao primeiro. Vertendo á letra taes frases em portuguès, é de todo alheio da indole de nossa lingua fazer conta do ***que*** do segundo membro

da construcção francesa, copiando-o servilmente. Taes são os seguintes passos, em cuja traducção para o português deve elidir-se esse *que*: «*Neptune quand* il éléve son trident, et *qu'*il menace les flots...» Em português supprimindo o ***que*** do segundo membro, dizemos limpamente: «Quando Neptuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente». (p. 833).

Que —

Corre outro tanto, ainda adverte CARNEIRO, quando o primeiro membro da frase principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique, lorsque, tandis que, après que, jusqu'à ce que* e outras, em que o segundo elemento componente é a conjunção francesa ***que:*** na traducção para o português nunca se enuncia o ***que*** do segundo membro da frase, sem cair em censuravel gallicismo. (p. 834).

Ques —

Uma das grandes causas de dureza no estilo é a exuberancia dos ***quês,*** observa MARIO BARRETO. Entretanto, ainda são palavras suas — pode-se dizer de maneira geral que a economia de ***que*** desempece a frase e concorre para torná-la mais limpida, e em muitos casos pode supprimir-se essa «particula molesta» como já lhe chamou um grammatico. E' da boa linguagem supprimir o *que* nos casos seguintes alem de outros:

a) nas orações substantivas, que exercem as funcções de sujeito ou complemento directo. Exemplo: — *Pediu-me o entretivesse. Rogo e espero me escute. Temeu fossem ladrões.*

b) quando a uma primeira oração integrante se segue outra, regularmente se supprime o primeiro ***que:*** *Sabemos não é certo que se haja dado a ordem.*

c) quando as orações relativas e completivas se entrelaçam: *Entregaram-me a caneta* ***que*** *eu julgava* ***que*** *se tinha perdido.* Como esta construcção fere o melindre de ouvidos delicados, os grammaticos aconselham que se substitua a oração substantiva pelo infinitivo: *O agente policial deu-me os objectos* ***que*** *eu suppunha terem-se perdido... Recebi a encommenda* ***que*** *eu imaginei ter-se estraviado.* (Novissimos Estudos, III, p. 184). Frei LUIZ no seu Glossario accentuava que o relativo fr. *dont,* tem, regularmente falando, a significação dos relativos

portugueses *cujo, cuja, cujos, cujas, do qual, dos quaes, da qual, das quaes,* etc. São pois mal traduzidas as seguintes frases: *Entre os contos das fadas não ha um só, de* ***que*** *o objecto seja verdadeiramente moral,* isto é, *cujo objecto,* ou tambem *do qual o objecto,* etc. *Outro meio,* ***que*** *nos parecerá talvez frivolo, mas de* ***que*** *o effeito é certo,* isto é, *mas cujo effeito,* etc. *Todos os objectos de* ***que*** *as dimensões são extraordinarias,* isto é, *cujas dimensões,* ou *as dimensões dos quaes,* etc. (p. 142).

Questão —

A palavra ***questão*** no sentido de *materia* ou *assumpto* é de uso francês. Assim nas frases: *Tratar a* ***questão,*** em vez de *tratar o assumpto, a materia; é* ***questão*** *commercial,* em vez de *assumpto commercial; referir-se á* ***questão,*** em vez de *á materia,* etc. (MIR, 490, 1º vol.).

Quête —

Não é preciso este francesismo: temos *peditorio,* diz FIGUEIREDO.

Quichote —

E' invenção francesa. O que Cervantes escreveu, diz FIGUEIREDO, foi *Quixote.*

R

Rango —

Gallicismo desnecessario. Temos *classe, ordem, numero, gráu, categoria, posto, logar.*

Rasonavel —

em vez de *rasoavel* é gallicismo. (RUY, 558).

Recherché —

E' vocabulo francês. Temos *rebuscado, pretensioso, trabalhado,* etc. Deve dizer-se *estilo rebuscado* e não estilo ***recherché.***

Recidivar —

Gallicismo perfilhado pela moda, ou tolice, diz FIGUEIREDO. Inconsiderado, injustificado, inadequado, diz RUY.

Reclamar —

A boa linguagem portuguesa não usa o verbo ***reclamar*** senão quando ha opposição, protesto contra alguma coisa, acto ou facto, impugnação. Empregá-lo, porem, no sentido de pedir, requerer, demandar, instar, insistir, implorar, é francesia, como se vê nestas frases — *Assim o* ***reclama*** *a cultura literaria; o doente* ***reclama*** *immediata medicação; a lei* ***reclama*** *a attenção,* etc. A'cerca deste verbo, escreve o cardeal SARAIVA: — Empregado fóra das suas significações proprias no vernaculo, no sentido de implorar, invocar, exigir,

visões, fantasia. etc. FIGUEIREDO chama-lhe desconchavado gallicismo.

Revoltar —

Puro gallicismo. Em bom português dizemos — *escandalizar, indagar, exasperar, irritar.*

Revoltante —

em vez de *repugnante, repulsivo, que revolta,* etc.

Rez-de-chaussée —

Escusada locução. Temos o *réz-do-chão.* «... do *rez do chão* aos andares superiores...», escreve RAMALHO. (Holl.).

Ridiculo —

Como substantivo é gallicismo inutil.

Rotina —

Gallicismo desnecessario. Temos para exprimir-lhe a significação as palavras — *trilha, caminho, usança, trilhado.*

Ressorte —

em logar de mola, elastico, agente, impulso, movel, competencia, é gallicismo desnecessario.

S

Saison —

Usamos sem necessidade deste vocabulo francês. No vernaculo ha — *temporada, quadra, estação, sazão, epoca balnear.*

Saltar aos olhos —

E' expressão francesa que não convem ao nosso idioma. *Isto é mais claro que a luz,* ou *isto está metendo pelos olhos,* é como se deve dizer. (Glos., 121).

Salva-guarda —

Escusado gallicismo. Em seu logar temos *salvo-conducto, seguro, resalva, asylo, amparo, patrocinio,* etc.

Sans-façon —

Locução de que não temos necessidade para significar *sem cerimonia.*

Saudade por —

em logar de ***saudade de,*** é gallicismo, diz RUY. (p. 560).

Savoir-faire —

Deve ser substituida por *habilidade, finura, destreza, pericia.*

Se —

Teem o cunho genuinamente francês frases como estas — aluga-*se* casas ; vende-*se* frutas ; concerta-*se* meias ; encaderna-*se* livros ; etc., nas quaes exercendo o ***se*** a funcção de particula apassivadora, os verbos devem ir para o plural. Em vez, pois, de aluga-*se* casas, etc., devemos dizer — alugam-*se* casas, etc. ; formas que correspondem a esta : — são alugadas casas, são vendidas frutas, etc. E' construcção francesa. Mas, em francês, está bem. Aquelle ***on,*** representativo de *homme* por evolução popular, é o sujeito da preposição, e o complemento pode ser singular, e pode ser plural. Em português, não. Aquelle ***se,*** com que se traduz o ***on*** francês, é simplesmente a particula que apassiva o verbo, e não é sujeito. Faz-*se* quer dizer *é feita ;* fazem-*se* quer dizer *são feitas.* Logo, *faz-se muitas coisas* é tolice, porque, a expressão equivale a *muitas coisas é feita.* Portanto, o bom português manda: *Fazem-se muitas coisas,* porque isso equivale a *muitas coisas são feitas.* E, com quanto isto pareça simples e claro, são vulgarissimos os erros a tal proposito, tudo por amor á syntaxe francesa. Até em taboletas de estabelecimentos bancários tenho lido bellezas destas : — Vende-*se* libras. Compra-*se* titulos da divida interna, etc. São disparates que a grammatica não desculpa. (Estranj., I, 124). E, finalmente, diz RUY que o emprego do ***se,*** particula apassivadora, com o verbo no singular é das mais lastimaveis nodoas, que podem macular o português.

Secretar —

em vez de ***segregar,*** é verbo irracional e barbaro, exclama MARIO. O que temos em boa lingua patria é *segregar,* e não precisamos de outro verbo.

Sensação —

em vez de *causar impressão, admiração, surpresa, surpreender, suspender, arrebatar, fazer eco, dar golpe,* etc. (OLIVER, 285).

Se o, se a —

Não se pode em português correcto combinar o ***se*** com as formas ***o, a,*** porque tal combinação é um contrabando linguistico. A' lingua repugna as formas ***se o, se a,*** porque não é possivel, logicamente, sustenta OTHONIEL MOTTA, encaixar um accusativo ao lado de outros, que é o reflexivo ***se***. «Sei que *se* não grangeia perdão *se* ha de que o pedir». (Fr. LUIZ). Aqui, um escriptor remendão poria logo: «. . . ***se*** ha de que se ***o*** pedir». *(O Pronome se,* pp. 8 e 9).

Sentido —

Em todos os sentidos, em logar de *em todas as direcções, em todos os objectos, a todas as luzes, em todos os concertos.* (OLIVER, 289).

Ser-se, é-se —

Quando ***se é*** rico, ***se se*** é rico, ***ser-se*** pobre, etc., etc., são frases incorrectas, provindas apenas de se ignorarem os significados do pronome ***on*** francês. Assim a frase: — *quand **on** est jeune et belle, **on** se marie très facilement*», traduz-se: — *quando uma mulher é moça e bella casa-**se** facilmente.* Traduzir — quando ***se é,*** etc., não tem explicação possivel. A frase — *ás vezes é bom **ser-se** pobre* .. — é igualmente incorrecta, e nem gallicismo é; é simplesmente asneira, porquanto o correcto é dizer-se — *ás vezes é bom ser pobre.* (LAGO, 29).

Seriosas —

seriosamente, por *series*, por *seriamente*. Todos estes são gallicismos impudentes e destemperados (p. 558). Mas o que neste assumpto constitue a obra prima do CAVALLEIRO DE OLIVEIRA é o typo, que nos deixou, do francelho petulante, satisfeito e alvar, na impagavel criatura de um famulo, que ***achatava*** *(achetait),* quando queria comprar, tratava de ***trupas*** ou *tropas*, trocava ***bolsas*** em ***bursas*** *(bourses)* disfarçava os seus ***pensamentos*** em ***penseiros*** *(pensées),* não ***neglijava*** *(negligeait),* os seus deveres, e, com as surpresas e graças desse fraseado, era, nos dias humidos e tediosos de Amsterdam, o ***sulajamento*** *do amo.* Não ficam acima desta craveira, por menos que valesse o tarelo daquelle famulo, os ***chefes d'obras,*** os ***esquises,*** os ***deboches,*** os ***debutes,*** os ***gôches,*** mais bem nascidos, mas não melhor formados. (RUY).

Siflo —

em vez de ***silvo,*** *assobio,* é gallicismo insuportavel, diz FIGUEIREDO.

Silhueta —

Em português temos *perfil*, ou *contorno.*

Simultaneidade de tempos —

A falta de simultaneidade dos tempos verbaes produz inevitavelmente o desalinho da frase. Gera gallicismos que facilmente podem ser evitados. Ex.: — *É Montes-*

quieu ***quem*** *affirmava,* isto é, ***era*** *Montesquieu,* etc. ***É*** *o facto que se verifica,* isto é, ***foi*** *o facto;* etc; ***É*** *isto que me aborreceu,* isto é, ***foi*** *isto,* etc.

Syndrôma —

Por ***sindromà,*** não é pronuncia exacta. E' a influencia do francês que não conhece esdruxulos, diz FIGUEIREDO. O professor MIGUEL COUTO, que é escriptor zeloso da sua forma, em a nota ***A*** do seu livro — *Lições de Clinica Medica* —, trata deste vocabulo. «Emquanto espero, diz elle, que os philologos decidam a graphia e a prosodia desta expressão, eu a vou empregando como dantes, e entre *syndrôma, syndroma* e *syndrome,* peço venia para continuar a dizer... *syndromo.* Por simples obstinação e emperramento? Não, que ninguem ainda descobriu este traço do meu feitio moral, — senão por falta de provas desabonadoras daquelle vocabulo ha muito adoptado entre nós, desde FRANCISCO DE CASTRO, como formação erudita contraposta a inveterado gallicismo.... O vocabulo *syndromo,* formado do grego *syn* e *dromos,* como *prodomo,* do grego *pro* e *domos,* apresenta foral de muito boa prosapia e da melhor companhia, estando a demais acceito nos costumes». Recommendamos aos estudiosos da lingua a leitura da erudita nota do professor COUTO.

Soirée —

Francesia inutil. Temos ***sarau.*** O termo ***assembléa,*** diz FIGUEIREDO, tambem serve em alguns casos; e se a reunião não é dansante nem cantante, bem se pode dizer ***serão,*** que é termo vernaculo e velho, mas sempre bello.

Sob medida —

E' erro dizer — «*terno feito* ***sob medida***». Em português correcto diz-se: — *feito* ***por*** *medida.* Os franceses dizem — ***sur mesure;*** ora, se elles dizem — *reglez vous sur moi* —, e nós diremos — *regule-se por mim;* do mesmo modo, quando dizem — *reglez vous sur cette mesure,* nós devemos dizer — *regule-se por esta medida.* (LAGO, 40).

Sobre —

Em logar de ***de,*** é em muitas frases mera construcção francesa: — Falar ***sobre*** varios assumptos, isto é, falar ***de*** varios assumptos. Usar tambem de ***sobre*** em logar de *conforme, segundo,* é gallicismo: Exemplo: — ***sobre*** *o modelo,* isto é, ***conforme*** *o modelo.* E' ainda gallicismo usar da preposição ***sobre*** em frases como esta: — *ganhar terreno* ***sobre*** *o inimigo,* isto é, *ao inimigo. Jesus desceu* ***sobre*** *a terra,* isto é, *á terra.*

Soffrer —

Por ***padecer*** é gallicismo. *Sentir e experimentar damno,* escreve MIR, *injuria, dôr, aggravo, molestia, afronta, paixão e qualquer contratempo physico ou moral, no corpo ou no espirito, se chama com toda a propriedade* ***padecer***». São factos esses que independem da vontade do paciente. O contrario dá-se com o verbo ***soffrer,*** cuja essencia está na vontade do que padece. O enfermo *padece,* pouco ou muito, segundo o gráu e condição de sua paciencia. Assim, ***padecemos*** desgostos, dissabores, afronta, enganos, calor, injurias, etc.. e não os ***soffremos***. E' que causa exterior produz o padecimento, vontade interior exercita o soffrimento.

Solvavel —

Solvabilidade, insolvabilidade. Temos *solvencia, solvente, solvivel, soluvel, insoluvel, insolvivel, insolvente, insolvencia, insolubilidade.* Não necessitamos, portanto, das achavascadas adaptações de *solvable, solvabilité,* vocabulos mal lavrados e muito menos bem soantes que aquelles nossos. Que os fossemos buscar, se, por carencia de expressões equivalentes, delles necessitassemos, isso sim. Mas, ainda nesse caso, cumpriria que os tomassemos ás fontes naturaes do nosso idioma. Essas estão no latim. E de que modo exprimiam os latinos a idéa de pagar, satisfazer debitos, ser capaz ou incapaz de os satisfazer? Mediante o verbo ***solvere*** e seus derivados. Ora, como extrair dessa base as palavras *solvavel* e *solvabilidade?* Não ha meio, em portuguêS. De ***solvere*** só poderia derivar o resultado, que derivou: *solver, solvente, solvencia, insolvencia.* O que, em vez desses termos, se nos quer desatinadamente encampar, é, portanto, grossa e mal aldravada francesia (p. 478). «... . Já se ve que admittir em nossa lingua as palavras *solvavel* e *solvabilidade,* com as suas derivadas, é cobrir o francês, mas cobri-lo ignaramente, violando as proprias leis de geração etymologica, pelas quaes o francês obteve *insolvabilité, insolvable*». (RUY, 479).

Sortida —

Em logar de ***repreensão*** *aspera e veemente, invectiva.*

Souteneur —

Desnecessario. ***Rufião*** lhe equivale o significado.

Successo —

Com intenção do ***bom exito, bom successo, bom succedimento,*** é gallicismo. Puro vernaculo na accepção de *acontecimento, facto, occorrencia, accidente, acaso.* (RUY, 556).

Successo, em português, é o acto de *succeder* ou *acontecer*; é synonimo de acontecimento, caso, facto, incidente... Mas não é neste sentido que os francesistas o usam. Querem elles dizer, que obter um ***successo,*** é *sair bem, ter bom exito, triumphar,* etc. Mas, ***successo,*** em português, nunca significou taes coisas; em francês, é que o ***succès*** significa — *alem de acontecimento — bom successo, exito, triumpho...* (Estranj., p. 66).

Supercheria —

Traducção de ***supercherie,*** a qual é desprezivel, uma vez que temos *fraude, embuste, trapaça, engano, velhacaria.*

Surmonter —

E' gallicismo que diz tanto como *superar, vencer*; e se fôr necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia ***sobremontar.*** (Glos., 128).

Susceptibilidade —

Em logar de *melindrar, agastar-se, escandalizar-se.*

Susceptivel —

E' palavra francesa em sentido absoluto que não tem: — Fulano é muito ***susceptivel.*** E', porem, português castiço em frases como esta: — «... *a probidade, inteiriça e indecomponivel, não é* ***susceptivel*** *de se fraccionar...*» (Ruy, Disc. ás clas. cons.).

Sucreo —

E' palavra para a qual se não pode admittir outra derivação senão a de *sucre* francês. Para traduzi-la temos *doce,* açucarado, sacarino.

T

Tal como —

Fazendo officio de adverbio, ***por como,*** é gallicismo: *Não é* ***tal como*** *o pintam...*

Talmente —

E' o ***tellement*** francês, e inutil porque temos — *assim, de tal modo, de tal forma, por tal maneira.*

Tapessar —

Reproducção charra do verbo ***tapisser.*** Não o justifica ALMEIDA GARRETT, com o ter usado, quando escreveu — colinas ***tapessadas*** *de verduras.* Temos *atapetar, tapizar.*

Tartrico —

Não é legitima derivação vernacula. E' traducção do francês ***tartrique.*** Em português temos *tartaro,* donde se deriva *tartárico.*

Telephone —

Assim escripta esta palavra, e com accento tonico na penultima, é francês. Em português para sermos coherentes, assim como se diz ***homóphono,*** deviamos dizer ***teléphono,*** com accento na antepenultima. (LAGO, 22).

Tendencia —

Não é palavra castiça. Puro gallicismo e escusado, visto que são innumeraveis os vocabulos que dizem com mais propriedade o mesmo conceito. Temos — *inclinação, propensão, intenção, direcção, amor, paixão, affecto, pretensão, aspiração, desejo, afã, ansia, intento,* etc. MORAES a incluiu no seu diccionario. FRANCISCO DE CASTRO: — «... a ***tendencia*** ás palpitações...» (Cl.).

Ter a —

Em logar de ***ter que*** ou ***ter de***. *Ter a recear, a temer muito de seus inimigos, ter deveres a cumprir, ter obrigações a fazer, ter queixas, reclamações a fazer, por ter que recear, ter que temer muito, ter de cumprir deveres, ter deveres para cumprir, ter de satisfazer obrigações, ter de fazer queixas, reclamações,* etc. (CARNEIRO, Serões, 832).

Ter logar —

Esta expressão é francesia, quando empregada por *occorrer, succeder, verificar-se, effectuar-se*. Na accepção, porem, de *caber, ser admissivel, ser applicavel, legitimo, opportuno, regular,* é indisputavelmente vernaculo e sanccionada por todos os mestres. Como expressão francesa, alguma coisa vae medrando, graças ao equivoco do seu significado exacto, mas só entre escriptores mediocres e descuidados. (RUY, 557).

Thereza —

Com *th* é gallicismo orthographico. A palavra é espanhola onde se escreve ***Teresa***.

Tibia —

O tibia não se deve dizer. A palavra é feminina, não devendo prevalecer a influencia do francês — ***le tibia***.

Tige —

Deslavado francês, «*mais que gallicismo*», na expressão de uma autoridade, ao qual corresponde o nosso haste ou caule. (RUY, 277).

Tirar partido —

por ***tirar*** *proveito,* ***tirar*** *vantagem, aproveitar-se.*

Toda vez —

A expressão ***toda vez*** é o *toutefois* francês, que em português como em espanhol não tem igual accepção. E' pois pura e simplesmente um disparate. Substituamo-la dizendo — *pois que, posto que, supposto que, sendo assim que, como seja que, uma vez que, ou se se quiser, todas as vezes que.* (OLIVER, 293).

Todo, tudo —

E' gallicismo o usar estas palavras no sentido em que os francezes tomam o seu vocabulo ***tout,*** com a significação de *inteiramente, absolutamente. Toda* inteira, *todo* novo,

por *inteiramente, totalmente* novo, etc. Fazeis *tudo* o contrario do que se deve fazer, isto é, fazeis *totalmente, inteiramente, absolutamente* o contrario. (Glos., 131).

Todos dois —

ou *todas duas,* por ambos ou ambas, é a fórma francesa — *tous les deux.*

Toilette —

Por *trajo, vestuario, fato, vestimenta.* (RUY, 183).

Tourista —

Escusado, em vez de ***excursionista.***

Tractos —

Por *episodios, lanços, rasgos historicos,* era um cumulo de francelhice, que havia de expirar, como expirou, de excesso da propria desenvoltura. (RUY, 556).

Tranchant —

Escusada francesia, quando temos *categorico, decisivo, terminante,* etc.

Tratar de resto —

E' modo de falar á francesa. Em português dizemos — *ter em pouco, tratar com desprezo, menoscabar, vilipendiar, ter em pouca conta,* etc. (Glos., 132).

Troupe —

Francesia inutil, em vez de *bando, grupo, companhia.*

Turba —

Turbeira em logar de ***turfa***; *turfeita,* em logar de *turfeira* — um e outro destemperos philologicos. (RUY, 184).

Tour de force —

Deve ser evitada esta expressão. Para traduzi-la ha os seguintes modos de dizer — muito esforço, grande esforço, bastante energia, grande diligencia.

S.

U – V

Um outro —

A leitura do francês é que nos leva, ás vezes, a dizer — ***um outro, uma outra,*** etc. Se podemos, correctamente, exprimir a nossa idéa por uma só palavra *outra, outros, outra, outras,* — para que sobrecarregar a frase com a palavra ***um*** antes da palavra ***outro ?*** (LAGO, 66). De modo que deve dizer-se : — O chapéu é grande, mande-me *outro*, e não ***um*** outro ; etc. ***Um outro — uma outra,*** envolvem, adverte Frei LUIZ, uma especie de redundancia, que o uso presente da lingua portuguesa tem rejeitado, por onde indicariam hoje affectação, e dariam ao discurso aquelle ar francês, que sobretudo se deve evitar.

Unido —

Copia ignara do francês ***uni,*** com a significação de *liso*, que em português lhe não pode caber. (RUY, 559).

Ultima analyse —

A locução *em ultima analyse* é o francês *en dernière analyse*. Diga-se em português : em conclusão, em summa, em resumo, concluindo, etc.

Valer a pena —

E' tomada do francês a expressão — ***valer a pena.*** «*Cela n'en valait pas la peine,* dizem os franceses, para exprimir — *isso não importava muito ; isso valia pouco ;* etc. (MIR).

Valise —

Maleta, malinha, bolsa, correspondem a este vocabulo francês.

Vendavel —

Comquanto abonada pelo uso de bons escriptores, não perde a sua origem do francês ***vendable.*** A fórma genuinamente nossa, consoante o reconhece FIGUEIREDO, é ***vendivel,*** igual ao castelhano ***vendible*** e ao italiano ***vendibile,*** do latim ***vedibilis.***

Verbos auxiliares —

As fórmas verbaes auxiliares não raro dão ansa a que a frase portuguesa se aproxime da construcção afrancesada. Devem de ser por isso evitadas, por que, quando usadas com mais frequencia do que tolera a indole da lingua, são gallicismos. Desnecessariamente concorrem ellas não só para tornar o estilo mais prolixo senão tambem menos alinhado. Nesta frase : — «Eu lhe *tenho pedido* a sua palavra de ficar aqui até o fim de maio, o que ella me *tem promettido*» — as vozes *tenho pedido* e *tem promettido* constituem gallicismo, o qual se corrigiria, se dissessemos — pedi-lhe a sua palavra de ficar aqui, etc., o que ella me prometteu. Porquanto se reflectirmos attentamente no uso português, veremos que as vozes formadas pelo preterito ***tem,*** e pelo *supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado, eu tenho visto,* etc., não são em português um simples preterito mas sim um *preterito com successão de tempo, e de actos muitas vezes repetidos.* Pelo que de uma pessoa, v. gr. que não está em casa, não dizemos *tem saido,* mas simplesmente *saíu.* Da mesma sorte a esta pergunta : *a que hora ceaste hontem ?* respondemos com acerto : *ceei ás dez horas,* e não : *tenho ceado.* Pelo contrario a estoutra pergunta : *quantas terras tens andado ?* respondemos com acerto : *tenho andado muitas,* e em todas *tenho visto* coisas novas, etc. (Glos., 151). Casos ha em que taes fórmas, para melhor

exprimirem o que temos em mira fazê-lo, são admissiveis, opportunas e indisputavelmente vernaculas. Consideremos esta frase : — O meio de que se tem usado». Annota-a elucidativamente o douto sr. JOÃO RIBEIRO : — Este chamado *preterito indefinido* (tenho usado) exprime em geral a acção consummada e que ainda continúa : «Tenho notado as suas ausencias. Tenho visto muitas coisas». Exprime tambem, em certos casos, a acção que não deve continuar, por ser unica e peremptoria : Tenho dito. (Entende-se : acabei). Tenho advertido, isto é, espero não advertir mais. (Aut. Cont., 164).

Verve —

em logar de *verbosidade, eloquencia, facundia,* é gallicismo.

Viavel —

Viabilidade. Gallicismo inutil : temos *vivedoiro, realizavel, exequivel.* (Vm., 275). E' grande disparate dizer *viavel* no sentido de *exequivel*, porque tal vocabulo vem do francês *viable*, derivado de *vie*, applicado originariamente á criança que nasce em condições de viver, isto é *vivedoura*. Muita gente cuida que *viavel* vem de *via* «caminho» ! (VASC., 396).

Vistas —

Em logar de *intentos, intenções, intuitos, designios, olhos, fito, mira, conceitos, idéas, reflexões* — é uso afrancesado.

Viveres —

Tolicissimo gallicismo, assim chama FIGUEIREDO. Temos *mantimentos, generos alimenticios*, etc. (Vm., 277). Caem em francesismo, embora usado já ha muito, os que, desejando referir-se a *vitualhos, mantimentos, comestiveis*, dissessem : ... «alguns souberam... levaram as esposas e *viveres* que acharam». (VASC., 396).

Voltejar —

E' gallicismo desnecessario no nosso idioma, onde temos *voltear* ou *revoar*, que dizem o mesmo.

Voluptuosidade —

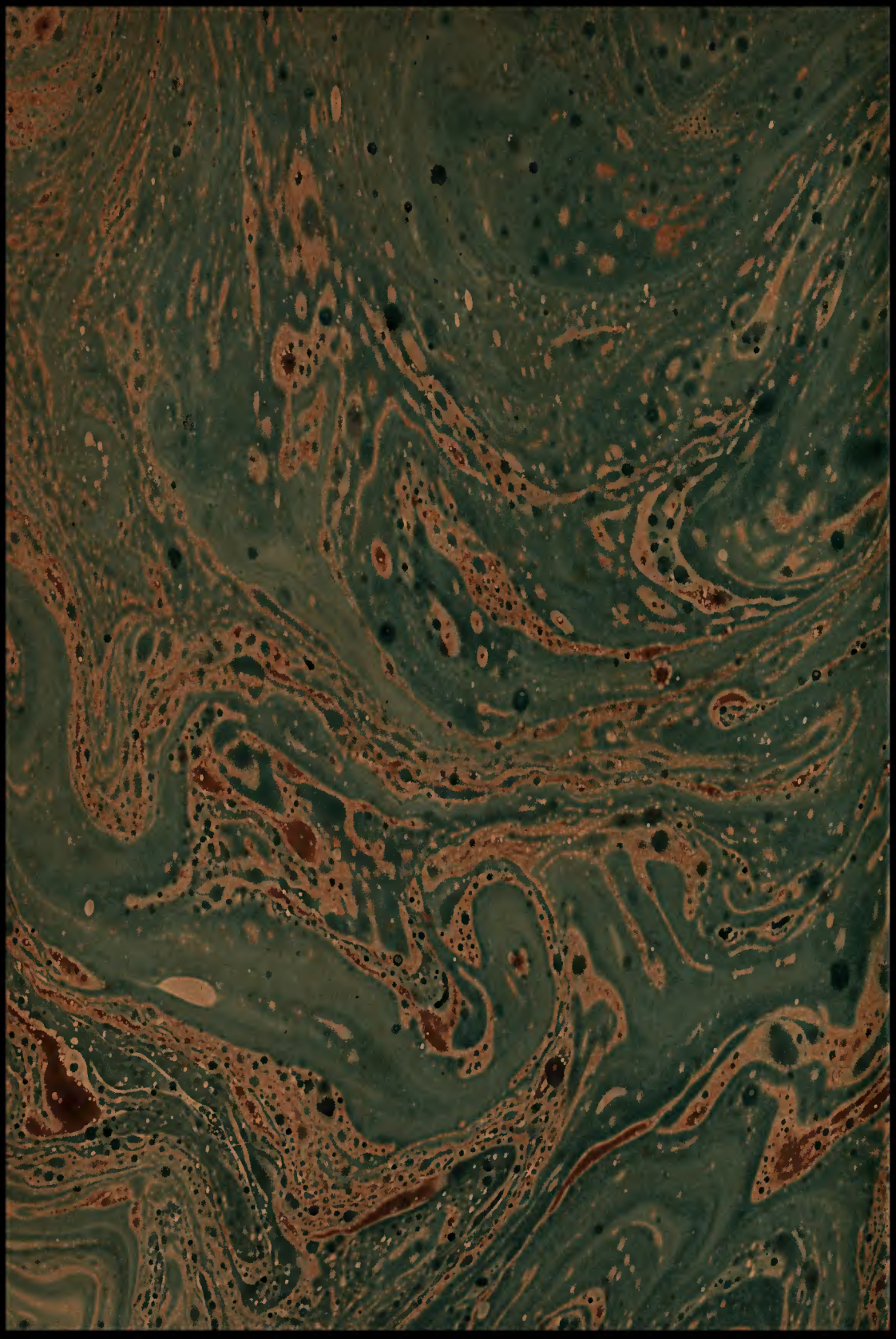
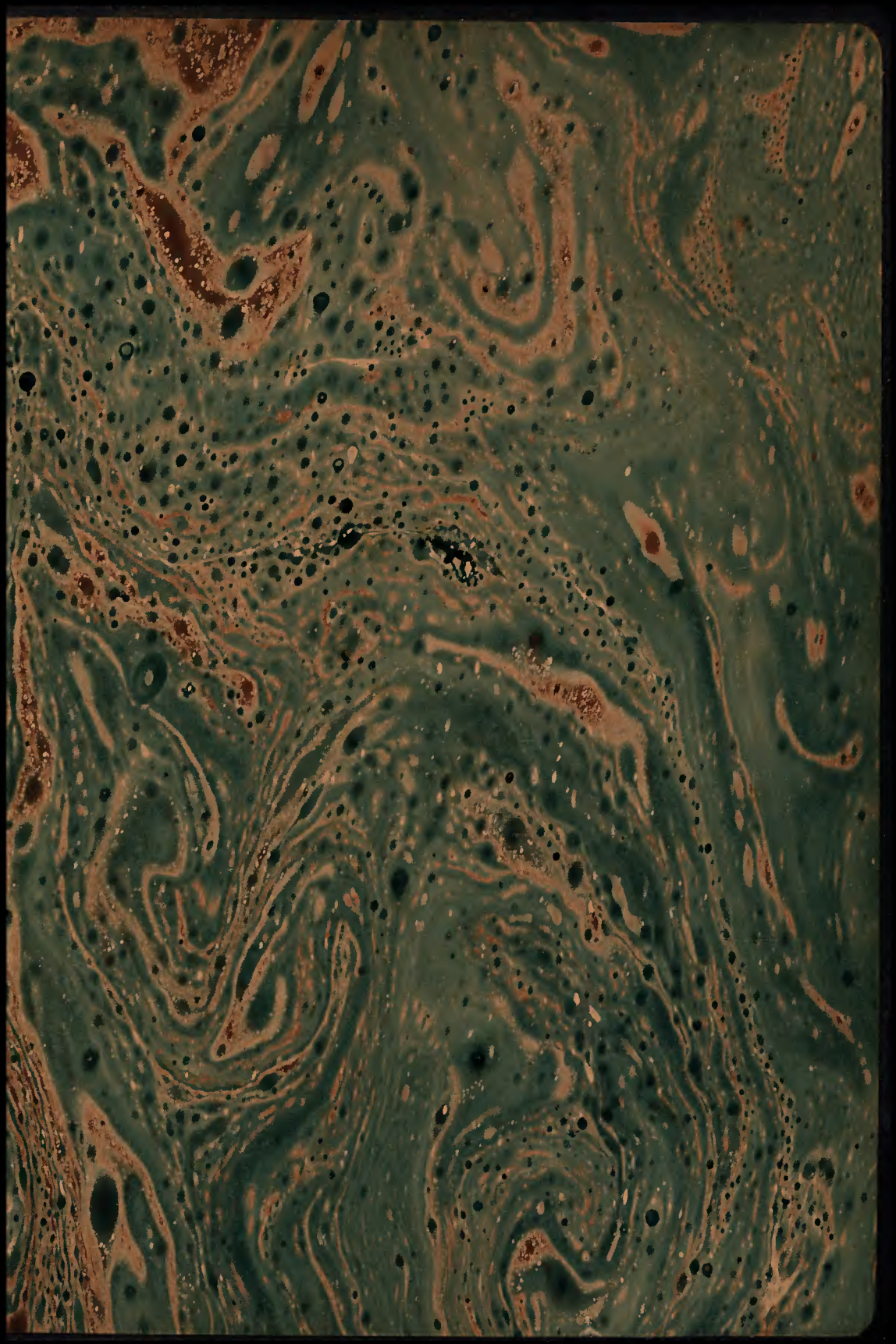
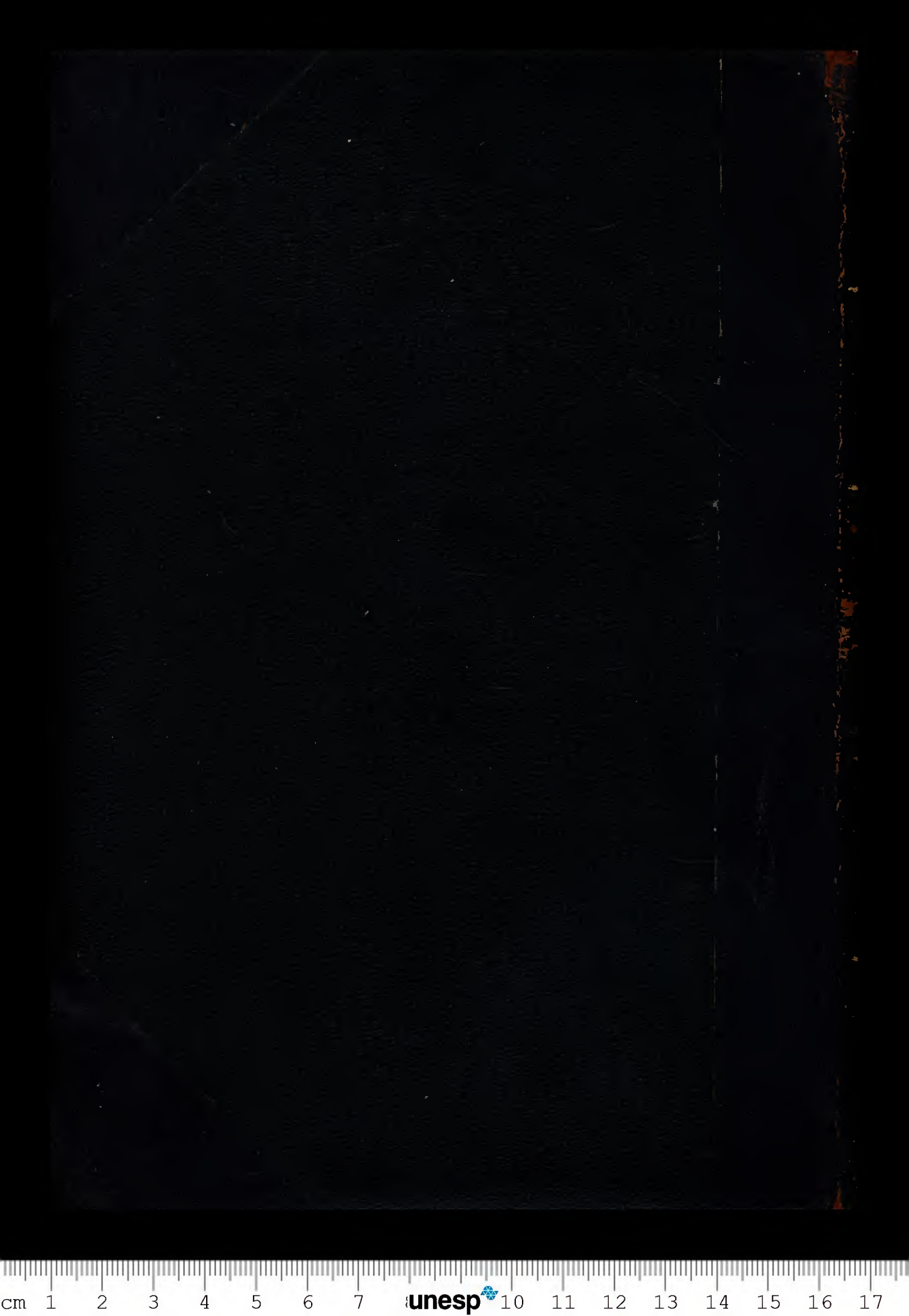
E' gallicismo. BLUTEAU propôs a palavra de certo mais bella — ***voluptade.*** (J. RIB., Gram., cap. XVI).

Em seu logar temos *sensualidade, lubricidade, gozo, delicia, deleite, lascivia, prazer,* e outros.

Voluptuoso —

E' adjectivo francês, que pode ser substituido por — *libidinoso, lascivo, carnal, . sensuul, deshonesto, torpe, lubrico, dissoluto, licencioso, incasto, bestial.*

Zoophyto —

Gallicismo de pronuncia. ***Zoóphyto*** é como se deve dizer.

FIM.